

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Área de Linguística Aplicada

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS:
da linguagem publicitária para a sala de aula**

Aline Luiza da Cunha

Belo Horizonte
2012

Aline Luiza da Cunha

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS:
da linguagem publicitária para a sala de aula**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Ensino de português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte
2012

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C972e Cunha, Aline Luiza da.
As expressões idiomáticas [manuscrito] : da linguagem publicitária para a sala de aula / Aline Luiza da Cunha. – 2012. 115 f.: il. (p&p), enc.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino de Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 109-112.

Apêndice: f. 113-115.

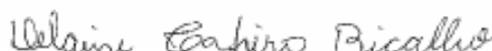
1. Língua portuguesa – Expressões idiomáticas – Teses. 2. Língua portuguesa – Estilo – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 4. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 5. Língua portuguesa – Fraseologia – Teses. 6. Discurso publicitário – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.83

Dissertação intitulada *Expressões Idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula*, defendida por ALINE LUIZA DA CUNHA em 06/03/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:


Dr. Aderlande Pereira Ferraz - UFMG
Orientador


Dra. Elizabete Aparecida Marques - UFMGS


Dra. Delaine Cafiero Bicalho - UFMG

Ao meu querido pai.
Razão da minha vida

Agradecimentos

A Deus, pela luz que sempre iluminou o meu caminho;

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa;

Meu profundo agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz, cujo conhecimento, paciência e incentivo foram extremamente importantes para minha formação acadêmica e, especialmente, para a criação deste trabalho;

Ao meu pai, José Gonçalves da Cunha Neto, pelo apoio e amor incondicional e por ter me iniciado no mundo das letras, quando, mesmo cansado do trabalho, me ensinava a ler;

À minha linda mãe, Maria de Fátima, cuja presença espiritual sempre guiou os meus passos;

À minha irmã, Lidiane, que mesmo distante sempre apoiou minha vida acadêmica;

Aos meus queridos avós, Otacílio e Ana Coelho, por terem contribuído com a minha formação pessoal e espiritual;

Ao meu namorado, Anderson, por ter sido compreensível nos momentos de minha ausência;

A todos os meus amigos, especialmente, Ana Paula Santos, Fabiana Souza, Ruy Morato, Geraldo Liska, Renise Santos, Juliane Marques, Raquel Rezende, Élide Martins, que contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

À minha amiga, Marina Morena, pela amizade sincera e pela disponibilidade de me ouvir sempre.

À minha companheira de congressos, Profa. Solange Campos, pela amizade e carinho.

Às professoras: Dra. Delaine Cafiero Bicalho, Dra. Elizabete Aparecida Marques e Dra. Maria Cândida Trindade Seabra, por terem aceitado compor a banca examinadora.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Manejar sabiamente uma língua é praticar uma espécie de feitiçaria evocatória.

Charles Baudelaire

RESUMO

Esta pesquisa, essencialmente qualitativa, tem por objetivo principal apontar, através de uma análise das expressões idiomáticas encontradas na linguagem publicitária, como estas unidades complexas podem contribuir para o desenvolvimento da competência lexical, isto é, a ampliação lexical qualitativa do aluno da Educação Básica. Consideramos que as expressões idiomáticas são representantes legítimas do patrimônio lexical da língua portuguesa e que, portanto, não podem continuar a ser ignoradas no ensino de português como língua materna. De modo a privilegiar a reflexão sobre a inclusão das expressões idiomáticas no ensino, tecemos considerações sobre a Fraseologia, área de estudo que se preocupa com as unidades fraseológicas, demonstrando que a interface entre expressões idiomáticas e ensino de língua materna ainda é pouco discutida. Além disso, discutimos o conceito de expressões idiomáticas, evidenciando, sobretudo, as características básicas para o reconhecimento dessas unidades. Como nosso *corpus* de pesquisa é composto por expressões idiomáticas veiculadas em textos publicitários, apresentamos uma ampla discussão acerca do gênero textual em questão. Além disso, ressaltamos em nossa análise as variações que podem ocorrer com estas estruturas dentro do discurso publicitário. Por fim, no que tange ao ensino do léxico, apresentamos reflexões oriundas dos PCN (1998), que evidenciam a função do ensino de português, para mostrar que as expressões idiomáticas são elementos indispensáveis para o desenvolvimento da competência lexical e, conseqüentemente, da competência comunicativa dos falantes.

Palavras-Chave: Expressões idiomáticas, publicidade, língua materna, competência lexical.

ABSTRACT

This qualitative research aims at showing how idioms contribute to the development of lexical competence through an analysis of these complex units in written texts in advertising. In other words, this research intends to contribute to a lexical expansion of students' basic education. We consider that idioms are legitimate representatives of the lexical foundation of the Portuguese language and, therefore, these constructions can no longer be ignored in the teaching process of Portuguese as mother tongue. In order to argue that the inclusion of idioms is significant in education, we presented some considerations about Phraseology, an area of study that is concerned with the phraseological units. We also demonstrated that the interface between idioms and the teaching process of language has been poorly discussed. In addition, we discussed the concept of idioms, showing specially the basic features for the recognition of these units. As our research *corpus* consists of idioms founded on advertisements, we presented an extensive discussion about the genre in question. Furthermore, we emphasized in our analysis that these constructions can vary in the written texts in advertising. Finally, with regards to teaching vocabulary, we outlined some arguments discussed in the PCN (1998), especially when they reveal the function of the teaching process of Portuguese in order to show that idioms are indispensable for the development of lexical competence and, hence, the speakers' communicative competence. The study makes manifest a revitalization of the use of idioms in brief written texts of wide circulation.

Key-Words: Idioms, advertisements, mother tongue, lexical competence

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pesquisadores brasileiros que atuam na área de Fraseologia	23
Quadro 2: Transformações observadas nas colocações. (GAMA, 2009).....	32
Quadro 3: Divisão das fórmulas rotineiras (CORPAS PASTOR, 1996).....	35
Quadro 4: Categorização das locuções. (CORPAS PASTOR, 1996).....	40
Quadro 5: Variações das expressões idiomáticas. (XATARA, 1995)	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação vetorial das construções com verbo suporte em relação ao aspecto semântico (DIAS & GARRÃO, 2001, p. 171).....	36
Figura 2: Locuções significantes e conexivas (NOGUEIRA, 2008, p. 65).....	39
Figura 3: Revista Veja, 04/05/2005. p. 115.	56
Figura 4: Revista Veja , 15/12/2004. p. 05 (encarte 2).....	56
Figura 5: Veja, 8/12/2004, p. 141.....	71
Figura 6: Revista Veja, 22/03/2000	80
Figura 7: Revista Veja, 22/03/2005	81
Figura 8: Imagem que ilustra o tratamento das EIs nos LDP	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**

EIs – **Expressões Idiomáticas**

UFs – **Unidades fraseológicas**

LDP – **Livro Didático de Português**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	18
FRASEOLOGIA	18
1.1 Considerações acerca da Fraseologia	19
1.2 Fraseologia: disciplina autônoma?	20
1.3 Fraseologia no Brasil	22
1.4 As unidades fraseológicas (UFs)	26
<i>1.4.1 Colocações: combinações livres ou UFs?</i>	29
1.5 Tipos de unidades fraseológicas	32
<i>1.5.1. Provérbio</i>	33
<i>1.5.2. Fórmulas rotineiras (frases feitas)</i>	34
<i>1.5.3. Construções com verbo suporte</i>	35
<i>1.5.4. Expressões Idiomáticas</i>	37
1.5.4.1 Expressões idiomáticas vs. Provérbios	41
1.5.4.2 Expressões idiomáticas vs. Fórmulas rotineiras	41
1.5.4.3 Expressões idiomáticas vs. Construções com verbo suporte	41
<i>1.5.5 Características básicas para o reconhecimento das Expressões idiomáticas</i>	42
CAPÍTULO II	52
AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO	52
2.1 Características do discurso publicitário	53
2.2 Expressões idiomáticas e suas correspondentes no discurso livre	59
2.3. Tipologia morfossintática	62
<i>2.3.1. Algumas considerações em torno da tipologia morfossintática</i>	66
2.4. Tipologia semântica	67
2.4.1. Algumas considerações em torno da tipologia semântica	68
2.5. Variação das Expressões idiomáticas nos textos publicitários	68
<i>2.5.1 Considerações em torno das variações da EIs</i>	77
2.6. Expressões idiomáticas de estruturas em aberto	78
2.7. Expressões idiomáticas neológicas	79
<i>2.7.1 Outros exemplos de expressões neológicas e sua tipologia</i>	81

2.8 Considerações acerca das expressões idiomáticas no discurso publicitário	82
CAPÍTULO III	84
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	84
3.1 O ensino de expressões idiomáticas no livro didático	86
3.2 A importância do gênero textual no processo de ensino-aprendizagem.....	88
3.3 As implicações do léxico e da linguagem no ensino de língua materna.....	89
3.3.1 <i>A competência léxico-fraseológica</i>	91
3.3.2 <i>Propostas de atividades</i>	92
3.3.3 <i>Reflexão em torno das atividades propostas</i>	96
3.4 Aspectos cognitivos relacionados às expressões idiomáticas	97
3.5 O papel do professor no ensino-aprendizagem do léxico	102
3.6 Expressão idiomática no dicionário especial pedagógico	103
3.7 Considerações em torno do processo de ensino /aprendizagem do léxico.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
Obras consultadas	112
APÊNDICE	113
Contexto das expressões idiomáticas	114

INTRODUÇÃO

“Não basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso”.

Antunes (1996, p. 53)

A exemplo de Antunes (2007), esta pesquisa rejeita a visão simplista de um ensino de língua portuguesa fundamentado apenas no saber gramatical. Essa visão é rejeitada pelo o fato de acreditarmos que a língua, além de comportar a gramática, também admite um léxico. Nessa perspectiva, Antunes (2007, p.55) salienta que “Ninguém fala, ouve, lê ou escreve sem gramática, é claro, mas a gramática sozinha é absolutamente insuficiente”. Desta forma, ressaltamos que, para falar, ler e escrever de forma adequada, o falante precisa dispor de mais do que conhecimentos gramaticais, ele precisa possuir um bom repertório lexical, além de conhecimentos relacionados às normas sociais do uso da língua.

De fato, o ensino de Língua Portuguesa com enfoque somente na gramática começou a ser reformulado nas décadas de 60 e início da década de 70 do século XX. No entanto, as mudanças se estabeleceram somente no início da década de 80, deste mesmo século, com apoio de pesquisas produzidas no âmbito da variação linguística e da sociolinguística. Sob influência dessas pesquisas, o ensino de Língua Portuguesa deve permitir que os alunos reflitam sobre a linguagem para que estes possam compreendê-la e finalmente utilizá-la de forma apropriada frente às diferentes situações e propósitos. Desta forma, o ensino consolida-se em práticas “em que tanto o ponto de partida e o ponto de chegada é o uso da linguagem”(PCN, p.31).

Com essa nova visão sobre o ensino, uma série de reformulações curriculares começou a se desenvolver quanto às práticas de ensino. Entre outras mudanças, passou-se a privilegiar, pelo menos em tese, a admissão das variedades linguísticas no contexto escolar, uma vez que estas são próprias dos alunos. Além disso, o trabalho com textos autênticos ganhou espaço como objeto de ensino, visto que textos adaptados para o aprendizado na escola não refletiam a língua real (PCN, 1998). O trabalho que enfatiza as variantes linguísticas e os textos autênticos vai ao encontro do objetivo primordial do ensino e aprendizagem de língua portuguesa no que tange aos padrões de fala e escrita, como podemos observar nos PCN (1998):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua interação enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN, 1998, p.31)

Considerando os objetivos do ensino de língua portuguesa discriminados acima, percebemos, atualmente, um contexto ainda paradoxal, em que teoria e prática se opõem. Desta forma, esperamos com esta pesquisa encurtar as distâncias entre a teoria e prática, na medida em que propomos um trabalho que valoriza uma parcela do léxico esquecida dentro de sala de aula. Nesse sentido, um trabalho com as expressões idiomáticas, doravante EIs, favorece o reconhecimento de expressões que fazem parte da riqueza lexical da língua portuguesa e do cotidiano dos alunos.

O trabalho com as expressões idiomáticas ainda é muito restrito, principalmente no contexto de ensino/aprendizagem de língua materna. Sobre esse assunto, Xatara (1995) afirma existir uma escassez de estudos que abordam tais estruturas e faz uma série de questionamentos a esse respeito:

Mas por que há ainda um número reduzido de estudos aprofundados sobre elas? Por que muitas EIs não fazem parte dos nossos dicionários? Por que há tão pouco espaço para elas nas gramáticas? Por que, enfim, as EIs são tratadas como um problema marginal na pesquisa lingüística ou no ensino/aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira? (XATARA, 1995, p. 195)

No que concerne ao ensino de língua materna, o estudo sistemático das expressões idiomáticas tem sido amplamente desconsiderado. Os livros didáticos de ensino fundamental não apresentam quase nenhuma abordagem exploratória sobre essas unidades complexas. Para explicar tal fato, Rey (2004, *apud* NOGUEIRA, 2008, p. 41) afirma que existe um preconceito em relação ao estudo das expressões idiomáticas dentro da sala de aula de língua materna, uma vez que estamos tratando de unidades que não pertencem ao registro formal da língua. Contudo, Fillmore, (1979, *apud* ORTÍZ ALVAREZ, 2002) postula que o estudo das expressões idiomáticas representa uma contribuição para a fluência do falante, pois este deve conhecer, além da gramática e do léxico de uma língua, o repertório de formas cristalizadas e seus significados metafóricos, bem como saber

adequá-las a contextos específicos.

Não podemos deixar de mencionar, no entanto, que as expressões idiomáticas vêm recebendo mais atenção por parte dos especialistas, principalmente na área da tradução e da lexicografia. No âmbito da linguística, existem vários trabalhos que valorizam o ensino das EIs voltado para o ensino de línguas estrangeiras, ao passo que, para o ensino de português como língua materna, a discussão ainda é bem tímida. Este cenário pode ser consequência do preconceito em torno das EIs. Como as expressões idiomáticas são consideradas próprias da fala, existe um preconceito linguístico em torno dessas estruturas. Além disso, Nogueira (2008) acrescenta que essas estruturas, por terem semelhanças com as frases feitas, são consideradas produções sem originalidade e não contribuem para a arte de aprender a escrever bem. De acordo com o autor, esse fato justifica a escassez de expressões idiomáticas nos livros didáticos de português e também a não inclusão das EIs no ensino do léxico.

Deste modo, o trabalho com as EIs, que propomos nesta pesquisa, pode contribuir para a formação de um aluno competente em sua própria língua, isto é, o aluno consciente sobre as diferentes formas de expressão e o uso adequado destas. Como consequência, esperamos colocar em foco reflexões que possam enriquecer as discussões em torno do ensino do léxico, especialmente o trabalho com as EIs na língua portuguesa como língua materna. Como salientamos anteriormente, a combinação EIs e língua materna ainda é assunto pouco discutido. Espera-se também com essa pesquisa contribuir para diminuir o preconceito linguístico para com as formas não canônicas, ou seja, aquelas que não pertencem à variedade culta da língua, como as EIs.

Nesta pesquisa, quando falamos do aluno estamos pensando no aluno do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, que atualmente correspondem ao período de 6º ao 9º anos. De modo geral, é nessa etapa da vida, que compreende a adolescência e a juventude, o período em que “o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re) constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais.” (PCN, 1998, p. 45). Ainda de acordo com os PNC (1998), nesta fase, o aluno consolida sua autonomia na tomadas de decisões e “a partir da nova percepção da realidade dos direitos e deveres sociais e da responsabilidade crescente por seus atos, a constituição e reformulação de valores e novos desdobramentos para o exercício da cidadania.” (PCN, 1998, p. 46). Todas essas transformações sofridas pelo aluno na fase escolar em questão, de certa forma, afetam diretamente a linguagem.

No que tange às transformações cognitivas, os PCN (1998) declaram que “a adolescência implica a ampliação de formas de raciocínio, organização e representação de observações e

opiniões, bem como o desenvolvimento da capacidade de investigação, abstração, análise na direção de raciocínio cada vez mais formal.” (p. 46). Em relação às transformações socioculturais, a adolescência é marcada pelo período em que o aluno desenvolve comportamentos e uma série de valores que são responsáveis pela formação de sua identidade. De acordo ainda com os PCN (1998), esses valores e comportamentos “atuam como forma de identidade, tanto no que diz respeito ao lugar que ocupam na sociedade e nas relações que estabelecem com o mundo adulto quanto no que se refere a sua inclusão no interior de grupos específicos.” (p. 46).

Considerando todas as transformações que ocorrem na fase escolar em questão, é necessário que a escola atue de forma a permitir que os alunos se reconheçam no mundo através da própria linguagem. Neste sentido, o trabalho com as EIs veiculadas em textos publicitários pode contribuir para que o aluno identifique e valorize um vocabulário que está presente em sua vida cotidiana em um gênero como o texto publicitário. O trabalho com a publicidade, em particular, ganha uma maior importância nesta fase da adolescência, uma vez que para muitos alunos a necessidade de trabalhar surge no intuito de assumir responsabilidades de adultos ou “para experimentar a possibilidade de dispor de bens de consumo para os quais há grande apelo social (...)” (PCN, 1998 p. 46). Levando esse fato em consideração, com esta pesquisa esperamos instigar as reflexões para que o trabalho com a publicidade seja valorizado em sala de aula. Um trabalho que incentive o aluno a refletir e conhecer todas as características do gênero em questão, especialmente as escolhas lexicais, para que este aluno possa lidar adequadamente com esse gênero textual fora do ambiente escolar.

Como em nossa visão o ensino do léxico deve ser feito através de atividades que proporcionam uma reflexão sobre a língua real, escolhemos trabalhar com as EIs de forma contextualizada em textos autênticos, como os textos publicitários. Além disso, tivemos o cuidado de escolher o texto publicitário por se tratar de um gênero textual, cuja expressividade é uma característica e, desta forma, observamos a predominância das expressões idiomáticas. Desse modo, esta pesquisa vai ao encontro das práticas de ensino desejadas pelos PCN (1998) que acredita que, para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa, ele precisa ter acesso a textos autênticos e também às variantes linguísticas.

Entendemos, no entanto, que deve haver na comunidade escolar, sobretudo entre os professores, uma conscientização sobre a heterogeneidade do léxico e sobre a necessidade de mostrar aos alunos que ser competente na língua é, acima de tudo, dispor de um vocabulário que inclua as variantes da língua, como as EIs e saber adequar o repertório lexical disponível de acordo com o contexto e a situação. Porém, entendemos que, para atuar como mediador no processo de

ensino-aprendizagem, o professor deve estar seguro sobre o que realmente é uma expressão idiomática. Nesse sentido, esta pesquisa servirá como um material de apoio que subsidiará o professor no trabalho com as expressões idiomáticas, contextualizadas em textos publicitários.

Para alcançar os objetivos propostos e os impactos esperados, esta pesquisa foi dividida em três capítulos que serão brevemente discutidos a seguir:

No capítulo I, tecemos uma breve história da Fraseologia, uma área de estudo que se preocupa em descrever as unidades fraseológicas. Como o foco desta pesquisa recai sobre as expressões idiomáticas, tendemos para as discussões acerca dessas unidades complexas, ressaltando características utilizadas para defini-las. Além disso, discutimos as EIs como ponto de interface para outras disciplinas ou áreas de estudos, como a tradução, a lexicografia e ensino de línguas. Assumimos que as reflexões e discussões que se desenvolveram no capítulo I contribuirão de forma incontestável para a Fraseologia como área de estudo, especialmente no que concerne ao ensino das EIs.

O capítulo II é composto pela análise do *corpus* da pesquisa. Esta análise resalta as características morfosintáticas e semânticas das expressões idiomáticas em textos publicitários, veiculados em revistas que possuem uma grande circulação nacional, Veja, IstoÉ e Época. Esta análise evidencia, também, variações que ocorrem com as EIs dentro do discurso publicitário, além de trazer reflexões sobre a publicidade, mostrando que este gênero textual é marcado pela grande utilização das EIs.

No capítulo III, procedemos com reflexões que evidenciam a importância de se trabalhar com as EIs no ensino do léxico, nas aulas de português como língua materna. Nesse sentido, ressaltamos que as EIs contribuem de modo a desenvolver a competência lexical, bem como a ampliação lexical do falante. Apresentamos, também, no capítulo III, atividades que contribuem para o desenvolvimento dos componentes compreendidos pela competência lexical. Como nossa linha de pesquisa é o ensino, acreditamos ser pertinente compor o capítulo III com discussões relacionadas à visão cognitivista no que se refere às EIs. Além disso, discutimos no último capítulo o papel do professor como protagonista no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Esperamos assim que esta pesquisa possa contribuir para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, no que concerne ao ensino do léxico em língua materna.

CAPÍTULO I

FRASEOLOGIA

Considerada por alguns estudiosos como uma subdisciplina da lexicologia, a fraseologia é um campo que se preocupa em estudar as unidades fraseológicas de uma língua. Por unidades fraseológicas consideramos as combinações fixas que podem assumir a função e/ou o significado de palavras individuais. Entretanto, o termo fraseologia é considerado ambíguo, como afirma Silva (2006, p. 13):

O termo *fraseologia* é ambíguo. Se por um lado compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer o fraseoléxico de uma língua, por outro lado, fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico.

A fraseologia, segundo o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” (2001), está ligada às áreas da gramática, lexicologia e linguística. O referido dicionário define fraseologia em dois aspectos distintos: o primeiro, relacionado com a área de estudo, que diz que fraseologia é um estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua; em contrapartida, fraseologia também pode ser definida no âmbito do objeto de estudo, e diz respeito à frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geralmente não é literal. O dicionário ilustra tal definição com o seguinte exemplo de uma expressão cristalizada: *fazer uma tempestade em um copo de água*.

Na tentativa de desfazer essa ambigüidade e evitar confusões entre os termos, preferimos utilizar Fraseologia com letra inicial maiúscula para nos referirmos ao campo de estudos e fraseologia com letra inicial minúscula para designar o conjunto de unidades fraseológicas que será representado pela sigla UFs.

1.1 Considerações acerca da Fraseologia

É sabido que os estudos sobre as combinações fixas remontam à Antiguidade. Desde essa época existem discussões relacionadas às formações de palavras, sintagmas, locuções. Entretanto não existe um consenso por parte dos estudiosos da área de lexicologia sobre o período em que os estudos sobre a fraseologia alavancaram.

Ortiz Alvarez (1997) afirma que as primeiras pesquisas sobre as combinações fixas de lexemas foram feitas por Bally, no entanto essas pesquisas encontraram apoio somente nos anos trinta na União Soviética. Silva (2006) discorda da estudiosa mencionada, ao afirmar que, embora a constituição da Fraseologia como campo de investigação seja recente, Saussure já teria feito referência às locuções. Entretanto, a contribuição e o mérito de Bally não são descartados, uma vez que foi o pesquisador quem introduziu pela primeira vez o termo *phraséologie*, segundo Silva (2006), utilizado “para abarcar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, por uma parte aos grupos usuais ou séries fraseológicas e, por outra, às unidades fraseológicas”. (SILVA, 2006, p. 13)

Já para Corpas Pastor (1996), a Fraseologia teve suas origens na década de cinquenta na antiga URSS, apontada pela autora com uma região que proporcionou uma enorme contribuição para os estudos sobre a fraseologia.

Na Europa ocidental, segundo Ortiz Alvarez (1997), somente nos anos sessenta do século XX, com a semântica estrutural, é que os estudos sobre a fraseologia despontaram. Nesse mesmo período os Estados Unidos também demonstravam uma preocupação com um tipo de fraseologismo, as expressões idiomáticas com a proposta da gramática gerativo- transformacional que demonstrava um forte interesse por essas estruturas complexas. (ORTIZ ALVAREZ, 1997, pág. 196).

Gama (2009) postula que os estudos que se referiam à co-ocorrência frequente entre unidades lexicais despontaram em Firth (1957), tratando especificamente de colocação. No entanto, a autora citada faz questão de salientar que esse tema já teria despontado nos trabalhos de Saussure, Bally e Porzig (CORPAS PASTOR, 1996, P.54).

1.2 Fraseologia: disciplina autônoma?

O *status* da Fraseologia como disciplina autônoma sempre foi amplamente discutido pelos pesquisadores interessados na área. Existem dois argumentos opostos em relação a esse assunto. Alguns pesquisadores acreditam que a Fraseologia deve ser considerada uma disciplina autônoma, em contrapartida, outros estudiosos a julgam simplesmente um ramo da linguística que depende de outras disciplinas, sendo, portanto, a Fraseologia um campo interdisciplinar.

Gurilho (1997) citada por Školníková (2010) defende que a Fraseologia deve ser considerada uma disciplina autônoma pelo fato de dispor de um objeto de estudo independente e também de um método científico e descritivo relativamente específico. Todavia, outros estudiosos colocam em questão o caráter autônomo da Fraseologia com o argumento de que as UFs não possuem uma classificação unitária do sistema léxico-semântico e que os fenômenos utilizados para explicar as UFs não são exclusivos, uma vez que princípios como a combinabilidade e a idiomaticidade são relacionados a outros processos linguísticos, como afirma Školníková (2010).

Ainda sobre a autonomia da Fraseologia, Coseriu e Pottier (*apud* ŠKOLNÍKOVÁ, 2010) postulam que a Fraseologia é considerada um ramo da lexicologia por se preocupar com as combinações de palavras que podem ser analisadas no mesmo âmbito das palavras simples, e, sendo assim, não deve ser avaliada como uma disciplina independente.

De fato, a Fraseologia consiste em uma área de intercessão entre várias disciplinas. Algumas disciplinas, geralmente, delegam uma grande preocupação com aspectos que envolvem as UFs. Assim, mesmo a Fraseologia não sendo uma disciplina autônoma, ela desempenha um papel de extrema relevância no cenário linguístico, principalmente por seu caráter interdisciplinar. A seguir ressaltaremos as disciplinas que também se preocupam com as UFs.

No âmbito da Terminologia, embora o tema seja considerado recente, essas estruturas ganham o status de fraseologia especializada, uma vez que integram as comunicações humanas no plano das temáticas especializadas. Krieger e Finnato (2004) afirmam que a idéia de fraseologia está relacionada a uma estruturação linguística estereotipada cuja interpretação semântica independe dos sentidos estritos dos elementos que compõem a estrutura. As autoras citam as frases feitas, provérbios, locuções verbais e nominais (expressões idiomáticas) como exemplos de fraseologias.

Na esfera da Lexicografia, a fraseologia representa um grande desafio para os lexicógrafos. Ortiz Alvarez (1997) aponta dois fatos que, segundo a autora, estão no centro das preocupações dos

estudiosos na área lexicográfica. O primeiro relaciona-se com a falta de sistematização dos estudos referentes a essas unidades fraseológicas. De fato, podemos constatar que os estudos sobre as unidades fraseológicas são sempre muito fragmentados dentro de diversas áreas, uma vez que a Fraseologia não se constitui uma disciplina autônoma, e, conseqüentemente, resulta em uma falta de sistematização, o que acarreta prejuízos para todas as áreas. O outro fato está ligado à falta de clareza sobre o conceito de algumas unidades fraseológicas como, o da expressão idiomática. Para a autora citada, uma análise mais profunda sob a ótica da lexicologia poderia potencializar os estudos das unidades fraseológicas, pois essa ação forneceria informações essenciais para a identificação das estruturas e poderia estabelecer critérios para que a inclusão destas nas obras lexicográficas seja feita de forma satisfatória.

Do ponto de vista prático, a Lexicografia também deixa a desejar em se tratando da inclusão de unidades fraseológicas nos dicionários. Xatara (1995) observa o problema do tratamento das expressões idiomáticas nos dicionários. Segundo essa autora, as referidas expressões são indecomponíveis, e, portanto, deveriam aparecer como entradas específicas nos dicionários. Biderman (2001, p. 173) concorda que as expressões idiomáticas deveriam ter entradas individualizadas para que sua localização seja facilitada. Xatara (*op.cit*) sinaliza, também, a ausência de um critério seguro para inclusão das expressões idiomáticas, e mostra que ao consultar um dicionário o consulente pode ter dificuldades para encontrar uma expressão fixa. Tal fato aponta para a ineficiência dos dicionários no que diz respeito à inclusão de expressões fixas. Biderman (2001, p. 173) também observa o tratamento lexicográfico dado às expressões e aponta a ausência de critérios para a inclusão. Para a autora, a prática de inserir as expressões, ora na entrada do primeiro verbo, ora na entrada do substantivo, demonstra a falta de sistematicidade dos dicionários.

A Tradução também é uma área que destina uma grande preocupação com as unidades fraseológicas, principalmente em se tratando da elaboração de tradutores eletrônicos. Dias e Garrão (2001) apontam as expressões cristalizadas, ou seja, expressões compostas por mais de um vocábulo e que de certa forma apresentam um grau de soldadura entre os elementos que a compõem, como aquelas que representam um grande problema para a tradução. Deste modo, o desafio para a área consiste em não considerar as UFs como fragmentos sintáticos e sim como unidades lexicais.

No domínio do ensino de línguas, sejam elas materna ou estrangeira, o estudo do léxico, principalmente das UFs, sempre esteve à margem do processo de ensino e aprendizagem. Como o ensino da gramática era privilegiado nos métodos e abordagens, pouca atenção era atribuída para o

ensino de estruturas complexas do léxico. Nesse aspecto, Xatara (1995) concorda que os primeiros métodos de ensino de língua materna ou estrangeira eram respaldados pelo aspecto normativo da língua, conseqüentemente dava-se ênfase somente à escrita e excluía-se a oralidade. Assim, como muitas unidades fraseológicas são próprias da língua falada, essas eram negligenciadas no ensino do léxico. Para a autora, o surgimento de correntes teóricas, como a psicolinguística e a sociolinguística, ainda não foi suficiente para produzir efeitos nas abordagens e nos métodos, já que as mudanças foram pouco expressivas. As próprias gramáticas contribuem para a marginalização das unidades fraseológicas no ensino do léxico, uma vez que destinam poucas páginas para a apresentação e explicação das unidades em questão. Evanildo Bechara (1999), por exemplo, em sua conhecida gramática, além de destinar poucas páginas ao estudo das expressões idiomáticas, estas estão inseridas no item “*Vícios e anomalias de Linguagem.*”, associadas com estruturas de carga negativa e que, portanto, devem ser evitadas.

Somente na década de 50 do século passado, com a gramática generativo-transformacional de Chomsky, é que se passou a pensar na importância do léxico especial. É, sobretudo, nesse período que as atenções foram direcionadas para as unidades fraseológicas.

1.3 Fraseologia no Brasil

No Brasil, embora ainda considerados recentes, os estudos sobre a Fraseologia vêm despertando o interesse de muitos pesquisadores. Mesmo que em diferentes perspectivas, seja na tradução, na Terminologia, na Lexicografia ou no ensino do léxico, muitos estudiosos têm contribuído com pesquisas relevantes para o desenvolvimento dos estudos fraseológicos.

O quadro a seguir faz uma exposição de pesquisadores brasileiros que de alguma forma se dedicam aos estudos fraseológicos, mesmo que de uma unidade fraseológica específica. A nosso ver, mesmo se o pesquisador estudar um tipo de fraseologia está contribuindo para a área como um todo. O quadro foi elaborado a partir de uma pesquisa na Plataforma *Lattes*, entendendo essa como uma entidade séria e de grande peso no meio acadêmico. Os resultados foram alcançados através de uma busca por assunto, ou seja, nesse campo foi introduzida a palavra *fraseologia*. O critério utilizado foi a escolha de pesquisadores que estão vinculados a projetos de pesquisa relacionados ao tema fraseologia, ou que desenvolveram trabalhos (dissertação, teses, artigos científicos) na área,

com a ressalva de estarem vinculados a uma instituição superior de ensino brasileira. O objetivo desse quadro é contribuir com futuros pesquisadores interessados na área, haja vista que esse quadro pode norteá-los em relação às referências bibliográficas e possibilitará uma reflexão sobre o cenário brasileiro no que diz respeito aos estudos fraseológicos. Para a composição do referido quadro, optamos por considerar o nome e a instituição a qual o pesquisador está vinculado e teses e/ou dissertações que originaram de pesquisas na área da Fraseologia. Ainda consideramos importante verificar se o pesquisador possui projetos de pesquisas, sejam eles já finalizados ou em andamento, por acreditarmos que estes podem contribuir positivamente para a produção de artigos resultantes de pesquisas.

Quadro 1: Pesquisadores brasileiros que atuam na área de Fraseologia

Pesquisador / instituição	Tese / dissertação sobre fraseologismos	Projetos de pesquisa em andamento e/ou finalizados
<p>Adriane Orenha Ottaiano Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto.</p>	<p>Doutorado em Estudos Linguísticos Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado, Ano de Obtenção: 2009.</p>	
<p>Anna Maria Becker Maciel Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras.</p>		<p>2010–2015: ProjeCOM Combinatórias léxicas especializadas da linguagem legal, normativa e científica Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa</p>
<p>Claudia Maria Xatara Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Departamento de Letras Modernas.</p>	<p>Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês, Ano de Obtenção: 1998. Mestrado em Letras (Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: As expressões idiomáticas de matriz comparativa, Ano de Obtenção: 1994.</p>	<p>2001-2005: Unidades fraseológicas da língua geral Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa. 1997-2000: Dicionário de idiomatismos francês-português / português-francês Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa. 1995 – 1997: Idiomatismos e vulgarismos linguísticos Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa. 1987 – 1990: Dicionário de provérbios português-francês com índice remissivo de palavras-chaves em francês Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.</p>
<p>Cleci Regina Bevilacqua Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas.</p>	<p>Doutorado em Linguística Aplicada . Universidad Pompeu Fabra. Título: Unidades Fraseológicas Especializadas eventvas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar, Ano de Obtenção: 2004.</p>	<p>2010 – 2015: Combinatórias Léxicas Especializadas da Linguagem Legal, Normativa e Científica Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa</p>

	Mestrado em Letras (Conceito CAPES 5) . Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Título: A Fraseologia Jurídico-ambiental, Ano de Obtenção:1996.	
Diva Cardoso de Camargo Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Departamento de Letras Modernas.		2000 – 2001: Provérbios em Português- inglês e valores socioculturais Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Elizabete Aparecida Marques Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras.	Doutorado em Linguística Aplicada . Universidad de Alcalá de Henares. Título: Análisis cognitivo-contrastivo de locuciones somáticas del español y del portugués, Ano de Obtenção: 2007.	2010 – 2011: Uma visão panorâmica da Fraseologia no Brasil nos últimos dez anos Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.
Flamínia Manzano Moreira Lodovici Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, FAFICLA- Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Departamento de Linguística.	Doutorado em Linguística . Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Título: O IDIOMATISMO COMO LUGAR DE REFLEXÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA, Ano de Obtenção: 2007. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (Conceito CAPES 5) . Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Título: Elementos Constitutivos dos Idiomatismos no Português do Brasil, Ano de Obtenção: 1990.	2010 – 2011: Produção de livro didático com idiomatismos Situação: Em andamento; Natureza: Outra.
Huélinton Cassiano Riva Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Pires do Rio.	Doutorado em Estudos Linguísticos (Conceito CAPES 4) . Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas da língua portuguesa usuais na língua portuguesa do Brasil, Ano de Obtenção: 2009. Mestrado em Estudos Linguísticos (Conceito CAPES 4) . Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Proposta de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas, Ano de Obtenção: 2004.	2011 – 2012: Expressões idiomáticas neológicas dos anos 2000. Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.
Jeni Silva Turazza Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Comunicação e Filosofia,		2003 – 2005: Expressões idiomáticas e marcos culturais Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Livia Marcia Tiba Radis Baptista Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades.		2002 – 2004: Estudo contrastivo de expressões idiomáticas Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva Universidade Federal da Bahia,	Doutorado em Linguística Aplicada . Universidad de Alcalá. Título: Fraseografía teórica y práctica. Bases	2008 – 2010: Fraseografía teórica y práctica. Bases para la elaboración de um

<p>Instituto de Letras, Departamento de Letras Românicas.</p>	<p>para un diccionario de locuciones verbales español-portugués., Ano de Obtenção: 2004.</p>	<p>diccionario de locuciones. (Universidad de Alcalá) Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa. 2003 – 2006: Diccionario de locuciones para la enseñanza del español (Universidad de Alcalá) Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.</p>
<p>Maria Luisa Ortíz Alvarez Universidade de Brasília.</p>	<p>Doutorado em Linguística Aplicada . Universidade de Campinas. Título: Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: implicações para o ensino de português/LE, Ano de Obtenção: 2000.</p>	<p>2005 – 2012: O arco fraseológico e a sua equação com as subáreas da linguística aplicada. Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.</p>
<p>Marilei Amadeu Sabino Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Departamento de Letras Modernas.</p>		<p>2010 – 2012: Glossário de Expressões Idiomáticas Italiano-Português. Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.</p> <p>2008 – 2009: Estudo Diacrônico do Tratamento dado a Expressões Idiomáticas, em Dicionários de Língua Portuguesa dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI: subsídios que visam contribuir com a Lexicografia Pedagógica. Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.</p> <p>2007 – 2009: Grande Dicionário Onomasiológico de Provérbios Italiano-Português (Segunda etapa) Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.</p> <p>2004 – 2006: Dicionário onomasiológico de Provérbios Italiano-Português (Temas arrolados nas letras de A a L). Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa</p>
<p>Paula Christina Falcão Pastore Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.</p>	<p>Doutorado em Estudos Linguísticos . Universidade Estadual Paulista. Título: Expressões Idiomáticas inglês-português com nomes de animais: um estudo baseado em corpora, Ano de Obtenção: 2009.</p> <p>Mestrado em Estudos Linguísticos (Conceito CAPES 4) . Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês relativas a animais, Ano de Obtenção: 2002.</p>	
<p>René Gottlieb Strehler Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.</p>	<p>Doutorado em Sciences du Langage . Université de Nice-Sophia Antipolis. Título: Étude d'unités phraséologiques en portugais du Brésil : aspects théoriques et application à la traduction, Ano de Obtenção: 2002.</p>	
<p>Stella Esther Ortweiler Tagnin Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento</p>	<p>Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (Conceito CAPES 6) . Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: LEVELS OF CONVENTIONALITY</p>	

de Letras Modernas.	AND THE TRANSLATOR'S TASK, Ano de Obtenção: 1987. Orientador: MARTHA STEINBERG. Palavras-chave: Convencionalidade; Idiomaticidade; Tradução.	
Susana Quinteros de Creus Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras	Doutorado em Linguística e Letras (Conceito CAPES 5) . Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil. Título: Expresiones idiomáticas. Un enfoque semántico argumentativo., Ano de Obtenção: 2004.	
Tatiana Helena Carvalho Rios Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas	Doutorado em Estudos Linguísticos (Conceito CAPES 4) . Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol, Ano de Obtenção: 2010. Mestrado em Estudos Linguísticos (Conceito CAPES 4) . Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Idiomatismos português-francês-espanhol com nomes de partes do corpo humano, Ano de Obtenção: 2004.	2010 –Atual: (Re)conhecendo unidades léxicas da língua materna / estrangeira por meio da Linguística Contrastiva. Situação: Em andamento; Natureza: Outra.

1.4 As unidades fraseológicas (UFs)

As unidades fraseológicas, com suas particularidades, vêm despertando cada vez mais as atenções dos pesquisadores. Entretanto, estabelecer um conceito que abarque todas as unidades fraseológicas não consiste em uma tarefa fácil para os estudiosos da área da Fraseologia, tampouco, estabelecer fronteiras que definam quais as unidades fraseológicas devem ser objeto de estudo da área. Sobre essa temática, Nogueira (2007, p. 62) acrescenta que:

[...] determinar os limites das UFS, classificando-as satisfatoriamente, não tem sido uma tarefa fácil para aqueles que se propuseram a fazê-lo, tampouco se têm obtido resultados que atendam completamente às expectativas dos estudiosos da área. Definir e classificar as UFs constitui-se, portanto, num dos aspectos mais controvertidos da investigação no campo da fraseologia.

Com o objetivo de tentar buscar um conceito de unidades fraseológicas que norteie este trabalho, será realizada uma breve retomada de alguns estudiosos. Além disso, na tentativa de

tornar esse assunto menos controverso, serão discutidas as posições de pesquisadores em relação aos tipos de unidades fraseológicas.

Para Ortiz Alvarez (1997, p.194) as unidades fraseológicas “[...] são combinações de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos.” Para a autora mencionada, existe uma relação, de ordem semântica e sintática, entre os elementos constituintes das UFs. Além disso, as UFs, cujo significados não são dados pelos constituintes separadamente, não pertencem a uma categoria gramatical específica, pois podem desempenhar funções gramaticais diferentes.

Sobre esse assunto, Vilela (2002) ressalta que as UFs funcionam, do ponto de vista sintático e semântico, como unidades lexicais no sistema linguístico. Para o referido autor, as UFs são “[...] combinações fixas (diria mesmo, congeladas) de uma dada língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais.” (VILELA, 2002, p.160)

Uma conceituação mais específica é apresentada por González Rey (2004) citada por Nogueira (2007) que nos mostra as UFs como aquelas unidades caracterizadas pela pluriverbalidade (pela presença de pelo menos duas unidades lexicais na estrutura); fixação dos componentes (os componentes de uma UF estabelecem uma relação estável entre si); idiomaticidade (o sentido de uma UF é apreendido através de uma leitura não composicional); iconicidade da sequência fixada (representa um mundo real, mesmo que abstrato), repetição no discurso (como as UFs são estáveis e fixas sempre se repetem com a mesma forma no discurso); e por fim a institucionalidade (reconhecimento pela comunidade de falantes).

Nogueira (2007) parte para um conceito mais geral do que aquela postulada por González Rey (op. cit.). Para o pesquisador, as UFs são:

[...] construções formadas por meio da combinação de dois ou mais elementos, com certo grau de fixação, cunhadas ao longo dos anos (colocação, locução idiomática ou expressão idiomática, e ainda as parêmiat: refrões e provérbios e outros enunciados fraseológicos) cada uma com suas características. (NOGUEIRA. 2007, p. 43).

Essa definição é um pouco mais cautelosa na medida em que são apresentadas as características comuns a todas as UFs e é especificado que cada uma possui traços peculiares. Dessa forma, podemos concluir que seria um tanto inadequado estabelecer um conceito geral e único para todas as UFs, um vez que cada uma delas, embora compartilhem características, possuem

propriedades típicas.

Além de conceituar as UFs, é importante estabelecer quais são os tipos de UFs que seriam do domínio de estudo da Fraseologia. Para isso, é necessário, primeiro, que se estabeleça uma diferença clara entre as UFs e as combinações livres do discurso.

As combinações livres são geradas a partir das regras de uma dada língua, porém são combinações efêmeras, ou seja, são geradas em uma situação sem a obrigatoriedade de se repetir novamente com a mesma forma. Por outro lado, as UFs são construções estáveis que geralmente se repetem com a mesma configuração, uma vez que os seus constituintes estabelecem uma relação de dependência uns com os outros. Vilela (2002, p. 159) concorda ao afirmar que “a técnica livre do discurso é toda a combinação gerada pelas regras combinatórias jogando com as propriedades sintáticas e semânticas, como, por exemplo, as regras que regulam a relação entre verbo e respectivos complementos.” O estudioso ainda faz uma oposição entre as combinações livres e as construções do “discurso repetido” que, para ele, se equivalem as UFs.

Delimitar o grupo de UFs exige que o pesquisador estabeleça critérios rigorosos, mas, ainda sim, existe a possibilidade de incorrer em inadequações. De fato, não existe uma consonância entre os pesquisadores sobre quais são os tipos de estruturas que devem fazer parte desse grupo. Casares (1969 [1950]), em seu importante trabalho intitulado “Introducción a la lexicografía moderna”, estabelece quatro tipos de UFs, a saber: a locução, a frase proverbial, o provérbio (el refrán) e por fim, o modismo. Já Corpas Pastor (1996), uma estudiosa de grande peso no âmbito dos estudos fraseológicos, divide os fraseologismos em três grandes esferas representadas pelas seguintes construções: As colocações; as locuções; os enunciados fraseológicos (fórmulas rotineiras e as parêmias). Com algumas alterações, Nogueira (2007) apresenta uma lista composta por cinco estruturas que, segundo ele, representam o grupo das UFs: colocação, locução idiomática ou expressão idiomática, refrão, provérbio e enunciados fraseológicos.

Como podemos constatar, o provérbio ou parêmia é o único ponto de convergência na classificação dos três referidos pesquisadores. As locuções, os enunciados fraseológicos e as colocações são citados em pelo menos dois dos estudiosos. O *modismo*, citado somente por Casares (1969 [1950]), refere-se a um “*modo particular de hablar propio y privativo de una lengua, que se suele apartar en algo de las regas generales de la gramática.*” (CASARES, 1969 [1950], p. 207). Podemos entender, portanto, que os *modimos* são estruturas que representam modos de falar próprios da língua, que possuem certa liberdade em termos de regras gramaticais. No entanto, embora Casares (1969 [1950]) avalie os *modimos* com um tipo de unidade fraseológica,

acreditamos que todas as UFs representam modos de falar peculiares e próprios de uma língua. Portanto, a nosso ver, o modismo não consiste em um tipo específico de UF, mas sim uma característica peculiar a todas as UFs.

Em relação às colocações, apontada por dois pesquisadores como um tipo de unidade fraseológica, existe uma grande discussão entre os estudiosos da área em torno de seu *status* como unidade fraseológica. Por este motivo destinaremos a seguinte seção para as considerações de pesquisadores sobre esse assunto.

1.4.1 Colocações: combinações livres ou UFs?

O termo colocação, segundo Školníková (2010), foi utilizado pela primeira vez em 1957 pelo linguista J. R. Firth, para designar a co-ocorrência frequente entre unidades lexicais. Nesse período, no entanto, não se questionava a classificação das colocações do ponto de vista fraseológico.

Para Corpas Pastor (1996), as colocações são unidades que são geradas a partir de regras da própria língua e não consistem em atos de fala, nem enunciados completos. A referida pesquisadora salienta que as colocações podem ser definidas levando-se em consideração duas características complementares, a fixação analítica e as restrições de combinações estabelecidas pelo uso. A fixação analítica está relacionada com o fato de os falantes produzirem certas combinações de palavras frente a outras combinações que são totalmente possíveis de ocorrerem. As colocações apresentam restrições de combinação estabelecidas pelo uso, geralmente embasadas pela semântica. Em uma colocação, podemos identificar uma base (elemento semanticamente autônomo) que, além de determinar a escolha do colocado, atribui a ele uma acepção, que, na maioria das vezes, apresenta caráter abstrato ou figurado.

Para Corpas Pastor (1996), a fixação analítica e as restrições semânticas e sintáticas, características observadas nas colocações, são responsáveis por conferirem a elas o caráter estável das UFs. Dessa mesma forma, podemos considerar que Koike (2001, *apud* SKOLNÍKOVÁ, 2010, p. 21) também considera as colocações como UFs. O autor descreve as cinco características que, segundo ele, são as mais importantes em se tratando de colocações, a saber: a) frequência, b) restrições combinatórias, c) composicionalidade formal, d) combinação dos lexemas, e) tipicidade e

precisão semântica. Para um melhor esclarecimento, descrevemos as características mencionadas:

a) Frequência

A frequência de co-ocorrência das unidades lexicais constituintes de uma colocação é sem dúvida uma das propriedades mais marcantes dessa unidade fraseológica. No entanto, é preciso enfatizar que essa não é a única característica percebida em uma colocação, nem tampouco por si só pode ser utilizada como propriedade definidora de uma colocação. Não podemos afirmar, portanto, que todas as combinações que co-ocorrem frequentemente são colocações, pois em se tratando dessas estruturas é preciso ressaltar que a co-ocorrência dos lexemas é, normalmente, determinada por critérios semânticos e de uso.

b) Restrições combinatórias

Embora as colocações, em nível do sistema linguístico, sejam combinações de palavras livres, elas apresentam restrições combinatórias que de certa forma as diferenciam das combinações que ocorrem no discurso livre, por exemplo. Nas combinações que ocorrem no discurso livre, as possibilidades de alteração que atuam nas combinações não são tão restritas. Nesse sentido, Školníková (2010), apoiada por Corpas Pastor (1996) postula que no caso da colocação, ou seja, a co-ocorrência de unidades lexicais, normalmente um de seus constituintes, apresenta maior restrição. A autora citada apresenta a colocação *coger la gripe*, e afirma que o sintagma nominal *la gripe* ocorre principalmente com o verbo *coger* e seus sinônimos, enquanto que o referido verbo combina com outros vários substantivos. Nesse caso, temos que o sintagma nominal (*la gripe*) é a base da colocação que determina, do ponto de vista semântico, o colocado, no caso o verbo (*coger*).

c) Composicionalidade formal

A composicionalidade formal é uma característica própria das unidades que não apresentam um grau de fixidez alto, como é o caso das colocações. O fato de as colocações permitirem alterações de ordem sintática e semântica de seus elementos constituintes nos mostra que são estruturas mais flexíveis, ou seja, possuem baixo grau de fixidez. Entretanto, segundo Školníková (2010), essa particularidade não é o suficiente para classificar uma colocação como uma combinação livre, pois não podemos nos esquecer de que as combinações encontradas no discurso livre são mais flexíveis do que as colocações.

d) Combinação dos lexemas

A combinação dos lexemas¹ é um traço semântico que nos permite observar a forte relação entre os significados das unidades lexicais de uma colocação. Ao observar as colocações *chuva torrencial* e *chover torrencialmente*, percebemos que houve uma alteração na classe gramatical dos componentes (*chuva* [substantivo], *torrencial* [adjetivo] e *chover* [verbo], *torrencialmente* [advérbio]), o que demonstra que existe uma forte combinação dos lexemas e que, por este motivo, foi possível a modificação das classes gramaticais das unidades lexicais e manter duas colocações semelhantes do ponto de vista semântico.

e) Verdade, tipicidade e precisão semântica

Essa característica corresponde a outros vínculos que os componentes das colocações apresentam. Segundo Corpas Pastor (2001, p. 103) “los miembros de las colocaciones reflejan la relación típica, y, por tanto, verdadera que mantienen los colocados em el mundo real.” Para exemplificar tal afirmação, temos o exemplo da colocação *carregar uma pistola* (*cargar um pistola*) em oposição às que, segundo a autora, não seriam exemplos de colocações, *lavar e esquecer uma pistola* (*lavar e olvidar uma pistola*). Para a referida autora, o substantivo *pistola*, estabelece uma relação típica com arma de fogo e, por este motivo, existe uma precisão semântica pela escolha do verbo *carregar*; pois os verbos *lavar* ou *esquecer* não representam a relação típica entre os componentes.

Para Školníková (2010), as características acima descritas, principalmente as restrições combinatórias, são fortes indícios que fortalecem o argumento de que as colocações são UFs e não combinações livres. No entanto, a autora reconhece que as fronteiras entre as colocações e as combinações livres não são muito claras e sinaliza a dificuldade em delimitá-las.

Ainda sobre essa mesma temática, Gama (2009) sinaliza que as colocações possuem uma alta flexibilidade combinatória, permitindo assim que essas sofram transformações de ordem sintática. Ao comparar as colocações com as expressões idiomáticas, a autora afirma que as primeiras, devido a sua composicionalidade formal, ou flexibilidade combinatória, aceitam modificações que as segundas não aceitariam por não apresentarem tal característica. As colocações podem sofrer transformações tais como a modificação adjetiva, transformação para a passiva,

¹ Unidade lexical correspondente à unidade distintiva mínima do sistema semântico de uma língua, e considerada abstratamente, isto é, independentemente da forma flexional que possa assumir. *Lexema*. In: **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-09-19]. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$lexema](http://www.infopedia.pt/$lexema).

nominalização, relativização, entre outras. Vejamos a seguir os exemplos trabalhados por Gama (2009, p.17) que nos mostram as possibilidades de modificações observadas nas colocações.

Quadro 2: Transformações observadas nas colocações. (GAMA, 2009)

Tipos de transformações	Exemplos (colocação prototípica / colocação modificada).
Modificação adjetiva	<i>Fazer uma aterragem/ fazer uma aterragem forçada</i>
Transformação para a passiva	<i>Transplantar um órgão / O órgão foi transplantado</i>
Nominalização	Transplantar um órgão/ O transplante do órgão

Nesse sentido, ao mostrar as possibilidades de alterações semântica e sintáticas das colocações, Gama (2009) as aproxima das combinações livres, cuja principal característica é a liberdade combinatória e a flexibilidade de restrição.

Dada as controvérsias apresentadas no tocante à classificação das colocações como UFs ou combinações livres e a complexidade de se estabelecer as fronteiras entre ambas as estruturas, decidimos por manifestar uma posição neutra diante das discussões, uma vez que o foco deste trabalho concentra-se em torno das expressões idiomáticas.

1.5 Tipos de unidades fraseológicas

Para este trabalho, consideramos UFs todas aquelas construções formadas por pelo menos dois elementos lexicais, ou seja, caracterizadas pela pluriverbalidade, e que compartilham as seguintes características:

- a) Estabilidade sintático-semântica: diz respeito à fixidez e à frequência das construções, mesmo que existam graus de fixação diferentes.
- b) Institucionalidade: construções fixas arraigadas na língua e que são facilmente

reconhecidas e produzidas pelos falantes nativos.

Consideramos, portanto, essas duas características gerais como critérios para delimitar as UFs. Entretanto, importa considerar que existem outras propriedades que são peculiares a determinados tipos de UFs que serão discutidas dentro do conceito de cada uma.

1.5.1. Provérbio

Atualmente o provérbio é objeto de estudo da Paremiologia, uma disciplina componente e autônoma da Fraseologia e cuja função consiste em descrever, classificar, dar informações relacionadas à etimologia e à pragmática dos provérbios. A Paremiologia não se preocupa exclusivamente com os provérbios, como evidencia Amaral (1976, p. 226) citado por Gonçalves (2010) ao dizer que a “paremiologia é o estudo das formas de expressão coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem corrente”. A essas formas de “expressão coletivas e tradicionais”, além dos provérbios, podemos citar os anexins, adágios, máximas, locuções, ditos, e outras. Muitas vezes tais denominações são de difícil delimitação conceitual e por esse motivo são tratadas como termos sinônimos. É necessário, no entanto, mesmo que a diferença entre elas seja tênue, apresentar suas características particulares a fim de estabelecer uma delimitação entre os conceitos.

Ao se referir ao provérbio, Xatara e Succi (2008) denuncia a dificuldade de estabelecer um conceito para essa estrutura e por este motivo muitos estudiosos (XATARA & SUCCI 2008, CASARES 1969) preferem diferenciá-lo de outros fraseologismos, que muitas vezes se aproximam ou se distanciam dos provérbios. Valendo-se do critério semântico, a referida autora define o provérbio como uma unidade mínima de significação, ou seja, uma unidade lexical que, embora seja constituída por mais de um elemento, possui apenas um significado a ser transmitido. Entretanto, essa característica explicitada pela autora por si só não é suficiente para caracterizar o provérbio, uma vez que poderíamos associar outros tipos de unidades fraseológicas a essa particularidade. Desse modo, para tentar diminuir a imprecisão do conceito entre os fraseologismos, Xatara e Succi (2008, p. 35) propôs o seguinte conceito de provérbio:

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Para Casares (1969, p. 192) provérbio, é definido como

El refrán es una frase completa e independiente, que em sentido directo o alegórico, y por lo general em forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. -, a manera de juicio, en el que relacionan por lo menos dos ideas.

Casares (1969 [1950]) discute a diferença entre o provérbio e a frase proverbial que, para ele, embora compartilhem características, apresentam distinções. Segundo o estudioso, as duas estruturas apresentam sentido autônomo, ou seja, discurso completo não sendo necessário, portanto, relacioná-las a outras orações. Entretanto, o provérbio se distancia da frase proverbial pelo fato de essa última se relacionar a acontecimentos históricos específicos, enquanto que aquele, normalmente refere-se a acontecimentos universais. Nesse sentido, para elucidar o conceito, o estudioso em questão apresenta o provérbio “Al que madruga Dios le ayuda”², que não nos remete a uma fato específico, mas sim universal, enquanto que a frase proverbial “Adiós Madrid, que te quedas sin gente”³ nos remete a um acontecimento histórico. Outra característica não compartilhada entre o provérbio e a frase proverbial está no fato de o primeiro ser marcado pela atemporalidade, ou seja, é difícil precisar quando um provérbio foi criado, ao passo que a frase proverbial, sendo ela relacionada a um fato histórico, oferece a possibilidade da identificação temporal.

1.5.2. Fórmulas rotineiras (frases feitas)

As fórmulas rotineiras pertencem ao campo da fala e consistem em enunciados incompletos por não apresentarem autonomia textual, uma característica que as diferem dos provérbios, por exemplo. Além disso, essas fórmulas rotineiras, na maioria das vezes, aparecem em função de uma situação discursiva bem definida. Corpas Pastor (1996) ressalta que, embora com denominações diferentes, as fórmulas rotineiras, cujo caráter descritivo é observado, se aproximam das "los timos", "las fórmulas de la vida social y las frases habituales", "los giros interjeccionales y las fórmulas estereotipadas" e "las oraciones rituales", de Casares (1992 [1950]), Haensch *et al.* (1982),

² “Deus ajuda a quem cedo madruga” é um correspondente do provérbio Al que madruga Dios le ayuda.

³ Este provérbio remete à história de uma sapateiro, que deixou Madrid, porque seu negócio não prosperou.

Beinhauer (1985 [1928] e Steel (1985) respectivamente, citados por Corpas (1996). Nas palavras de Corpas (1996, p. 170/171):

[...] todas estas denominaciones tienen em común su carácter descriptivo, pues a partir de ellas se puede deducir que tales unidades constituyen fórmulas de la interacción social habituales y estereotipadas que cumplen funciones específicas en situaciones predecibles rutinarias y, hasta cierto punto, ritualizadas.

Portanto, as fórmulas rotineiras são aquelas utilizadas em situações sociais de rotina (ritualizadas), como uma situação na qual queremos saudar alguém, ou despedir, e por isso são previsíveis.

Em relação à dependência situacional das fórmulas rotineiras, como descrito nas suas características, Corpas Pastor (1996) as divide em duas grandes categorias e subcategorias relacionadas com diferentes situações do discurso. Podemos observar essa divisão no quadro a seguir:

Quadro 3: Divisão das fórmulas rotineiras (CORPAS PASTOR, 1996)

Fórmulas Rotineiras	
Fórmulas discursivas	Saudação: ¿Cómo estás? ¿Qué tal?
	Despedida: Hasta luego!
	Transição: Vamos ver, Es decir, Para que te enteres.
Fórmulas psico-sociais	Expressivas: Perdona, lo siento, Com mucho gusto.
	Comissivas ¡Ya te arreglaré!, ¡Ya te apañaré!
	Diretivas: Com su permiso, Com la vênia.
	Assertivas: Las cosas como son
	Ritualizadas: Buenos días, ¿Qué pasa?
	Miscelâneas: Pelillos a la mar.

1.5.3. Construções com verbo suporte

As construções com verbo suporte são aquelas que se situam do ponto de vista semântico e

sintático, entre as combinações livres e as expressões fixas (expressões idiomáticas). São construções que, de certa forma, estabelecem um grau de soldadura relativamente fraco entre seus constituintes internos, o que as aproximaria das expressões fixas, mas, por outro lado, a transposição de sentido ocorre em apenas um de seus elementos, na maioria das vezes o verbo, e nesse caso podemos associá-las com as combinações livres. Sobre esse assunto, Dias e Garra (2001) mostram que as construções com verbo suporte estão situadas entre as construções livres e as expressões fixas, levando em consideração a unicidade lexical. Podemos observar na ilustração abaixo a representação vetorial das construções com verbo o suporte do ponto de vista semântico em relação às construções livres e as expressões fixas.

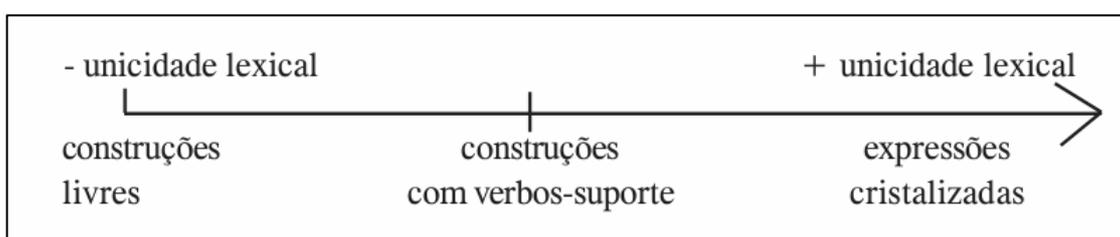


Figura 1: Representação vetorial das construções com verbo suporte em relação ao aspecto semântico (DIAS & GARRÃO, 2001, p. 171)

A unicidade lexical representa um aspecto semântico que está relacionado com a significação das construções. A expressão fixa, embora composta por mais de uma unidade lexical, transmite um significado único e global, uma vez que seus componentes internos são esvaziados de sentido lexical, ou seja, dentro da expressão, os sentidos das unidades lexicais não estão relacionados com os sentidos que elas exprimem no discurso livre e por este motivo assumem um novo sentido único. Por outro lado, tal propriedade não é observada nas construções livres, nas quais os elementos constituintes exercem papéis independentes. Já na construção com verbo suporte, observa-se que a unicidade lexical ocorre parcialmente, pois apenas um de seus constituintes é esvaziado de sentido lexical, normalmente o verbo, e o outro mantém a mesma significação que apresenta no discurso livre, fora da construção.

Na construção com verbo suporte *Dar uma olhada*, o verbo *dar* foi esvaziado de sentido lexical e funciona apenas como suporte para o sintagma nominal *uma olhada* que, por sua vez, conserva sua significação prototípica e é exatamente esse significado que contribui para o sentido total da construção que é *olhar*. Ao compararmos com a expressão fixa *Bater as botas*, por exemplo, verifica-se que, nesta, todos os elementos constituintes perderam seu sentido prototípico, ou seja, dentro dessa expressão, “bater” não tem relação com o verbo “BATER” que dentre vários outros

significados, o dicionário Houaiss (2001) define como “aplicar pancadas ou golpes em”. Dessa mesma forma, “botas”, nessa expressão, não se refere ao substantivo “BOTAS” que designa um tipo de calçado. Portanto, o sentido total da expressão que é “*morrer*” não está relacionado com os significados que os elementos internos “bater” e “botas” assumem em outros discursos fora da expressão. Já na construção livre *Bater na porta* observa-se que é possível depreender o sentido da expressão através de uma leitura composicional, uma vez que nenhum dos elementos sofre transposição de significado, ou seja, permanecem com a significação prototípica.

1.5.4 Expressões idiomáticas

Nesta seção relataremos considerações que alguns pesquisadores fazem em torno do conceito das expressões idiomáticas e também apresentaremos as características específicas inerentes a esse tipo de unidade fraseológica. Mostraremos também, nesta seção, que existem diferentes denominações dadas a essas estruturas, considerando a literatura de diferentes países, como a brasileira e a espanhola. Acreditamos que expor essas diferentes denominações seja de grande relevância para evitar possíveis conflitos relacionados à terminologia e verificar se existem divergências de conceito. Começaremos, portanto, por discutir o conceito de expressão idiomática na visão de alguns pesquisadores brasileiros.

Consideradas estruturas recorrentes no dia a dia dos falantes de uma comunidade linguística, as expressões idiomáticas são utilizadas, entre outras coisas, para expressar sentimentos. Para Nogueira (2008, p. 74) as EIs representam os componentes mais versáteis e ricos da linguagem humana capazes de mascarar a realidade com metáforas quando se faz necessário, independente do motivo. Para muitos estudiosos (cf. TAGNIN, 1989; XATARA, 1998; FERRAZ, 2004), as EIs consistem em unidades complexas, de caráter conotativo, cujo significado foi convencionalizado pela comunidade linguística em razão de sua frequência.

Tagnin (1989, p. 62), postula que uma expressão idiomática abrange todas as expressões convencionalizadas, ou seja, aquelas cujo significado foi semanticamente convencionalizado devido à dificuldade de depreendê-lo através da análise de seus constituintes separadamente. A autora ainda ilustra esse conceito usando o exemplo da expressão *bater as botas*, cuja análise de seus constituintes separados não a levaria ao seu significado real que é *morrer*.

Xatara (1998, p. 149) postula que as EIs possuem o formato locucional, ou seja, são lexias

complexas e indecomponíveis, pois constituem uma combinatória fechada, de distribuição única ou bastante restrita. Em relação à interpretação semântica, a autora citada comenta que uma expressão idiomática não pode ser calculada a partir da soma de seus elementos constituintes devido ao seu caráter conotativo. E por fim, a autora explica que essa é uma expressão cristalizada, pois sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra.

A literatura espanhola também destina uma grande atenção para as UFs, sobretudo as expressões idiomáticas. Sob o nome de locuções, Casares (1969 [1950]) e Corpas Pastor (1996) destinam várias páginas de seus renomados trabalhos para delimitar o conceito de locução.

Para Casares (1969 [1950], p.170) locução é uma “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitário consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”. O referido autor nos mostra que a locução é uma combinação estável, ou seja, oferece poucas possibilidades de variação. Além disso, a locução apresenta um sentido único que não pode ser depreendido através da soma dos significados que os componentes internos da locução apresentam fora dela. Outra característica apresentada por Casares (1969 [1950]) nos mostra que a locução é um elemento oracional e que, portanto, pode ser classificada de acordo com sua função gramatical.

Casares (1969 [1950]), ainda, divide as locuções em duas categorias distintas, as significantes e as conexivas. A primeira categoria diz respeito às locuções cujos elementos constituintes correspondem a uma representação mental (uma idéia, um conceito), ainda que essa representação não configure esses elementos fora da locução. As locuções significantes se dividem em outros grupos de acordo com a classificação gramatical. Já na segunda categoria, a das locuções conexivas, encontram-se aquelas cuja função se limita a estabelecer nexos sintáticos e são divididas em dois grupos distintos, as conjuntivas e as prepositivas. O quadro a seguir, trabalhado por Nogueira (2008), apresenta uma classificação elaborada por Casares (1969 [1950]) de acordo com a função gramatical para as locuções:

L o c u ç õ e s		
Significantes		Conexivas
<i>De nome</i>	Denominativas	Geminadas = tren botijo Complejas = tocino del cielo
	Singulares = la carabina de Ambrosio	<i>Conjuntivas</i> = con tal que
	Infinitivas = Coser y cantar	
	<i>De adjetivo</i> = de brocha gorda	
<i>De verbo</i> = tomar el olivo		
De participio = hecho un brazo de mar	<i>Prepositivas</i> = en pos de	
<i>De advérbio</i> = en un santiamén		
<i>De pronome</i> = cada quisque		
<i>De exclamação</i> = ¡Ancha es Castilla!		

Figura 2: Locuções significantes e conexivas (NOGUEIRA, 2008, p. 65)

Corpas Pastor (1996 p. 88) nos ensina que as locuções são “unidades fraseológicas del sistema de la lengua com los siguientes rasgos distintivos: fijación interna, unidad de significado y fijación externa pasemática”. A autora nos mostra as três características que são essenciais para identificar uma locução. São elas:

- a) A fixação interna: está relacionada com o fato de as locuções apresentarem poucas possibilidades de variação, uma vez que são estruturas fixas.
- b) Unidade de significado: a locução, embora composta por mais de um elemento, possui uma significação única que não depende da somatória dos significados independente dos elementos que as compõem.
- c) Fixação externa *pasemática*: esta característica relaciona-se ao fato de algumas UFs serem empregadas de acordo com o papel do falante nos atos comunicativos. (THUN, 1978 citado por ZULUAGA, 2004)

O conceito de locução defendido por Corpas Pastor (1996) não difere, como se pode perceber, daquele apresentado por Casares (1969 [1950]), uma vez que ambos os conceitos apresentam três características indispensáveis na identificação e delimitação das locuções, a saber: a fixação interna ou estabilidade, unidade de significação, e por fim a fixação externa *pasemática* ou elemento oracional. Corpas Pastor (*op.cit.*) também estabelece uma divisão baseada na função que as locuções desempenham dentro da oração e as dividem em sete diferentes categorias. O quadro abaixo nos mostra as sete categorias estabelecidas pela autora e seus repetitivos exemplos.

Quadro 4: Categorização das locuções. (CORPAS PASTOR, 1996)

Locuções	
Tipos de locuções	Exemplos
1. Locução nominal	mosquita muerta, paño de lágrimas, el qué dirán,
2. Locução adjetiva	Corriente y moliente, más papista que el papa, de rompe y rasga.
3. Locução adverbial	Gota a gota; a raudales
4. Locução verbal	Meterse en camisa de once varas
5. Locução prepositiva	Gracias a; lugar de
6. Locução conjuntiva	Antes bien; como si
7. Locução causal	Salir el tiro por la culata; como quien oye llover.

A exemplo de Nogueira (2008) preferimos adotar o termo “expressão idiomática” em lugar de locução, uma vez que o primeiro é amplamente difundido na literatura brasileira. Convém ressaltar também que se observam algumas diferenças ao compararmos as expressões idiomáticas e as locuções. As EIs são unidades complexas, ou seja, construções formadas por mais de um elemento, elas também possuem alto grau de fixidez, o que torna sua decomposição mais difícil. Considerando as características mencionadas, não podemos dizer, no entanto, que as expressões são diferentes das locuções. A conotação, uma característica essencial para a definição de uma expressão idiomática está relacionada com o fato de o significado dessa construção não ser depreendido através da soma dos constituintes que a compõem, pois esses foram esvaziados de sentido e assumiram juntos um sentido global para a expressão. Ao analisar os exemplos que foram dados pelos pesquisadores espanhóis, verificamos que a maioria das expressões são de fato conotativas. No entanto, as expressões prepositivas “gracias a” e “lugar de”, por exemplo, possuem um sentido transparente e, neste caso, seu sentido pode ser depreendido através da soma dos constituintes da expressão. Nesse sentido, Nogueira (2008) está certo ao dizer “locução idiomática” que, para ele, equivale à expressão idiomática. Percebemos que o autor está tentando fazer uma clara distinção entre “locução idiomática” de “locução não-idiomática”, ou seja, que não apresenta sentido conotativo, como a primeira.

1.5.4.1 Expressões idiomáticas vs. Provérbios

Comparando os conceitos das expressões idiomáticas e dos provérbios, podemos ressaltar características que, claramente, podem ser utilizadas para diferenciar ambas as construções. A autonomia enunciativa, por exemplo, que está relacionada com o fato de algumas combinações configurarem como discurso completo nos ajuda a diferenciar as EIs dos provérbios. As primeiras constituem parte integrante do discurso, sendo necessário relacioná-las às orações, enquanto que os provérbios são enunciados completos, não sendo necessário relacioná-los a outras orações. Além disso, os provérbios têm a função de transmitir um ensinamento ou uma lição, ao passo que esse papel não é observado nas expressões idiomáticas.

1.5.4.2 Expressões idiomáticas vs. Fórmulas rotineiras

As fórmulas rotineiras são construções que surgem a partir de uma situação social e que não possuem sentido conotativo, mas sim transparentes. São caracterizadas pela fixidez e frequência no discurso. As fórmulas rotineiras se distanciam das EIs, uma vez que estas últimas não possuem obrigatoriedade de surgirem em função de uma situação social, embora as EIs também sejam, na grande maioria dos casos, caracterizadas pelo alto grau de fixidez como as fórmulas rotineiras. Além disso, a conotação é uma característica observada em todas as expressões idiomáticas, mesmo que em diferentes graus. A conotação, portanto, é uma característica que diferencia as expressões idiomáticas das fórmulas rotineiras.

1.5.4.3 Expressões idiomáticas vs. Construções com verbo suporte

As construções com verbo suporte são caracterizadas pela opacidade parcial da expressão, ou seja, pelo menos um elemento, normalmente o verbo, da expressão é esvaziado de sentido lexical. Já com as expressões idiomáticas, esse processo de transposição de sentido normalmente é observado em todos os elementos da expressão, o que as diferencia das construções com verbo suporte.

Entretanto, importa considerar que existem algumas construções com verbo suporte que possuem equivalentes homófonas com as expressões idiomáticas. É o caso de *Dar um pulo*, por exemplo, que como verbo suporte seu valor semântico corresponde a *pular* (sentido literal), enquanto que como expressão fixa seu significado é *ir a algum lugar e voltar logo*⁴ Para distinguir as duas estruturas, temos que levar em consideração os aspectos semânticos e também sintáticos. Em relação ao primeiro, o contexto é um aliado indispensável para a identificação de ambas as estruturas. Vejamos nos exemplos abaixo:

- a) *Ele se assustou tanto que deu um pulo.* (construção com verbo suporte)
- b) *Vou dar um pulo em Paris na próxima semana.* (expressão idiomática)

Já em relação aos aspectos sintáticos, as construções com verbo suporte podem sofrer modificações de ordem sintática, como o processo de transformação para a passiva. Em contrapartida, essas alterações não são observadas nas expressões fixas. Vejamos como essas alterações ocorrem nas duas estruturas:

- c) 1. *João deu um pulo na hora em que eu o assustei.* (construção com verbo suporte)
 - 1a. O **pulo dado** por João na hora em que eu o assustei foi engraçado
- 2. *Maria deu um pulo a padaria.* (expressão idiomática)
 - 2a. *O **pulo dado** por Maria a padaria foi necessário.

As expressões idiomáticas, geralmente, são bloqueadas do ponto de vista sintático e por isso não toleram algumas modificações, enquanto que as estruturas com verbo suporte, por serem parcialmente bloqueadas, permitem alterações em nível sintático.

1.5.5 Características básicas para o reconhecimento das Expressões idiomáticas

Passaremos agora a discutir mais a fundo as características que são utilizadas como critérios de identificação das expressões idiomáticas. Consideramos essas propriedades essenciais para a análise do *corpus* da pesquisa que se desenvolverá no Capítulo 2.

⁴ Houais (2001). *Dar um pulo*.

1. Pluriverbalidade

A pluriverbalidade está relacionada com o tamanho da expressão idiomática, ou seja, com o número de elementos lexicais presentes na expressão. Estudiosos da área (CASARES, 1950; TAGNIN, 1989; CORPAS PASTOR, 1996, XATARA, 1998,) afirmam que uma expressão idiomática deve ser constituída por pelo menos dois elementos. Tristá Perez (1988) citada por Nogueira (2008) postula que uma expressão deve ser composta por duas ou mais palavras, sendo que pelo menos uma delas deve ser uma “palavra plena” e nesse caso a expressão é denominada de “uninuclear”. A expressão será considerada “multinuclear” no caso de ser composta por mais de uma “palavra plena”.

Para a pesquisadora, a expressão considerada “uninuclear” normalmente realiza a função de um advérbio, na medida em que possui a capacidade de modificar ou complementar ao se relacionar com o verbo. Um exemplo seria a expressão “na linha” (Verão com tudo em cima ou tudo caído? Mantenha-se na linha com a CIA Athletica. *Veja*, 12/2004, p.33.), que significa manter-se em forma ou em ordem. Nesse caso, o item lexical *linha* seria a palavra plena e na seria um item auxiliar, então teremos como configuração a seguinte estrutura (preposição + artigo + substantivo). No entanto, nem todas as expressões de função adverbial correspondem a essa classificação “uninuclear”. É o caso da expressão “de olhos fechados” (É por isso que você reconhece a sua Bohemia até de olhos fechados. *Época*, 05/03/2003, Contracapa) que significa fazer algo com confiança. Nesse caso, a estrutura da expressão configura-se como (preposição + substantivo + adjetivo), ou seja, observamos a presença de duas palavras plenas.

Já as expressões do tipo “multinuclear” normalmente são as nominais e verbais. As nominais realizam a função de substantivo em uma frase e podem assumir as seguintes estruturas: (substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo). A expressão “olho gordo” (Não precisa colocar olho gordo, já tem. *Época*, 24/07/2002, p. 14), que significa inveja, seria um exemplo de expressão “multinuclear”, uma vez que os dois itens lexicais configuram-se como palavras plenas.

Ainda sobre as expressões classificadas como “multinuclear”, encontramos as verbais, que podem assumir formas variadas, haja vista que o verbo, sendo ele o elemento principal, poderá se unir a substantivos, adjetivos, entre outros. As expressões “abrir as portas” e “dar duro”, que significam oferecer oportunidades e realizar uma tarefa com muito empenho, respectivamente, são exemplos de expressão “multinuclear” e se configuram como (verbo + substantivo; verbo + adjetivo).

2. Combinabilidade

A combinabilidade está relacionada com a capacidade e possibilidade de os elementos de uma expressão se combinarem, seja por motivação semântica, sintática, ou aparentemente sem nenhuma motivação. Tagnin (2005) acredita que algumas expressões que são formadas dentro das regras gramaticais da língua possuem uma combinabilidade de motivação sintática. A expressão “*pagar o pato*” (sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa), do ponto de vista sintático, está dentro das regras gramaticais do português de “verbo + artigo + substantivo”. Não podemos dizer, no entanto, que os elementos da expressão idiomática citada se combinaram através de uma motivação semântica, uma vez que não podemos encontrar traços semelhantes entre os significados dos elementos internos. Nogueira (2008), entretanto, não identifica como combinabilidade o fato de as expressões serem construídas a partir de regras gramaticais. Para o autor citado, somente teria sentido falar em combinabilidade de acordo com as normas gramaticais se se tratasse do sentido literal da expressão, o que não é o caso das expressões idiomáticas. Além disso, Nogueira (2008) considera como anomalias as expressões que não estão de acordo com as regras gramaticais, por exemplo a expressão *pies juntillas* (de pés juntos, em português) em que no espanhol o adjetivo é feminino e não concorda com o substantivo masculino.

Existem ainda algumas expressões idiomáticas que se combinam através de uma relação entre os significados dos elementos internos. Na expressão “Quebrar um galho” (ajudar a resolver, ainda que precária e/ou provisoriamente, uma dificuldade), por exemplo, podemos dizer que os significados dos constituintes internos possuem uma relação semântica, ou seja, o argumento do papel temático de galho está relacionado com o verbo quebrar. Para Bally (1951) citado por Nogueira (2008), esse seria um exemplo de uma combinação livre ocasional, em que os termos que integram a expressão podem se combinar entre si, e também estabelecer uma combinação entre outros termos.

A combinabilidade das expressões idiomáticas não é uma característica compartilhada por todos os estudiosos do assunto. Alguns pesquisadores, ao discutirem as peculiaridades das EIs, não mencionam a combinabilidade, mas afirmam que se tratam de estruturas convencionais. Desse modo, esses pesquisadores não buscam explicar as motivações para a combinabilidade dos elementos internos das EIs, uma vez que a sua forma e significado foram consolidados pelo uso. Passaremos agora a discutir a convencionalidade das EIs.

3. Convencionalidade

Uma expressão reconhecida e utilizada, ou seja, que possui um lugar garantido no inventário lexical de uma comunidade linguística, pode ser denominada como uma expressão convencionalizada. Desse modo, cabe ressaltar que a convencionalidade não é uma peculiaridade somente das EIs, haja vista que existem outros tipos de UFs em que podemos observar essa característica. As expressões que utilizamos em situações rotineiras, como agradecer (muito obrigado) ou felicitar alguém pelo aniversário (feliz aniversário) são expressões convencionalizadas, entretanto não são expressões idiomáticas. Nesse sentido, Nogueira (2008) nos diz que as expressões rotineiras são do conhecimento de qualquer pessoa que faça parte de um convívio social e são reconhecidas e utilizadas de acordo com a situação adequada.

Tagnin (1989), além de apontar uma relação entre combinabilidade e convencionalidade, mostra que esta última pode ocorrer em três níveis diferentes: sintaticamente, semanticamente e pragmaticamente.

No âmbito sintático, a autora afirma que se a expressão idiomática obedece à ordem sintática da língua, ela não é sintaticamente convencional, mas pode ser semanticamente. A expressão *bater as botas*, por exemplo, não seria convencional do ponto de vista sintático e gramatical, pois obedece às regras que regem esses dois aspectos. No entanto, essa expressão é convencionalizada pelos critérios semântico e pragmático.

A convencionalidade semântica compreende expressões cujos significados dos elementos internos estão totalmente ou parcialmente distantes dos significados que os mesmos elementos assumem fora da expressão, em discurso livre. A unidade fraseológica “Feliz aniversário” não se configura como uma expressão semanticamente convencionalizada, uma vez que seu sentido é transparente e pode ser depreendido pela soma dos significados de seus constituintes, separadamente. Porém, essa expressão é convencionalizada do ponto de vista pragmático, uma vez que existe uma situação específica para seu uso.

Do ponto de vista pragmático, a convencionalidade das EIs está relacionada ao aspecto situacional. Segundo Tagnin (1989) é preciso considerar a situação que exige certo comportamento social e emprego da expressão, ou seja, as situações sociais em que é permitido o uso de uma determinada expressão.

Para Nogueira (2008) a repetição e a frequência com que as EIs são utilizadas pela comunidade linguística são fatores responsáveis pela convencionalização dessas expressões. Esse

dois fatores também são responsáveis pelo caráter fixo que pode ser observado nas EIs e que discutiremos a seguir.

4. Fixidez ou estabilidade relativa

A fixidez é de fato uma característica muito relevante e determinante das EIs, embora não seja por si só suficiente para definir uma unidade fraseológica como uma expressão idiomática. Por fixidez, entendemos a capacidade de uma construção fraseológica se cristalizar pela tradição cultural de uma comunidade linguística em razão de sua frequência. Nas palavras de Xatara (1998), a cristalização ou a fixidez:

É a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que cristaliza em um idioma, tornando-o mais estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade. (XATARA, 1998, p. 151).

No caso das EIs, a fixidez ocorre nos níveis sintático, semântico e pragmático. No primeiro nível, o sintático, ocorre a fixação dos componentes, ou seja, os constituintes internos da expressão estão “amarrados” entre si sem a possibilidade de decomposição. Nesse caso, as possibilidades de variações é quase nula, uma vez que essa estrutura tem uma distribuição bastante restrita.

Gross (1982), citado por Xatara (1995), a partir de um estudo sintático das expressões, realizou alguns testes e comprovou que existem restrições e que, portanto, algumas EIs não sofrem variações. De acordo com o pesquisador, os objetos diretos das EIs não podem variar igual ao de uma combinação livre, nem tampouco pode ocorrer a variação do verbo da expressão. Nos anunciados trabalhos por Xatara (1995, p. 203) podemos observar essas restrições:

(1) Laura admira o céu./ Laura admira o firmamento.

(2) Laura bateu as botas. / *Laura bateu os sapatos.

(1.1) Laura admira o céu. / Laura contempla o céu.

(2.1) Laura bateu as botas. / *Laura cortou as botas.

Percebe-se que o enunciado dos exemplos (1) e (1.1), que é uma combinação livre, sofreu

variações sem que estas interferissem seriamente no sentido. Por outro lado, nos exemplos (2) e (2.1), que dizem respeito à expressão “bater as botas”, a expressão perdeu seu sentido idiomático em consequência das variações.

No entanto, Xatara (1995) sinaliza que é possível encontrarmos algumas possibilidades de variações, tais como a mudança do tempo e modo verbal, a permuta lexical. Podemos verificar as variações no quadro a seguir:

Quadro 5: Variações das expressões idiomáticas. (XATARA, 1995)

Tipo de variação	Exemplos
Flexão do verbo	Infelizmente, eles bateram as botas
Tempo verbal	Todos acreditam que Laura baterá as botas.
Permuta verbal	Veneno como uma peste [como uma cascavel], [uma cobra]

Ainda sobre a fixidez das expressões idiomáticas, Nogueira (2008) questiona até que ponto podemos considerar as EIs como unidades fixas, visto que algumas expressões idiomáticas sofrem alterações com o decorrer do tempo, o que, segundo ele, coloca em questão a fixação como uma característica de todas as EIs. Como exemplo, o pesquisador nos mostra que a expressão do espanhol “empinar el codo” (tomar algum tipo de bebida alcoólica em exagero), antes de ter essa forma que é mais praticada, a expressão já teve em sua forma atual, “[alzar] e [levantar] el codo”. É importante salientar, que embora a expressão tenha sofrido algumas modificações em sua estrutura interna, ou seja, a variação do verbo, seu sentido permaneceu estável.

Considerando o exposto, podemos afirmar que a fixidez consiste em uma característica observada nas EIs, porém em níveis diferentes. Teremos, por um lado, aquelas EIs que são altamente fixas e que, por este motivo, dificilmente irão sofrer variações no discurso e, por outro lado, expressões que possuem menor grau de fixidez e que, portanto, podem sofrer variações, sejam elas de ordem sintática ou semântica, sem prejuízos aos seus significados.

5. Idiomaticidade

A idiomaticidade pode ser entendida de duas maneiras diferentes. Em uma perspectiva etimológica, a idiomaticidade refere-se às estruturas idiomáticas que são próprias e peculiares de uma determinada língua. Idiomaticidade também pode ser utilizada como uma característica

semântica de certas construções linguísticas complexas, como no caso das EIs cujo significado não é depreendido através da soma dos constituintes internos que compõem a expressão. Segundo Nogueira (2008), entendendo a idiomaticidade nesse último aspecto, como uma característica semântica, é essencial para definir e diferenciar as EIs de outras lexias complexas.

Ao falarmos de idiomaticidade, evocamos outras palavras relacionadas a essa característica, como a composicionalidade e a opacidade. Em relação à composicionalidade, Xatara (1998) explica que a expressão idiomática é um sintagma “não-composicional”, isto é, um sintagma que se originou de uma combinação de palavras e que não mais pode ser decomposto, visto que a interpretação não pode ser feita levando em consideração a soma dos significados dos elementos internos da expressão. A pesquisadora explica que esse sintagma passa a constituir-se uma unidade lexical após um processo que a autora chama de “mutação semântica”. Nas palavras de Xatara, considerando a idiomaticidade, a expressão idiomática:

“é um sintagma não-composicional, oriundo de uma combinação de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos.” (XATARA, 1998, p. 150).

A opacidade, segundo Nogueira (2008) também está vinculada à idiomaticidade, pois esta se relaciona à falta de transparência dos constituintes da expressão e, em decorrência disso, à incapacidade de compreender uma expressão através dos significados internos. Dizemos então que o significado de uma expressão idiomática não é transparente e que seus elementos internos foram esvaziados de significado para que se atribuísse uma nova significação para a expressão como um todo. De acordo com Xatara(1998, p.150), a esse processo “que constitui transferência de significado de um lugar semântico a um outro, com o significante continuando o mesmo”, dá-se o nome de conotação. O novo significado atribuído ao significante, normalmente é metafórico.

Tagnin (2005) atribui uma escala de idiomaticidade para as expressões idiomáticas. Assim, na parte mais alta da escala, temos expressões que são “totalmente idiomáticas” e que a autora exemplifica com a expressão idiomática do inglês “to beat about the bush”, que em português se equivale à expressão “falar com rodeios”. Segundo a autora, a expressão citada é totalmente idiomática, pois nenhum de seus elementos contribui para o significado total da expressão. Já a

expressão “to hold one’s head up” que em português dizemos “andar de cabeça erguida” está na parte mais baixa da escala de idiomaticidade, já que o sentido de pelo menos um de seus elementos é transparente, como é o caso do item lexical *head* que, nessa expressão, não possuiu sentido idiomático. Vale lembrar que como estamos falando de expressões próprias de uma determinada língua, os exemplos mencionados por Tagnin (2005) se aplicam às expressões do inglês, ou seja, as correspondentes em português podem não ocupar o mesmo lugar na escala de idiomaticidade.

6. Metaforicidade

O sentido de uma expressão idiomática resulta de um processo de transposição do sentido literal ao plano da representação, e assim assume um sentido figurado. O sentido figurado “*cumpre um papel fundamental na comunicação quando não queremos ou não podemos dizer as coisas tais como elas são*” (NOGUEIRA, 2008, p. 79). Geralmente, esse recurso linguístico é motivado pela metáfora, que, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) é a:

designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro). 'mudança, transposição', p.ext. em ret 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora' do v. metaphéro 'transportar.

Xatara (1998) afirma que no processo de transposição de sentido ou “metaforização”, cada elemento constituinte de uma expressão idiomática “dessemantiza”, ou seja, perde sua função nominativa e a expressão como um todo é que adquire essa nova função.

Para Tagnin (2005) existe uma grande diferença entre “expressão metafórica” e “expressão idiomática”. A primeira trata-se de expressões cuja compreensão é mais fácil desde que o falante conheça a imagem que está aludida. Dessa forma a expressão “have the ball at one’s feet” é totalmente compreensível se o indivíduo estiver familiarizado com o futebol e relacionar a imagem de um o jogador que tem a bola nos pés com “ter o controle da situação”. Por outro lado, “expressão idiomática” trata-se de uma expressão baseada em uma imagem cristalizada, e, por este motivo, não se pode resgatar a relação entre imagem e o significado, como salienta Tagnin (2005). Na expressão “to put oneself out”, por exemplo, cujo equivalente em português é “virar-se do avesso” e ambas as expressões querem dizer “fazer o máximo que puder”, não é possível fazer relação do significado com nenhuma imagem, sendo assim uma expressão idiomática propriamente dita na visão da pesquisadora.

Existe também a “expressão idiomática” que fica em uma posição intermediária entre as “expressões metafóricas” e as “totalmente idiomáticas”. Nesse caso a decodificação dessa expressão se torna mais difícil, uma vez que a relação da imagem aludida pela expressão e o seu significado não é muito clara. Na expressão “to burn the candle at both ends” que em português quer dizer “trabalhar demais”, existe uma relação, ainda que obscura, entre a imagem aludida e o significado, no entanto, em um contexto de ensino/aprendizagem, o aluno nunca teria chegado ao seu significado somente através da relação imagem/significado.

Ainda sobre a metáfora, alguns pesquisadores acreditam que, no caso das EIs, a metáfora é neutralizada pelo uso convencional da expressão. Em outras palavras, nessa visão, o significado das EIs é resultante de imagens metafóricas que, com o passar do tempo, à medida que essas expressões foram convencionalizadas, foram se perdendo. Nesse caso a expressão idiomática é considerada uma “metáfora morta”. Sobre esse assunto Malheiros-Poulet (2007) acredita que:

A forte lexicalização da metáfora enriquece a língua, permite outros empregos, mas seu sentido primeiro fica completamente apagado, restando somente o efeito produzido: É bom para burro, Um frio de rachar. Na medida em que o elo associativo desaparece ou fica neutralizado, a conotação metafórica desaparece igualmente e a expressão se torna denotativa. (MALHEIROS-POULET, 2007, p.. 46)

Contudo, para Gibbs (1993) a metáfora se faz presente nas expressões idiomáticas e, por este motivo, não podemos considerá-las “metáforas mortas”. Para o pesquisador, as EIs fazem sentido para um falante somente porque são metaforicamente “vivas” e desta forma, no processo de compreensão de uma expressão, o sentido figurado é ativado por várias metáforas conceituais que existem de forma independente como parte de nosso sistema conceitual (GIBBS, 1993, p. 69).

Na perspectiva da linguística cognitiva, Kövecses (2002) enfatiza que a metáfora conceitual é definida como o entendimento de um domínio conceitual (A) em termos de outro domínio conceitual (B). Quando pensamos sobre a vida em termos de viagem, como quando dizemos A VIDA É UMA VIAGEM, temos que a VIDA pertence ao domínio conceitual (A) e VIAGEM pertence ao domínio conceitual (B). Então, a metáfora conceitual consiste em dois domínios conceituais, um domínio denominado de origem (vida) e um outro domínio denominado de alvo (viagem). Nessa perspectiva conceitual, Gibbs (1993) nos apresenta o exemplo da expressão “bite your head off” que é usada para expressar alto grau de raiva. De acordo com o estudioso, no processo de interpretação dessa expressão, o falante pode fazer a ligação do item lexical BITE

(morder) com a metáfora conceitual ANGRY BEHAVOIR IS ANIMAL BEHAVIOR (comportamento agressivo é comportamento animal), e assim chegar ao entendimento da expressão. Dessa forma, Gibbs (1993) mostra que as expressões não são “metáforas mortas”, uma vez que o sentido figurado das expressões é motivado por várias metáforas conceituais que atuam no processo de compreensão dessas unidades complexas.

Na visão conceitual do tratamento das EIs, as metáforas conceituais são de certa forma convencionalizadas, na medida em que estão presentes no cotidiano de um falante, tornando assim o processo de compreensão das expressões algo inconsciente e automático. Na visão de Gibbs (1993), este fato pode ser um dos motivos que levam alguns estudiosos a pensarem que as EIs são “metáforas mortas”.

CAPÍTULO II

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

A magia da linguagem é o mais perigoso dos encantos

Edward George Bulwer Lytton

Este capítulo tem por objetivo reunir informações sobre as expressões, evidenciando suas características morfossintáticas, semânticas e características percebidas dentro do discurso publicitário, como modificações que as EIs podem sofrer em sua estrutura. Além disso, ressaltaremos propriedades peculiares das expressões idiomáticas que as tornam um recurso muito utilizado na publicidade. A análise será feita em EIs encontradas em textos publicitários de três revistas noticiosas de grande representação nacional, a saber, *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, publicadas entre os anos de 2000 a 2010. Esse *corpus* de pesquisa pertence à base de dados do projeto intitulado “Observatório de neologismos na publicidade impressa: aplicação ao desenvolvimento da competência lexical”. O projeto, em andamento na Faculdade de Letras sob a coordenação do Professor Dr. Aderlande Pereira Ferraz, tem como principal objetivo coletar neologismos, entre os quais podemos citar o objeto de estudo desta pesquisa, as expressões idiomáticas.

No que tange as às expressões neológicas, utilizou-se o critério lexicográfico, a partir do qual se adotou um *corpus* de exclusão composto por três obras lexicográficas de grande peso e prestígio no cenário nacional, a saber, Houaiss (2001), Michaelis (1998) e Aurélio (1999). Assim, a expressão idiomática encontrada no texto publicitário era buscada nas três obras citadas e se esta não estivesse dicionarizada era, então, considerada neológica. Diante dos critérios disponíveis como o diacrônico e o psicológico, adotou-se o lexicográfico justamente por ser marcado pela objetividade e facilidade de aplicação. Embora reconheçamos que os dicionários demorem um período relativamente extenso para se atualizarem, ainda, assim, podemos considerar que esse tipo de obra lexicográfica é um parâmetro seguro para esse tipo de pesquisa. Além disso, tanto o critério diacrônico, que se “baseia na comprovação da data de surgimento de uma unidade léxica num dicionário ou num *corpus* textual” (Ferraz, 2006, p. 224) ou o critério psicológico, que trabalha com a impressão dos falantes em relação à sensação de novidade da palavra, apresentam uma grande

dificuldade de aplicação e pecam pela subjetividade.

Essa pesquisa não se pautará pela análise quantitativa do *corpus*, pois as EIs serão utilizadas a título de exemplo para evidenciar suas características.

2.1 Características do discurso publicitário

A escolha de um *corpus* constituído por textos publicitários é devido ao fato de estes utilizarem um número bastante expressivo de expressões idiomáticas. Embora não tenhamos ambições quantitativas, é pertinente dizer que os textos publicitários são marcados pela grande utilização de EIs. Um dos motivos para essa ampla utilização pode ser explicado pelas características desse gênero textual. Para Sandmann (1993), a linguagem da propaganda utiliza recursos expressivos e se serve da linguagem coloquial para cumprir seu papel, que é de envolver, convencer e persuadir o leitor. Além da função apelativa, o estudioso também cita a função estética nos textos publicitários. Leech (1986) citado por Sandmann (1993) explica que a publicidade tem por objetivo que o leitor ou o possível consumidor memorize o produto ou alguma frase que o faça lembrar do produto. Nas palavras do pesquisador:

É desejável que a audiência ao menos guarde o nome do produto anunciado, e possivelmente também alguma frase-chamariz que o acompanha. Esta é uma razão para o uso de repetições verbais idênticas, juntamente com outras figuras de valor mnemônico, como rima e aliteração. (LEECH, 1986, p. 14 *apud* SANDMANN, 1993, p. 29)

Nesse sentido, Carvalho (2000) sinaliza que, como as EIs são conhecidas dos “leitores”, fica mais fácil a memorização e a associação com o produto anunciado no texto publicitário. É o caso de uma propaganda veiculada na revista IstoÉ para a divulgação da marca de uma carro, “Fique de FIT com a vida. Chegou o Honda FIT”. 18/06/2003, em que o publicitário utiliza a expressão *ficar de bem com a vida*, que é muito usual no cotidiano dos falantes e substitui o item lexical “bem” pela marca do carro que está sendo divulgado.

Além disso, o fato de as expressões idiomáticas serem estruturas da linguagem popular e, ao mesmo tempo, serem aceitas no nível formal da língua, é uma grande estratégia da publicidade para atingir um número maior de possíveis consumidores.

Outro ponto característico da propaganda é que esta possui traços estilísticos que também ajudam a chamar a atenção do leitor. Entende-se como traço estilístico a utilização de recursos para dar mais expressividade ao discurso, ou uma maneira peculiar de expressão em textos orais ou escritos. Não podemos considerar, no entanto, que esses recursos são desvios de norma, como muitas vezes são interpretados. (cf. SANDMANN, 1993, p. 46). Na verdade, para Sandmann (1993) podemos encontrar muitos desvios da norma culta ou padrão e até “desvios gramaticais” nos textos publicitários, como é o exemplo da propaganda a seguir:

“Paralização – a nossa visão. Quem consegue ver numa paralização somente o erro ortográfico é míope.” (folheto da ASMUC – Associação do Magistério Municipal de Curitiba).

Nessa propaganda, temos a palavra “paralisação” escrita no primeiro momento de forma incorreta com “Z”, mas, no decorrer do texto, percebe-se que esse “desvio” foi intencional. Outro exemplo que podemos citar em relação aos desvios da norma culta encontrados em textos publicitários é a utilização de expressões idiomáticas, uma vez que estas são oriundas da linguagem coloquial. Nesse caso, é possível também encontrarmos EIs de combinações “anômalas”, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico. Temos o exemplo da expressão *pagar mico*, significando “dar vexames ou passar vergonha”, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), que é uma combinação que foge dos padrões da língua portuguesa, uma vez que seria necessário utilizar o artigo antes do substantivo.

Sobre essa temática, Sandmann (1993) denuncia a necessidade de diferenciar desvio da norma culta padrão e desvios linguísticos. O estudioso afirma que, em relação à propaganda em que temos “paralização” em vez de “paralisação”, seria um caso de desvio da norma padrão e não de desvio linguístico, uma vez que foi proposital, levando-se em consideração o gênero em questão e seus objetivos. Nesse sentido, Jacobson (1971) reflete:

É sobre o pano de fundo da tradição que a inovação é percebida. Os estudos formalistas têm demonstrado que é essa simultaneidade entre a manutenção da tradição e a ruptura da tradição que forma toda a essência da inovação em arte. (JACOBSON, 1971, 151 *apud* SANDMANN, 1993, p. 47)

Eco (1976) citado por Sandmann (1993) corrobora:

A técnica publicitária, nos seus melhores exemplos, parece baseada no pressuposto informacional de que um anúncio mais atrairá a atenção do espectador quanto mais violar as normas comunicacionais adquiridas (e subverter, destarte, um sistema de expectativas retóricas). (ECO, 1976, p. 157 / SANDMANN, 1993, p. 47)

Levando-se em consideração essas reflexões, entendemos que os desvios da norma padrão culta que podemos encontrar nos textos publicitários não podem ser considerados como desvios linguísticos, pois o publicitário os utiliza como uma estratégia para chamar e prender a atenção do leitor/consumidor. A utilização de expressões idiomáticas no ambiente publicitário também não deve ser motivo de desprestígio para o texto, pois existe uma intenção ao utilizá-las, principalmente pela criatividade e originalidade de suas metáforas.

Segundo Sandmann (1993), a linguagem figurada é representada, na publicidade, pela utilização de expressões idiomáticas que são “formas de expressão que fogem da linguagem comum, emprestando à mensagem maior vivacidade, vigor e criatividade”. (SANDMANN, 1993, p. 85) Muitas vezes essa criatividade é evidenciada no jogo a que o leitor é frequentemente submetido nos textos publicitários, isto é, em determinado texto é possível uma leitura literal e outra figurada.

Em nosso *corpus*, como sinalizou Sandmann (1993), percebe-se que o publicitário, muitas vezes, possui a intenção de trabalhar com o sentido literal e sentido figurado das EIs. Na maioria das vezes, ele utiliza a imagem para concretizar essa ideia, como é o caso de uma propaganda veiculada na *Veja* de 2005, em que o publicitário joga com o sentido literal e figurado da expressão *segurar a barra*. A propaganda está divulgando uma promoção cujo prêmio seria barras de ouro. No discurso não verbal, aparece uma mãe segurando uma barra de ouro ao lado de seu filho, cuja aparência demonstra que é um jovem rebelde. Embora na imagem identifiquemos a mãe segurando, literalmente, uma barra (de ouro), o discurso verbal nos indica que a expressão em questão está sendo utilizada no seu sentido figurado, ou seja, que a mãe já enfrentou várias situações difíceis em relação ao filho.

Vejam a seguir, na figura 3, a propaganda em questão:

Sua mãe já segurou muitas barras. Mas nenhuma igual a esta.

para a sua Mãe vale ORO

Participe desta promoção e concorra a até R\$ 175 mil em barras de ouro* e 100 aparelhos de DVD na compra de produtos LG:

Preencha a carta-resposta com seus dados pessoais, responda "Para qual marca sua mãe vale ouro?" e deposite em qualquer agência do correio. Promoção válida de 17/03/05 a 15/05/05. Consulte o regulamento completo no site www.lg.com.br.

LG

Figura 3: Revista Veja, 04/05/2005. p. 115.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Em outro exemplo da revista Veja (ver figura 4, abaixo), temos uma máquina de lavar roupas como foco de uma publicidade e, nesta, podemos identificar a expressão *ficar de queixo caído*, que no sentido figurado quer dizer “ficar admirado”. No entanto, percebe-se que a expressão está sendo remetida ao seu sentido literal pela imagem de uma mulher que está literalmente com a parte inferior da face caída, ou seja, de queixo caído.

Vejamos a propaganda em questão a seguir:

A nova lavadora Brastemp com 6ª Sento: sente a quantidade de roupa e decide o nível de água ideal para a lavagem. Você não precisa mais esperar para lavar a roupa. Além disso, a nova lavadora Brastemp tem a função Pique-Paque, uma inovação para reduzir o tempo de consumo.

É de ficar de queixo caído!

Joyce Paschwitz by Brastemp

Figura 4: Revista Veja , 15/12/2004. p. 05 (encarte 2).

Muitas vezes o publicitário utiliza o próprio discurso verbal para indicar o sentido literal da expressão, dispensando assim o uso da imagem e assim utilizando de palavras para resgatar o sentido literal. A seguir apresentaremos alguns textos publicitários em que os dois sentidos, literal e figurado, das expressões idiomáticas estão presentes e, logo em seguida à publicidade, apresentaremos uma explicação de como o publicitário utiliza este recurso.

Conheça Minas. A paisagem «tira o fôlego» e a hospitalidade devolve. IstoÉ, 08/04/2005, p. 91.

No texto publicitário acima, o publicitário trabalha com o sentido literal e figurado da expressão *tirar o fôlego* que significa surpreender. Para aludir ao sentido literal da expressão, o publicitário utiliza o verbo “devolver”, em oposição ao verbo “tirar” que compõe a expressão em questão. No entanto, o verbo “tirar”, dentro da expressão, não tem o valor semântico oposto ao de “devolver”, uma vez que seu significado foi apagado para que a expressão assumisse um novo significado global. Percebemos que a intenção do publicitário foi a tentativa de resgatar o sentido literal da expressão. A mesma estratégia é utilizada no texto abaixo:

A Cemig já recebeu mais de 500.000 crianças em seus projetos de educação ambiental. Através destes projetos, elas se informam, se conscientizam e conhecem o que é preciso fazer para preservar o nosso planeta. Plantando sementes assim, a Cemig tem certeza de que o nosso futuro vai «colher ótimos frutos». Época, 06/06/2005, p. 67

O sentido literal da expressão *colher frutos*, que na linguagem figurada significa “obter bons resultados”, é acionado através do substantivo “semente”. Percebe-se que o publicitário tem a intenção de relacionar o significado de “semente” com o significado de “fruto”, no entanto vale ressaltar que o item lexical “fruto” dentro da expressão não possui o mesmo significado de vegetal que possui no discurso livre. Vejamos um outro exemplo em que o texto indica os dois sentidos da expressão idiomática:

O pior de «ficar boiando» é que quanto mais você afunda menos as pessoas te dão a mão. Época, 29/05/2002, p. 113.

A expressão idiomática *ficar boiando* foi utilizada no texto publicitário acima e seu sentido literal é acionado na propaganda. No sentido figurado, essa expressão quer dizer “estar desinformado sobre um determinado do assunto”, porém o publicitário utiliza o verbo “afundar”

que remete ao sentido literal da expressão em questão, que é “flutuar sobre a água”, e nesse caso existe a possibilidade de afundar. Para entender a propaganda, é necessário que o leitor acione os dois sentidos, o literal e o figurado, pois de outra forma a mensagem não é transmitida de forma satisfatória. Desse mesmo modo, para compreender os textos publicitários que se seguem, é necessário perceber a intenção do publicitário de jogar com os sentidos literais e figurados das expressões:

Para garantir que você está comprando cartuchos originais HP, preste atenção no selo de garantia, no lado direito da embalagem. Ele deve mudar do verde para o azul, de acordo com o ângulo de visão. «Abra os olhos». Cartuchos originais HP têm selo de garantia que muda de cor. *Época*, 14/04/2003, p. 108.

Se você molhar seu celular, sua agenda telefônica não «vai por água abaixo». *Época*, 06/12/2004, p. 29.

A expressão idiomática *abrir os olhos*, que significa “ficar atento”, é redimensionada ao plano literal pela palavra “visão”, que remete a “olho”, no sentido de “órgão da visão”, ou seja, o sentido literal da expressão. Já a expressão *ir por água abaixo* é utilizada para dizer que algo se perdeu. Contudo, seu sentido literal é acionado no texto pelo verbo “molhar” que por sua vez está relacionado ao sentido literal de “água”, que só é acionado na expressão literal [ir por água abaixo].

Essa análise mostra o jogo entre o sentido literal e o figurado das expressões idiomáticas nos textos publicitários e vai ao encontro do que Vilela (2002) chama de “remotivação”. Para este autor, a “remotivação” é feita no discurso através do uso de itens lexicais que são inseridos intencionalmente no discurso para provocar um jogo entre o sentido literal e o sentido figurado da expressão.

Ainda sobre essa temática, Malheiros-Poulet (2007) observa que o processo de recorrer ao sentido literal é muito utilizado pela publicidade para reforçar a metáfora, seja utilizando o discurso não-verbal ou verbal. A oscilação entre o sentido literal e figurado de uma expressão é uma estratégia da publicidade para dar mais expressividade ao discurso e por esse motivo é que as expressões idiomáticas são bastante recorrentes nesse meio.

Porém, Malheiros-Poulet (2007) salienta que quando ocorre a transposição de sentido, ou seja, a expressão é utilizada no sentido figurado, é preciso que o destinatário da mensagem compreenda essa transferência, pois, de outra maneira, este não conseguiria interpretar satisfatoriamente a mensagem do locutor. Nas palavras da autora:

As transferências de sentido põem igualmente em jogo a competência do destinatário, pois, para compreender o sentido dado pelo locutor, deve ser capaz de escolher o tipo de informação veiculada pelo sentido próprio da expressão; tem que restabelecer a imagem associada ou encontrar o tipo de raciocínio indicado pela linguagem figurada. (MALHEIROS-POULET, 2007, P.48)

Todavia, esse recurso expressivo entre o literal e figurado só é possível quando as EIs possuem um equivalente no discurso livre, ou seja, uma expressão homônimo-homófona de sentido literal. Mas será que todas as expressões possuem essa correspondência?

2.2 Expressões idiomáticas e suas correspondentes no discurso livre

Ao discutir o conceito de expressão idiomática, do ponto de vista semântico, Vilela (2002) mostra que os elementos de uma expressão idiomática perdem seus significados individuais para construir um novo significado global que, na maioria das vezes, é metafórico. Para ilustrar esse processo de transposição de significados, o autor apresenta expressões homônimo-homófonas das expressões idiomáticas que são utilizadas no discurso livre. A expressão idiomática *levantar a cabeça*, cujo valor fraseológico ou metafórico indica prosperar, no discurso livre [levantar a cabeça] possui sentido literal e significa [fazer um movimento para cima com a cabeça].

Trata-se de expressões que não possuem nenhuma restrição sintática /semântica e por este motivo podemos encontrá-las em forma de uma combinação de palavras não-fixas no discurso livre. É importante ressaltar que essas combinações são marcadas pela efemeridade e possuem sentido literal. Todos os exemplos citados na seção anterior são exemplos de expressões que possuem combinações correspondentes no discurso livre. Vejamos a seguir exemplos que ilustrarão a existência de combinações homófonas-homômimas encontradas no discurso livre.

Colher os frutos:

Significado fraseológico: obter bons resultados.

Significado Literal: retirar os frutos da árvore.

Abrir o olho:

Significado fraseológico: Ficar atento. Acautelarse.

Significado Literal: fazer o movimento de abertura do órgão da visão.

Outros exemplos encontrados no *corpus*:

Cartão BDNS, os juros mais baixos do Brasil. Para sua empresa «vestir a camisa» do desenvolvimento. *Época*, 28/03/2011, p. 02/03.

Vestir a camisa:

Significado fraseológico: adotar uma causa e lutar por ela.

Significado Literal: cobri-se com uma peça de roupa (camisa).

O pior de «ficar boiando» é que quando mais você afunda menos as pessoas te «dão a mão». IstoÉ, 29/05/2005, p. 113.

Ficar boiando:

Significado fraseológico: não estar informado sobre um determinado assunto.

Significado Literal: flutuar sobre a água.

Dar a mão:

Significado fraseológico: ajudar.

Significado Literal: conduzir a extremidade do membro superior.

Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo. É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo. 11 de junho, dia de «dar mais uma goleada» na paralisia infantil. *Época*, 06/06/2005, p. 52

Dar uma goleada:

Significado fraseológico: vencer.

Significado Literal: marcar vários gols em uma partida de futebol.

Algumas expressões idiomáticas possuem restrições, tanto de ordem sintática como de ordem semântica, que as impossibilitam de ter uma combinação correspondente de sentido literal. Trata-se de EIs em que não é possível resgatar seus sentidos literais, uma vez que a motivação sintática ou semântica dessas estruturas não é encontrada em combinações do discurso livre. Vejamos, na Quadro a seguir, exemplos de expressões que possuem restrições sintáticas, ou seja, a formação apresentada na expressão não ocorreria no discurso livre. Dessa mesma forma, apresentaremos expressões com restrições semânticas, cuja combinação dificilmente ocorreria no discurso livre.

Expressões como restrições sintáticas	Expressões com restrições semânticas
<ol style="list-style-type: none"> 1. Abrir mão 2. Pagar mico 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dar o ar da sua graça 2. Ser uma mão e tanto 3. Pensar pequeno 4. O X da questão 5. Dar uma força 6. De vento em popa 7. Peso na consciência 8. Sonhar mais alto 9. Refrescar o bolso 10. Pôr a mão na consciência 11. Tomar um chega para lá 12. Entrar em parafuso 13. Nervos a flor da pele

Em relação às expressões que possuem restrições sintáticas *abrir mão* e *pagar mico*, estas dificilmente ocorreriam no discurso livre sem a utilização de um artigo antes do substantivo. Deste modo, para serem utilizadas como combinação livre de sentido literal teríamos que considerar [Abrir a mão] no sentido de fazer o movimento de abertura da mão e [pagar o mico] em um contexto em que o indivíduo comprou um animal (mico) e deve então pagá-lo ao vendedor. Em nosso *corpus*, encontramos a expressão idiomática *abrir a mão* no sentido de liberar. Nesse caso, não existe nenhuma restrição sintática em relação ao discurso livre, mas essa última não pode ser considerada uma variação de *abrir mão*, pois ambas possuem sentidos diferentes. Trata-se de expressões análogas na categorização de Xatara (1998), isto é, expressões que possuem estruturas bem semelhantes, porém com sentido completamente diferente. Sobre as expressões que possuem restrições semânticas, fato que as impedem de ocorrer como uma combinação livre de sentido

literal, percebemos que, na maioria das vezes, essa restrição ocorre por envolver entidades abstratas. Como exemplos, temos as expressões *peso na consciência*, *pôr a mão na consciência*, *dar o ar de sua graça*, *dar uma força*, *pensar pequeno*, *sonhar mais alto* que envolvem, respectivamente, as entidades abstratas “consciência”, “graça”, “força”, “pensar”, “sonhar”. Essas entidades normalmente não são ligadas a unidades lexicais concretas ou a adjetivos que descrevem entidades concretas, quando são produzidas em seu sentido literal no discurso livre. Sendo assim, não poderíamos produzir, no discurso livre, uma combinação como [pôr a mão na consciência], uma vez que como “consciência” é abstrata, não poderíamos tocá-la com a mão. Dessa mesma forma, não poderíamos dizer literalmente algo do tipo [pensar pequeno] uma vez que “pequeno” é um adjetivo dado a algo que se possa medir, como na combinação [pé pequeno] em que “pé” é uma entidade concreta que pode ser medida. Portanto, não poderíamos atribuir o adjetivo “pequeno” a uma entidade abstrata como “pensar”.

2.3. Tipologia morfossintática

Em relação aos aspectos morfossintáticos, levaremos em consideração que as EIs são classificadas de acordo com a função que elas desempenham na oração. Para Corpas Pastor (1996) e Xatara (1998), as EIs podem assumir a função de sintagmas nominais, verbais, sintagmas de função adjetiva e adverbial e sintagmas frasais. Estes sintagmas desempenham a mesma função formal e semântica de palavras simples em uma oração. No que concerne aos sintagmas adverbiais, estes, em alguns casos, podem revelar uma grande diversidade estrutural. No que concerne à tipologia sintática das expressões idiomáticas, encontramos as seguintes estruturas:

- Expressões nominais:

As expressões nominais são sintagmas que desempenham a função de substantivo dentro de uma oração. De acordo com Corpas Pastor (1996), os padrões sintáticos mais produtivos são os formados por substantivo + adjetivo e substantivo + preposição + substantivo:

a) Substantivo + adjetivo:

“Comece o ano novo com o «pé direito».” Veja, 3/1/2000, quarta capa.

Significado fraseológico: sorte

“Tem «pé quente». «Pé frio» não tem que não combina.” Veja, 05/01/2005, p. 01.

Significado fraseológico: pessoa que transmite sorte e pessoa que transmite azar

“Não precisa colocar «olho gordo», já tem.” Veja, 24/07/2002, p. 14.

Significado fraseológico: inveja

b) substantivo + preposição + substantivo

“Agrada tanto «pés de chumbo» quanto «mãos de vaca»” Veja 6/9/2000, p. 66

Significado fraseológico: Que tem o pé pesado; que gosta de dirigir em alta velocidade.

“Tem «pé de galinha» (que é o pé de meia do cirurgião plástico)” Veja 05/01/2005, p. 01.

Significado fraseológico: rendimentos mensais

“Outra «dor-de-cotovelo» da concorrência: air bag lateral.” IstoÉ, 13/12/2000, p. 106

Significado fraseológico: despeito, inveja.

· Expressões verbais:

As expressões verbais funcionam como sintagmas verbais e apresentam uma grande diversidade estrutural. Em nosso *corpus*, as expressões do tipo sintagma verbal estão em número maior do que as expressões dos outros tipos. Em geral, são formadas por:

a) Verbo + Sintagma nominal:

Grande Leilão de imóveis locados para agências. Este é para «bater o martelo». IstoÉ, 13/11/2002, p. 76

Significado fraseológico: fechar um negócio

Promoção Petrobrás 50 Anos. Envie pelo correio para a Caixa Postal nº 50 Cep.: 20.010-974-Rio de Janeiro-RJ e «cruze os dedos». Veja, 28/01/2004 p. 115.

Significado fraseológico: torcer

O Casamento Perfeito: Ela, impossível de «tirar os olhos»; Ele, discreto como deve ser. Veja, 23/02/2005, p. 04

Significado fraseológico: Não conseguir parar de olhar.

Faz você esquecer a vida. «Perder a cabeça». A beleza faz o que quiser e bem entender. Veja, 30/03/2005, p. 05.

Significado fraseológico: perder o controle

b) Verbo + adjetivo + sintagma nominal:

Há dez anos, a Globosat realizou um feito que fez a televisão «dar um grande salto». Época, 16/04/2001 p. 48/49.

Significado fraseológico: avançar

“Colabore com o Hospital do Câncer e prove que você «tem bom coração».” Época, 23/10/2002, sem página.

Significado fraseológico: ser bondoso

A Cemig já recebeu mais de 500.00 crianças em seus projetos de educação ambiental. Através destes projetos, elas se informam, se conscientizam e conhecem o que é preciso fazer para preservar o nosso planeta. Plantando sementes assim, a Cemig tem certeza de que o nosso futuro vai «colher ótimos frutos». Época, 06/06/2005 p. 67.

Significado fraseológico: obter bons resultados

c) Verbo + preposição + sintagma nominal:

Na hora de pagar, a sua seguradora «pisa no freio» ou acelera? Veja, 29/06/2005, p. 02

Significado fraseológico: atrasar, demorar.

A sua é «subir na vida»? A sua vida é subir? A sua é o Terra. Qual é a sua? Época, 25/09/2002, encarte.

Significado fraseológico: alcançar uma posição melhor.

«Fique de olho». O BB tem uma nova opção de investimento para você. O tempo todo com você. IstoÉ, 05/10/2005 p. 21.

Significado fraseológico: estar atento

· Expressões adjetivas

A expressão é um sintagma que funciona como um adjetivo, isto é, “determina um substantivo que se encontra fora da expressão” (FERRAZ e SOUZA, 2004, p. 149). Vejamos a seguir alguns exemplos do *corpus*:

A Lua me Disse, de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella. Direção de núcleo de Roberto Talma e direção geral de Rogério Gomes. Uma novela «com tudo dentro». TV GLOBO. IstoÉ, 20/04/2005 p. 95.

Significado fraseológico: completa

Participe de um concurso que é «de morrer» e conheça Beverly Hills. IstoÉ, 30/07/2003 p. 75.

Significado fraseológico: imperdível

Uma conquista de muitos vencedores. Vela: resultados «de vento em popa». IstoÉ, 03/11/2004, p. 18.

Significado fraseológico: excelente

- Expressões adverbiais

Nesse caso, o sintagma exerce a função de um advérbio, ou seja, é determinante de verbo ou de um advérbio que se encontra fora da expressão. Vejamos alguns exemplos para ilustrar essa tipologia:

Bohemia apresenta novos bares para ir «de olhos fechados». Veja, maio/2004, p. 72.

Significado fraseológico: com confiança

(...) tem uma grande oportunidade «diante do seu nariz». Aproveite. IstoÉ, 19/03/2002, p. 02.

Significado fraseológico: bem próximo

2.3.1. Algumas considerações em torno da tipologia morfossintática

Embora nossa análise não tenha ambições estatísticas, como já foi sinalizado, é importante salientar que, no que tange à tipologia morfossintática das EIs, observa-se que existe uma frequência maior das expressões do tipo “sintagma verbal”. Carvalho (2000) postula que, como o texto publicitário tem por objetivo a intenção de envolver (convencer) o receptor, aquele se serve do elemento verbal, normalmente no imperativo, para fazer um convite ou dar uma ordem. Tal fato pode justificar a grande produtividade de expressões que se classificam como sintagmas verbais.

Em relação a algumas expressões do tipo verbo + adjetivo + sintagma nominal, vale ressaltar que o adjetivo pode ser inserido na expressão não sendo, portanto, parte da expressão prototípica. Sobre esse fato, Xatara (1998) se apoia em Hundt (1994) para explicar que esse alargamento da expressão, isto é, a inserção do adjetivo, pode fazer parte da expressão ou apenas representar um processo facultativo. Na expressão *colher ótimos frutos*, por exemplo, o adjetivo “ótimo” foi inserido ocasionalmente nessa expressão, sendo que é possível utilizar a expressão sem o adjetivo: (“colher frutos”), sem provocar grandes alterações no significado da expressão.

Existe também a possibilidade de as expressões oscilarem de uma tipologia morfossintática à outra. A expressão *tirar o fôlego* é um exemplo que desempenha funções diferentes nos seguintes textos publicitários:

1. Conheça Minas. A paisagem «tira o fôlego» e a hospitalidade devolve. IstoÉ, 08/04/2005, p.91.

Significado fraseológico: surpreende

2. A revista Motor Show atropela a concorrência e mostra novidades de «tirar o fôlego». IstoÉ, 07/09/2005, p. 46.

Significado fraseológico: surpreendente

Percebe-se que no texto 1 a expressão funciona como um sintagma verbal, enquanto no texto 2 a expressão desempenha a função de um adjetivo, pois está caracterizando o substantivo “novidade”.

2.4. Tipologia semântica

Para a classificação dos aspectos semânticos, trabalharemos com o valor semântico das EIs. Nesta categorização, podemos classificar as expressões de acordo com o grau de conotação. Nesse sentido, Xatara (1998) nos explica que podemos classificar as EIs de acordo com uma escala abstrata, considerando seu valor conotativo e, neste caso, temos expressões:

1) Fortemente conotativas: expressões de difícil decodificação, pois todos os componentes de valor denotativo estão semanticamente ausentes, e além disso, “quando há grande dificuldade para recuperar sua motivação metafórica e o sentido literal está bloqueado pela realidade extralingüística” (XATARA, 1998, 1998, p. 172)

2) Fracamente conotativas: Segundo Xatara (1998) trata-se de expressões que a decodificação é mais fácil, pois os elementos semanticamente presentes, de valor denotativo, estão associados a componentes semanticamente ausentes, de valor conotativo.

Vejamos a seguir alguns exemplos retirados do *Corpus*⁵:

- Fortemente conotativas

⁵ Os contextos das expressões encontram-se no apêndice.

BARTER À PORTA = chegar
CRUZAR OS DEDOS = torcer
BATER O MARTELO = fechar um negócio
DAR UM BANHO = mostrar superioridade / ser superior
DAR UMA GOLEADA = vencer
PAGAR CARO = sofrer consequências
PERDER O CHÃO = desestabilizar
TER UM DEDINHO = participar
PISAR NO FREIO = demorar a efetuar algo
SAIR DO PAPEL = realizar
COLOCAR ALGUÉM CONTRA O PAREDÃO = pressionar

- Fracamente conotativas:

ESTAR SEMPRE UM PASSO À FRENTE = estar adiantado
PRA LÁ DE MARRAQUESH = distante

2.4.1. Algumas considerações em torno da tipologia semântica

É importante considerar que identificamos um número muito maior de expressões classificadas como “fortemente conotativa”. Tal fato se justifica pela relação que podemos fazer entre o aspecto conotativo e a linguagem persuasiva. Este cenário, para Sandmann (1993), está associado ao forte apelo que a publicidade faz ao receptor dos textos. Para o autor, “quando o ato comunicativo externa forte apelo ao receptor, ao destinatário, interlocutor ou decodificador da mensagem, à 2ª pessoa, dizemos que predomina a função apelativa ou conativa.” (SANDMANN, 1993, p. 24-25).

2.5. Variação das Expressões idiomáticas nos textos publicitários

Embora as expressões idiomáticas sejam consideradas estruturas estáveis com um grau de fixidez bastante elevado no discurso, podemos encontrar variações no que tange às estruturas sintática e semântica. Essas variações, no entanto, não descaracterizam as expressões idiomáticas,

tampouco atuam de modo a modificar o sentido dessas estruturas, mas são adaptações feitas para melhor adequá-las ao discurso publicitário. Sobre esse assunto, Vilela (2002) nos mostra que no discurso as EIs podem sofrer varias modificações. Importa considerar que, ao identificar expressão idiomática como sendo aquela que sofreu uma variação, nos apoiaremos nos dicionários, pois estes não registram as variantes e sim o protótipo da expressão, isto é, a expressão original ou como ela é mais utilizada. Nos apoiaremos também em nossa experiência como falante, visto que podemos utilizar nossa competência lexical para definir se a expressão sofreu algum tipo de modificação.

Existem variações que são previstas pela norma da língua, isto é, trata-se de modificações parciais na estrutura dos componentes da expressão para melhor adequação ao discurso sem a variação do sentido global da expressão. Assim podemos identificar as seguintes variações:

- Variação de número, gênero e grau:

- a) As expressões foram encontradas no *corpus* tanto no singular quanto no plural, sem alteração do sentido. Vejamos os exemplos:

Abrir o olho x Abrir os olhos

É melhor você «abrir o olho». – Veja 15/12/2004, p. 57.

Para garantir que você está comprando cartuchos originais HP, preste atenção no selo de garantia, no lado direito da embalagem. Ele deve mudar do verde para o azul, de acordo com o ângulo de visão. «Abra os olhos». Cartuchos originais HP têm selo de garantia que muda de cor. Veja, 18/09/2002, p. 27.

Significado fraseológico: Ficar atento

Tirar o olho x Tirar os olhos.

Preço baixo é como futebol na TV: você não consegue «tirar o olho». Veja, 02/11/2005, p.43

O casamento perfeito: ela, impossível de «tirar os olhos»; ele, discreto como deve ser. Veja, 04/05/2005, p. 13

Significado fraseológico: Parar de olhar

Mão-de-vaca x Mãos de vaca

“Por que um «mão-de-vaca» precisa assinar a UOL?” Veja, 01/13/2000, p. 109.

“Agrada tanto pés de chumbo quanto «mãos de vaca».”. Veja, 06/09/200, p. 66.

Significado fraseológico: Alguém que é econômico; que não gosta de gastar dinheiro.

b) A expressão que normalmente é utilizada no masculino foi encontrada no feminino. No dicionário Houaiss a expressão *pão-duro* é utilizada para designar uma pessoa que guarda dinheiro e não gosta de gastá-lo. Em nosso *corpus* encontramos a expressão, porém, empregada no feminino:

Pão duro x Pão dura

“Porque só na UOL ele pode encontrar nos Amigos Virtuais uma namorada tão «pão-dura» quanto ele.” Veja, 01/03/2000, p. 109.

Significado fraseológico: Alguém que não gosta de gastar; alguém que é econômico.

C) Variação de grau, isto é, as expressões podem variar sendo utilizadas ou no aumentativo ou no diminutivo. No dicionário Michaelis (1998), a expressão *dar uma volta* significa “sair para um passeio ligeiro, por mera distração” e o dicionário Aurélio (1999) registra a expressão *dar um pulo* com o sentido de “Ir a (algum lugar), voltando logo em seguida”. A expressão *tomar um chá de cadeira*, cujo registro é feito pelo Aurélio (1999) com a acepção de “Ficar sentado esperando, por longo tempo, por alguém ou por algo”, também sofreu variação. Em nosso *corpus* encontramos essas três expressões, porém, sendo utilizadas no diminutivo. É importante ressaltar que embora haja essa variação, o sentido permanece o mesmo. Vejamos os exemplos encontrados no *corpus*:

Dar uma volta x Dar uma voltinha

“Vá até a TOK&STOK «dar uma voltinha». E aproveite para levar a loja toda.” Veja, 03/05/2000, p. 87.

Significado fraseológico: Dar um passeio.

Dar um pulo x Dar um pulinho

Se você está pesquisando antes de comprar, «dê um pulinho» por lá. IstoÉ, 15/12/200, p. 34.

Significado fraseológico: Ir a algum lugar para não demorar.

Tomar um chá de cadeira x Tomar um chazinho de cadeira

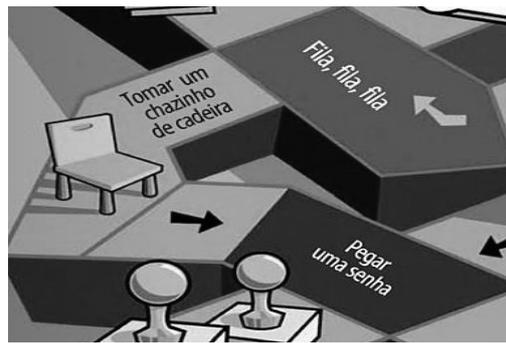


Figura 5: Veja, 8/12/2004, p. 141.

Significado fraseológico: Esperar muito.

- Variação nas diferentes formas de negação:

(Não) *ir por água abaixo*

“Se você molhar seu celular, sua agenda telefônica «não vai por água abaixo».” Época, 06/12/2004, p. 29.

Significado fraseológico: Não ser perder

(Não) *ficar de nariz empinado*

“Prêmios e mais prêmios, o carro mais bonito do Brasil só «não ficou de nariz empinado» porque ia estragar o design”. Época, 31/05/2004, p. 44.

Significado fraseológico: Não ficar envaidecido

(Não) *pular fora*

“Se «não pular fora», ele está frito”. Época, 08/08/2005, p. 100.

Significado fraseológico: Não sair.

(Não) *abrir mão* e (Sem) *abrir mão*

“«Não abra mão» do melhor. Exija sempre cartuchos originais HP. Época, 30/07/2003, p. 73. (não desistir)

“Você pode ter grande cobertura «sem abrir mão» da melhor qualidade de ligação digital.” Época, 22/08/2001, p. 107

Significado fraseológico: Sem desistir, abandonar

(Sem) *deixar de lado*

“O Programa Permuta de Mudas é a prova de que é possível um município aumentar sua produtividade «sem deixar de lado» suas responsabilidades sociais.” *Época*, 01/07/2002, p.74

Significado fraseológico: sem abandonar.

(Não) *ficar chupando dedo*

“Agora, pelo preço de um picolé, você «não fica chupando dedo» se o seu veículo der algum problema depois do término da garantia de fábrica.” *Época*, 17/06/2002, p. 28.

Significado fraseológico: não saber o que fazer.

- Variação por antonímia:

A variação por antonímia ocorre quando temos a substituição de um item lexical por um outro de valor oposto. Nesse caso, com a substituição, os sentidos das expressões também são opostos entre si. Vejamos os exemplos retirados do *corpus*:

Ganhar / dar *uma mãozinha* (sentidos opostos)

“Seu filho se diverte ao mesmo tempo que «ganha uma mãozinha» nos estudos.” *Veja*, 22/03/2000, s/p.

Significado fraseológico: Receber ajuda.

“O futuro a Deus pertence, mas você pode «dar uma mãozinha». Para saber mais sobre o nosso trabalho, ligue 3679-2000 ou acesse www.goldeletra.com.br.” *IstoÉ*, 10/01/2001, p. 83. (ajudar)

Significado fraseológico: ajudar

No entanto, encontramos em nosso *corpus*, duas expressões compostas por itens lexicais de valores opostos, porém, os sentidos não se opõem entre si, ainda que diferentes. Na expressão *Dar fôlego* e *tirar o fôlego*, temos respectivamente os verbos “dar” e “tirar”, cujos sentidos de valor literal são opostos. No entanto, quando considerados no interior das expressões, os sentidos dos verbos não se opõem e, por este motivo, não podemos considerar as expressões como antônimas.

Dar fôlego / Tirar o fôlego (os sentidos não são opostos)

“Quer «dar fôlego» para a sua marca? Então adote uma área verde”. IstoÉ, 31/05/2005, p. 55.

Significado fraseológico: Dar condições de sobrevivência

“Conheça Minas. A paisagem «tira o fôlego». A hospitalidade devolve”. IstoÉ, 08/04/2005, p. 91.

Significado fraseológico: Surpreender, impressionar

- Variações que ocorrem dentro de um campo lexical homogêneo.

Nas variações que ocorrem dentro de um campo lexical homogêneo, um item lexical é substituído por outro de valor semântico semelhante. Dessa forma os sentidos das expressões não sofrem variações consideráveis, isto é, se mantêm em um campo lexical. Muitas vezes o sentido pode se manter mesmo com a variação do item lexical. Vejamos os exemplos a seguir:

Virar o placar a seu favor / Virar o jogo a seu favor

“Para «virar o placar a seu favor», a Volkswagen está lançando o Gol(...)” IstoÉ, 31/05/2005, p. 71.

“Quando você ler uma notícia, um folheto ou uma carta, lembre-se de que isso pode virar Reciclato e que isso pode «virar o jogo a favor» e muita gente. Use e faça sua parte nessa história.” Veja, 25/05/2005 p. 101

Significado fraseológico: Fazer com que as circunstâncias favoreçam

Estar / Ficar boiando

“O pior de «ficar boiando» é que quanto mais você afunda menos as pessoas te dão a mão.” IstoÉ, 29/05/2002, p. 113.

“Ser lembrado por «estar sempre boiando» é um passo para não ser mais lembrado.” IstoÉ, 05/12/2001, p. 77.

Significado fraseológico: estar / ficar de fora de um assunto

Estar / Ficar de olho

“«Fique de olho» no comprovante de venda: ele pode estar premiado com R\$ 150,00”, IstoÉ, 20/12/2000, p. 03.

“Dobre seu poder de sedução. «Tô de olho» nesses olhos azuis”, IstoÉ, 02/01/2002, p. 25.

Significado fraseológico: Estar / ficar atento.

- Variação que ocorre pela inserção de um item lexical:

- a) Inserção de um adjetivo ou advérbio

Ir fundo / Ir um pouco mais fundo

“Todo treinador gostaria de ser o Bernadinho. E toda panela gostaria de ser Tramontina. Talvez por isso as panelas inox do mercado estejam tão parecidas. Mas as semelhanças não ficam só na aparência. «Indo um pouco mais fundo», você vai encontrar a primeira grande diferença das panelas inox Tramontina: o fundo triplo.” Época, 06/12/2004, p. 03.

Significado fraseológico: aprofundar um pouco mais

Segurar a barra / Segurar muitas barras

“Sua mãe já «segurou muitas barras». Mas nenhuma igual a esta” Época, 25/04/2005, p. 49.

Significado fraseológico: enfrentar muitas situações difíceis.

Ficar no papel / Ficar só no papel

“Sem aço, o mundo «fica só no papel».” IstoÉ, 06/11/2002, p. 03/04

Significado fraseológico: não realizar o que foi planejado

Dar um salto / Dar um grande salto

“Há dez anos, a Globosat realizou um feito que fez a televisão «dar um grande salto».” Época, 16/04/2001

Significado fraseológico: passar por um grande desenvolvimento, avançar

Colher os frutos / Colher ótimos frutos

“A Cemig já recebeu mais de 500.00 crianças em seus projetos de educação ambiental. Através destes projetos, elas se informam, se conscientizam e conhecem o que é preciso fazer para preservar o nosso planeta. Plantando sementes assim, a Cemig tem certeza de que o nosso futuro vai «colher ótimos frutos».” Época, 06/06/2005, p. 67.

Significado fraseológico: colher ótimos resultados

b) Inserção de pronomes: Nos textos publicitários, percebemos que o ato comunicativo está centrado no receptor da mensagem, ou seja, o texto tem por finalidade manter um diálogo com o destinatário da mensagem publicitária. Dessa maneira, Sandmann (1993) afirma que a linguagem da propaganda se utiliza de vários recursos para dialogar com o leitor e um deles é a utilização de pronomes na segunda pessoa. Nas palavras do estudioso:

O ato comunicativo centrado no receptor se distingue pela forte presença de períodos interrogativos, o modo das ordens, pedidos ou conselhos. Há também muitos pronomes e verbos de 2ª pessoa, palavras dêiticas – com destaque aos pronomes demonstrativos e advérbios de lugar – relacionadas com a 2ª pessoa e vocativo. (SANDMANN, 1993, p. 25)

Essa estratégia é muito utilizada com as EIs, em que o publicitário insere algum pronome, normalmente na segunda pessoa, na estrutura de uma expressão, sem que haja perda do sentido figurado. Vejamos alguns exemplos em que percebemos a presença de pronomes dentro das expressões idiomáticas. Os pronomes foram destacados em negrito e sublinhados, indicando que foram adicionados às expressões:

Meter a mão no seu bolso

“Na hora da revisão, andam «metendo a mão no seu bolso»? Está na hora de você comprar um Peugeot.” *Época*, 21/05/2001, p. 03.

Significado fraseológico: Cobrar um valor muito alto.

Vestir sua camisa

“... precisa compartilhar os sonhos do seu povo, «vestir sua camisa», defender suas cores.” *Época*, 28/07/2003, p. 10/11.

Significado fraseológico: Adotar uma causa e lutar por ela.

Diante do seu nariz

“Tem uma grande oportunidade «diante do seu nariz». Aproveite.” *Época*, 19/03/2003, p. 03.

Significado fraseológico: Bem próximo.

Encher seus olhos

“DVDteca Folha. Filmes que vão «encher seus olhos».” *Época*, 09/05/2005, p. 34.

Significado fraseológico: Agradar

Colocar você contra o paredão

“O 31 deu um jeito de facilitar o caminho da fama pra você. Você liga para o Portal de Voz 31, se diverte e ainda concorre a duas vagas no Big Brother. Quanto mais você ligar, mais chances você vai ter. Já pensou? Entrar no Big Brother, sair de lá famoso e com 1 milhão de reais no bolso? A gente não quer «colocar você contra o paredão», mas é melhor ligar agora.” *Veja*, 24/11/2006, p. 71.

Significado fraseológico: Pressionar

Deixar você sem palavras

“As fotos «deixam você sem palavras». É aí que entram os textos.” *Época*, 31/05/2000, p. 124.

Significado fraseológico: Deixar alguém atônito; deixar alguém surpreso.

- Outros tipos de modificações

Em nosso *corpus* encontramos expressões em que sua estrutura foi modificada pela

substituição de um item lexical, com a finalidade de gerar o sentido literal da expressão. Para Xatara (1998), este seria o caso de expressões idiomáticas deformadas, ou seja, “expressões que representam trocadilhos” (XATARA, 1998, p. 173). O item lexical substituído é sempre relacionado com o produto a ser divulgado, no entanto é possível ao leitor, se este conhecer a expressão em questão, identificar a relação entre a nova expressão e a expressão prototípica. Vejamos os textos publicitários abaixo, em que temos uma relação com as expressões *esperar a poeira abaixar*, *dar o que falar* e *caiu na rede é peixe*, respectivamente. No entanto, ao inserir os itens lexicais, “espuma”, “lucro” e “gastar”, os sentidos das expressões tornam-se literais.

“Era só uma questão de «esperar a espuma abaixar».” IstoÉ, 28/04/2004, p. 92.

“«Caiu na rede é lucro»” IstoÉ, 05/01/2000, p. 93.

O novo Credicard Cash Back é a novidade que vai «dar o que gastar». IstoÉ, 13/08/2003, p. 17.

2.5.1 Considerações em torno das variações da EIs

Varias modificações foram encontradas nas EIs dentro do discurso publicitário, variações empregadas para uma melhor adequação ao texto e aos objetivos desse gênero textual. Muitas modificações, embora interfiram na estrutura sintática, não interferem de forma agressiva no sentido original da expressão. O que ocorre, muitas vezes, é a intensificação do sentido, como no caso da expressão *colher frutos*, que foi encontrada em nosso *corpus* com um adjetivo, *colher ótimos frutos*. Com a inserção do adjetivo “ótimo”, o sentido da expressão não sofre uma mudança brusca e passa de “obter resultados” para “obter ótimos resultados”. Outro exemplo, em que podemos perceber que o sentido da expressão permanece fixo mesmo com algumas alterações, é aquele em que ocorre a substituição de um item lexical por um outro que pertence ao mesmo campo lexical. As expressões *virar o placar ao seu favor* e *virar o jogo ao seu favor*, por exemplo, possuem o mesmo sentido (fazer com que as circunstâncias favoreçam), mesmo compostas por itens lexicais diferentes. Sobre esse assunto, Ferraz e Souza (2004) salientam que essas alterações não comprometem o sentido original das expressões, uma vez que as EIs, presentes no dia a dia do falante, já estão cristalizadas

pelo uso.

No entanto, algumas variações, além de favorecer mudanças de estrutura, apresentam mudanças semânticas. É o caso das expressões deformadas, isto é, aquelas em que a substituição de um item lexical causa a leitura literal da expressão. Um exemplo disso seria a expressão “esperar a espuma abaixar”, que faz um trocadilho com a expressão original *esperar a poeira abaixar*, que, no caso da primeira expressão, está veiculada em uma propaganda de cerveja e a “espuma” em questão refere-se à espuma da cerveja. Neste caso, não temos relação entre os sentidos e, portanto, a mudança estrutural causa prejuízo ao significado da expressão original.

Em uma visão geral, as modificações que ocorrem com as expressões idiomáticas são empregadas com o objetivo de chamar a atenção e dialogar com o leitor, haja vista o número de expressões que encontramos, nas quais pronomes, em geral de segunda pessoa, foram inseridos. A grande maioria dessas alterações não descaracteriza a expressão idiomática em sua condição de estrutura fixa e indecomponível, pois muitas vezes o sentido da expressão permanece fixo, mesmo que sua estrutura tenha sido modificada.

2.6. Expressões idiomáticas de estruturas em aberto

Existem algumas expressões que possuem uma estrutura aberta, e por este motivo é possível sofrer diferentes tipos de mudanças, por exemplo a inclusão de itens lexicais diferentes. Além disso, o item lexical a ser incluído é que definirá se a combinação será idiomática ou não, isto é, se o sentido é figurado ou não. Na expressão *coloque sua saúde nas mãos*, podemos dizer que temos uma estrutura fixa do tipo “coloque (X) nas mãos”, sendo que X pode ser substituído por um item lexical que melhor se encaixe no contexto. Na propaganda abaixo, o X é substituído pelo item lexical (saúde). Porém, se X fosse substituído por (vida), (casa), (carro), entre outros, a sequência não deixaria de ser idiomática e teria o mesmo sentido de “confiar algo a alguém”. É importante salientar que X é que define se a expressão possui sentido figurado. Na sequência [coloque (suas chaves) nas mãos e aguarde minha ordem para abrir o carro] percebemos que não se trata de uma expressão idiomática, uma vez que X foi substituído por um item lexical (chaves) que pode ser colocado nas mãos e por isso temos o sentido literal da expressão. Devemos lembrar que o contexto também é importante para determinar se a sequência trata-se de uma expressão idiomática ou se

possui o sentido literal. Vejamos a expressão em questão, no texto publicitário abaixo:

Coloque (sua saúde) nas mãos:

“Quando o assunto é educação e promoção do bem-estar e da saúde, o Profissional de Educação Física é o mais indicado para alcançar as maiores conquistas. «Coloque sua saúde nas mãos» de quem lhe oferece segurança e qualidade.” Veja, 28/09/2005, p. 34.

Um outro exemplo de expressão de estrutura em aberto é “carregar X nas costas”, que em nosso *corpus* X foi substituído pelo sintagma nominal “o mundo”, e então temos a expressão *carregar o mundo nas costas*, que significa ter uma grande responsabilidade. Se X fosse substituído por (minha família), por exemplo, teríamos a expressão *carregar minha família nas costas*, cujo sentido seria ter responsabilidade sobre a família no sentido de arcar com todas as despesas. Assim, o contexto e o item lexical inserido na expressão serão determinantes para definir a idiomaticidade da expressão. Em uma sequência como [eu gosto de carregar (a mochila) nas costas] não teríamos uma expressão idiomática, uma vez que “a mochila” pode ser levada nas costas literalmente, o que não é verdade para “mundo” e “família”. Analisemos a publicidade em que aparece a expressão em questão:

Carregar (o mundo) nas costas

“Você decide: «Carregar o mundo nas costas» ou levar uma vida de aventuras”. Veja, 30/03/2005, p. 28.

2.7. Expressões idiomáticas neológicas

Podemos dizer que a publicidade é a porta de entrada para muitas palavras e expressões neológicas no português brasileiro. Como o texto publicitário é marcado pela criatividade e originalidade, este se revela “um meio bastante eficaz pelo qual muitas palavras novas entram na língua.” (FERRAZ, 2006, p. 232). Podemos destacar as expressões idiomáticas neológicas como sendo muito produtivas na linguagem da publicidade. Vale lembrar que consideramos neológica

toda aquela expressão que não faz parte da nomenclatura dos três dicionários de língua portuguesa que foram adotados como *corpus* de exclusão lexicográfica, como especificado na primeira seção deste capítulo. Portanto, com a aplicação desse critério, temos que a expressão é neológica do ponto de vista lexicográfico.

A seguir, explicitaremos textos publicitários em que podemos encontrar expressões neológicas e a seguir teceremos comentários em relação a suas características.

Nascer para martelo e Nascer para prego

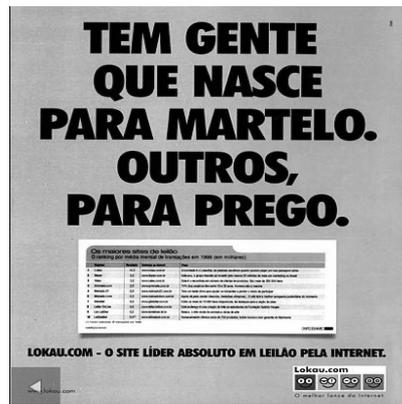


Figura 6: Revista Veja, 22/03/2000

Na figura acima, temos um texto publicitário no qual podemos encontrar duas expressões neológicas, *nascer para martelo* e *nascer para prego*, cujos significados são, respectivamente, “ser líder” e “ser subordinado”. Na segunda expressão, *nascer para prego*, ocorre a elipse do verbo “nascer”, porém podemos recuperá-lo pela sequência linguística. Em relação ao sentido das expressões, podemos dizer que se opõem um ao outro, então estamos diante de um caso de expressões antônimas.

Outra característica das expressões em questão, refere-se ao valor semântico. Podemos afirmar que ambas as EIs são fortemente conotativas, visto que os sentidos denotativos dos itens lexicais presentes na expressão não possuem relação com o sentido conotativo que as expressões assumem. Por exemplo, “martelo” nada tem a ver com “líder”, tampouco “prego” está relacionado com “subordinado”. Para depreender o sentido de uma dessas expressões é necessário que o falante esteja dentro da realidade extralingüística que subjaz às EIs, isto é, é preciso que este falante saiba que na construção em questão, “martelo” é em um instrumento provido de um material forte (ferro) utilizado, entre outras funções, para pregar pregos. Desse modo, este falante pode associar essas características com a de um líder. Dessa mesma maneira, “prego”, em tal contexto, pode ser

colocado em uma posição inferior ao “martelo”, se compararmos sua função e dimensões, e pode ser associado a um “subordinado” que, em relação ao “líder”, tem funções e poder limitados.

Podemos destacar também a expressão neológica *cobrar um tiro de meta*, como sendo fortemente conotativa. Tal expressão, cujo sentido é “mandar algo para bem longe”, pode ser facilmente entendida se o leitor/destinatário conhecer o universo do futebol, no qual cobrar um tiro de meta constitui ato corriqueiro de um goleiro que, com isso, chuta a bola em direção oposta à sua área. Além disso, a imagem nos remete ao contexto de futebol, justamente para direcionar seu leitor no entendimento da mensagem. Vejamos a expressão no texto publicitário em questão na figura 7:

Cobrar um tiro de meta

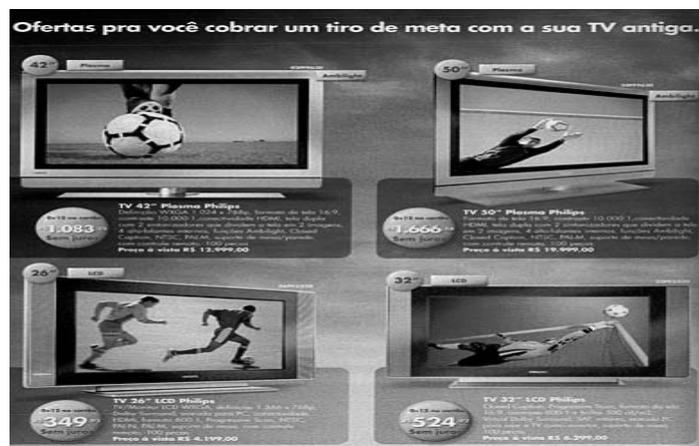


Figura 7: Revista Veja, 22/03/2005

2.7.1 Outros exemplos de expressões neológicas e sua tipologia

As expressões neológicas *tirar a roupa*, *pra lá de Marraquesh* e *ser o demo* são classificadas do ponto de vista sintático, respectivamente, como “sintagma verbal”, “sintagma adverbial” e “sintagma nominal”. Em relação à classificação quanto ao seu valor semântico, temos que *tirar a roupa* e *ser o demo* são “fortemente conotativas”, visto que não existe referência entre o valor conotativo dos itens lexicais e seus sentidos literais. Já a expressão *pra lá de Marraquesh* é fracamente conotativa, pois podemos fazer uma relação entre os itens lexicais “pra lá” e o sentido da expressão que é (bem longe). Vejamos os textos publicitários em que aparecem as expressões citadas acima.

Tirar a roupa:

Visite o www.banco.net e saia lucrando com informações como: «Tire a roupa» do seu banco: onde você descobre quanto os maiores bancos privados do país estão cobrando de seus clientes. Veja, 18/10/2000, p. 25.

Significado fraseológico: Descobrir informações que são omitidas propositalmente.

Pra lá de Marraquesh

“Correios. Com Sedex Mundi, sua encomenda vai rapidinho «pra lá de Marraquesh.»” Veja 10/11/2004, p. 38/39.

Significado fraseológico: Bem longe.

Ser o demo

“Loja na Internet que não explica como programas e CD-ROMs funcionam é que «é o demo.»” Vejas, 02/02/2000, sem página.

Significado fraseológico: Ser ruim

2.8 Considerações acerca das expressões idiomáticas no discurso publicitário

Reuniram-se no presente capítulo as principais características das EIs, considerando o gênero textual em questão, a propaganda. Esta análise pode contribuir tanto para as práticas lexicográficas quanto para as práticas pedagógicas. No que se refere às práticas lexicográficas, a classificação morfossintática pode ser útil para estabelecer critérios no tratamento dessas estruturas em dicionários. Além disso, a categorização morfossintática contribui para o tratamento computacional do léxico na elaboração de tradutores eletrônicos. Sobre esse assunto, Riva (2009) apoiado em Vale (2002), afirma que o mapeamento completo de todas as estruturas morfossintáticas das expressões idiomáticas é essencial, sobretudo pelo diálogo que a Fraseologia mantém com outras áreas como a tradução, a lexicografia, entre outras.

Em relação às práticas pedagógicas, a análise que se desenvolveu neste capítulo consiste em material de apoio muito rico para os professores que desejam trabalhar com as expressões idiomáticas dentro de sala de aula de língua materna. No capítulo 3, veremos como as EIs podem ser aproveitadas em sala de aula de língua materna e como estas estruturas podem ser utilizadas para o desenvolvimento da competência lexical do falante/ aluno.

CAPÍTULO III

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Hora da Brincadeira
João Anzanello Carrascoza

A língua que falamos é engraçada.
Pra perceber fique de antena ligada.
Não se deve levar tudo ao pé da letra,
Senão acaba dando a maior tetra.
Abacaxi é coisa difícil de fazer.
Dar bolo em alguém é não aparecer.
Pauleira é correria; bate-boca, discussão.
Ir a festa sem ser convidado é bicão.
Cair como um patinho é ser enganado,
Sujeito careta é um cara antiquado.
Fazer tricô é o mesmo que fofoca,
Uma situação complicada é broca.
Fazer sucesso é abafar, arrepisar;
Ir para o beleléu é fracassar.
Chutar é afirmar sem ter certeza,
Viver à sombra é querer moleza.
Banho é derrota, cabeça é cuca,
Pessoas sem um parafuso é maluca.
Preguiçoso é quem fica na maciota,
Mentir é o mesmo que contar lorota.
Aproveitar é tirar uma casquinha.
Arrecadar grana como amigos é vaquinha.
Neca é nada, na bucha é no ato,
Dar uma de bobo é pagar o pato.
Coisa sem valor é coisa mixuruca,
Desejar mal para alguém é uruca.
Xarope é uma pessoa bem chata,
Chupim é quem vive na mamata.
Desaparecer é tomar um chá de sumiço,
Estar fora é não assumir compromisso.
Velho é pai, coisa pode ser treco,
Confusão é sempre perereco.
Colega duro de aturar é mala,
Cabular é faltar à aula.
Estudar nossa língua é maneiro.
Brincar com as palavras é recreio.

O poema⁶ acima está repleto de expressões idiomáticas que são empregadas em situações cotidianas da vida de um falante. Desta forma, o poema reflete a riqueza e a variedade da língua portuguesa no que se refere às EIs. No entanto, se as EIs são utilizadas em abundância em situações

⁶ Disponível em: <http://proportoseguro.blogspot.com/2011/03/para-trabalhar-linguagem-informal.html>.

corriqueiras da vida do falante e até mesmo na publicidade impressa, como ressaltamos no capítulo 2 desta pesquisa, o trabalho com essas estruturas dentro de sala de aula ainda é bem restrito. Na realidade, podemos dizer que não apenas o trabalho com as EIs dentro de sala de aula é limitado, mas o trabalho com o léxico em geral. Esse fato está associado com a realidade histórico-social do ensino de língua portuguesa propriamente.

No início nos anos 80, o ensino de língua portuguesa, até então regido pela tradição normativa, sofreu fortes críticas a partir de estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística e assim favoreceu o surgimento de um novo quadro no cenário do ensino de língua materna. Atualmente, apoiado em pressupostos da variação linguística e psicolinguística, o ensino de língua materna considera que as situações didáticas têm por objetivo fazer com que os alunos reflitam sobre a linguagem para poder compreendê-la e assim utilizá-la de forma apropriada, levando em consideração as diferentes situações e propósitos.

Contudo, embora os questionamentos sobre o ensino de gramática tenham beneficiado o surgimento de um novo cenário, muito pouco mudou dentro da sala de aula. Sobre esse assunto, Antunes (2007) nos alerta:

Infelizmente, os avanços conseguidos pelos estudos linguísticos ainda não chegaram ao grande público, nem mesmo àquele público que teve acesso ao estudo de línguas na escola. Pelo contrário, o contato com esse estudo tem repercutido de forma pouco positiva nas pessoas, no que se refere às perspectivas com que se vêem a linguagem, a língua, a gramática, vocabulário etc. (ANTUNES, 2007, p.15)

Como podemos ver, no cenário atual ainda existem resquícios do ensino tradicional que priorizam a gramática normativa, visto que os avanços linguísticos que se baseiam na concepção de um ensino que favoreça uma reflexão sobre as variantes da língua ainda não são privilegiados. Esse fato reforça o preconceito contra as formas da oralidade e as variantes não-padrão e por este motivo o ensino das EIs ainda é negligenciado no ensino de língua materna.

De acordo com os PCN (1998), a discriminação de formas linguísticas, principalmente aquelas pertencentes ao nível coloquial da língua, demonstra que certos grupos sociais, orientados pela gramática tradicional, fazem uma avaliação muito superficial da língua, culminando no preconceito linguístico. Nesse sentido, a escola deve desempenhar um papel crucial no combate a esse preconceito. É necessário que a escola trabalhe no sentido de valorizar as variantes linguísticas, ressaltando que são estruturas legítimas e próprias da língua. Fazendo isso, a escola estará,

portanto, contribuindo para a formação da consciência linguística do aluno e também para o desenvolvimento da competência comunicativa.

A situação do ensino, no que tange ao uso de formas linguísticas que não pertencem à norma culta padrão, afeta diretamente os livros didáticos de língua portuguesa (LDP), uma vez que estes apresentam uma abordagem pouco exploratória das EIs. Outro fator que contribui para a marginalização das EIs no ensino de língua materna está relacionado à escassez de publicações que abordem o ensino de EIs nas aulas de língua portuguesa. Em consequência desses fatores, o professor de língua portuguesa fica desamparado, sem informações necessárias para desenvolver o trabalho dentro da sala de aula.

O presente capítulo, portanto, tem por objetivo apresentar reflexões sobre o trabalho com as EIs no ensino de língua portuguesa de língua materna. Para isso, teceremos considerações sobre os PCN do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Consideramos que os PCN são documentos indispensáveis a serem utilizados como parâmetros já que estes refletem sobre a função do ensino de língua portuguesa. Além disso, descreveremos quais as habilidades necessárias para que o falante se torne competente em sua própria língua, no que tange ao ensino do léxico e, a partir dessas reflexões, elaboraremos propostas de atividades com as EIs que servirão de práticas para o desenvolvimento da competência lexical do aluno. Consideramos pertinente neste capítulo discutir aspectos cognitivos que envolvem as expressões idiomáticas. A linguística cognitiva tem muito a oferecer e enriquecer o contexto de ensino/aprendizagem da língua portuguesa no que tange aos fraseologismos, uma vez que fornece informações sobre a aquisição e armazenamento dessas estruturas em nosso léxico mental, o que, a nosso ver, são informações relevantes para o ensino.

3.1 O ensino de expressões idiomáticas no livro didático

Ao analisar uma coleção de livros didáticos voltada para o ensino fundamental, a ausência do trabalho com as EIs pode ser verificada, uma vez que em coleção composta por quatro volumes, que vai do sexto ao nono ano do ensino fundamental, somente um volume mencionou as expressões idiomáticas. O primeiro volume da coleção, destinado aos alunos do sexto ano, apresenta algumas expressões idiomáticas ao longo dos vinte e seis capítulos. Ao todo, o livro apresenta vinte e seis expressões. Vejamos abaixo uma imagem do livro que ilustra como o primeiro volume dessa

coleção abordou as expressões:

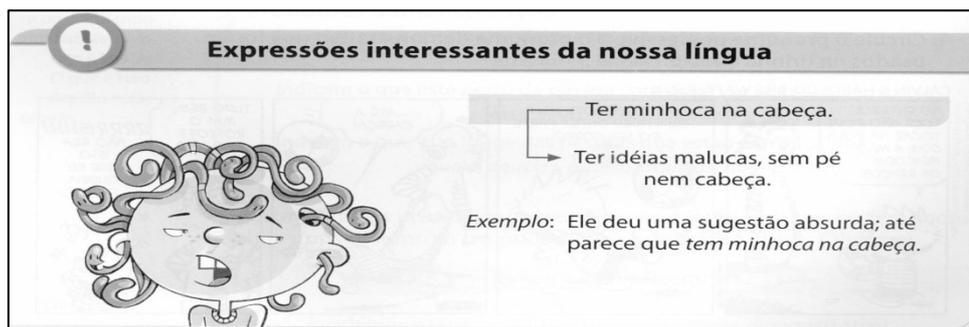


Figura 8: Imagem que ilustra o tratamento das EIs nos LDP

Podemos perceber, através dessa figura, que a abordagem das expressões foi feita, até certo ponto, de maneira muito interessante. O fato de o livro nomear essas unidades fraseológicas como “expressões interessantes da nossa língua” chama a atenção do aluno para uma unidade que faz parte de seu cotidiano. Nesse sentido, percebemos que existe uma tentativa de aproximação do tópico a ser estudado com o aluno, o que, a nosso ver, é muito positivo. Além disso, o livro apresenta um exemplo da expressão empregada em uma oração, e, deste modo, o professor pode trabalhar de maneira contextualizada. Entretanto, há também alguns aspectos negativos que podem ser destacados, como a imagem apresentada pelo livro, que reflete o sentido literal da expressão. Existe, assim, uma tentativa de desconstruir a expressão idiomática, visto que a imagem tenta enfraquecer uma das principais características da expressão, que é o seu caráter conotativo ou metafórico. Esse fato não colabora para um aprendizado satisfatório das expressões e, conseqüentemente, não contribui para a expansão lexical do aluno.

Embora tenhamos verificado a presença do trabalho com as EIs no livro em questão, acreditamos que, para que o aluno amplie seu vocabulário, seriam necessárias atividades que, de fato, privilegiassem o uso real das expressões idiomáticas e favorecessem as práticas necessárias para o desenvolvimento da competência lexical no que tange às UFs. É preciso, portanto, que os livros didáticos apresentem atividades que evidenciem o uso contextualizado das EIs em um gênero textual que circule no meio social.

3.2 A importância do gênero textual no processo de ensino-aprendizagem

Uma das funções da escola no que concerne à ampliação da competência comunicativa do aluno seria cultivar a diversidade, isto é, a língua real falada no dia a dia, como salienta Antunes (2007). É preciso, sobretudo, que o aluno tenha consciência da diversidade da língua e, para isso, a escola deve favorecer práticas que privilegiem a percepção dessa diversidade pelos alunos. Antunes (2007, p. 107) exemplifica uma série de tópicos os quais a diversidade deve compreender:

3. Diversidade de modalidade de usos da língua: neste caso os alunos devem conviver tanto com textos orais como também com os escritos;
4. Diversidade de norma: explorar tanto textos na norma culta padrão, quanto textos que compreendem a norma não padrão;
5. Diversidade de registros: permitir que o aluno tenha contato com o nível de língua formal e também informal;
6. Diversidade de suporte: possibilitar o contato do aluno com textos veiculados em diferentes tipos de suporte (de livros, de jornais, de revistas, de cartazes etc.);
7. Diversidade de funções: permitir que o aluno tenha contato com textos literários e textos não-literários (informativo, expositivos, persuasivos, apelativos, explicativos etc.);
8. Diversidade de gêneros textuais: permitir que o aluno tenha o acesso a uma diversidade de gêneros textuais, como artigos de opinião, anúncios publicitários etc.

Sobre a diversidade de gêneros textuais, os PCN (1998) ressaltam a importância de se trabalhar os gêneros como objeto de ensino. É preciso lembrar que a seleção dos gêneros a serem trabalhados deve levar em consideração não só aqueles que pertencem ao universo do aluno, mas também aqueles que possuem uma grande circulação social. Os gêneros escolhidos é que vão determinar os tipos de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. De acordo com os PCN (1998):

A grande diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino; assim, uma seleção é necessária. Neste documento, foram priorizados aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social, encontrando-se agrupados, em função de sua circulação social, em gêneros literários, de imprensa, publicitários, de divulgação científica, comumente presentes no universo escolar. (PCN,

1998, p. 53)

Ainda em conformidade com os PCN (1998), o texto publicitário é um gênero textual que deve ser privilegiado em sala de aula para o trabalho com a leitura de textos. A propaganda circula comumente no universo social e, a partir da leitura deste gênero textual, espera-se que o aluno, no que tange à prática de análises linguísticas, possa desenvolver capacidades que serão listadas a seguir:

- a) reconhecer características referente a esse tipo de gênero, considerando o estilo e a construção composicional;
- b) fazer uma análise das sequências discursivas predominantes e também dos recursos expressivos característicos da publicidade;
- c) observar a variação linguística e a escolha do registro em função do gênero publicidade;
- d) ampliar o repertório lexical, isto é, não só a aquisição de novas palavras, mas sim consolidação do conhecimento sobre o uso mais apropriado dessas palavras;
- e) ativar estratégias como as inferências pragmáticas para depreender o sentido de expressões que fazem parte do seu vocabulário;
- f) interpretar recursos figurativos tais como, as metáforas, metonímias, hipérboles.

Todas essas habilidades podem ser praticadas dentro de sala de aula a partir da utilização de textos publicitários, com a finalidade de ampliar o repertório lexical do aluno, além de auxiliar no desenvolvimento de sua competência lexical.

3.3 As implicações do léxico e da linguagem no ensino de língua materna

O léxico pode ser definido como um conjunto aberto de unidades lexicais de uma determinada língua que está à disposição do falante para que este possa se expressar. Dizemos que o léxico é um conjunto aberto, pois este está constantemente em expansão, devido ao caráter dinâmico inerente à língua. Além disso, através do léxico, podemos perceber “as marcas das visões de mundo que os falantes alimentam, ou os traços que indicam seus ângulos de percepção das coisas.” (ANTUNES, 2007, p.42).

Diante da grande importância que o léxico desempenha na língua, não parece aceitável que o

ensino de língua materna privilegie somente o ensino da gramática em sala de aula e desfavoreça o ensino do léxico. O ensino de língua portuguesa que tenha por função favorecer práticas privilegiadas para o ensino do léxico permite que o aluno/falante tenha condições necessárias para se portar de forma satisfatória nas diversas situações sociais.

Nessa perspectiva, é importante considerar que o ensino do léxico deve não só privilegiar a ampliação do vocabulário do aluno/falante, mas também proporcionar que o aluno seja capaz de definir e reconhecer as formas de utilizar o vocabulário em diversas situações sociais, isto é, o ensino do léxico deve atuar de forma a desenvolver a competência lexical do aluno/falante. Sobre essa temática, Antunes (2007) afirma que “Todo falante, para ser eficaz, precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário empregar (vocabulário técnico, especializado, fora do usual, comum, literal, metafórico, coloquial).” (ANTUNES, 2007, p. 45). Considerando esse aspecto, apresentar aos alunos diversos tipos de vocabulários, bem como evidenciar em quais contextos estes melhor se adaptam, contribui de forma positiva para formar um falante eficaz, do ponto de vista linguístico. Logo, atividades com as expressões idiomáticas favorecerão a ampliação lexical e, conseqüentemente, permitirão que este falante tenha mais propriedade ao utilizar o vocabulário.

Sobre esse assunto, Nogueira (2008) afirma que é essencial que as EIs sejam inseridas no processo de ensino-aprendizagem do léxico, tanto de língua materna quanto de língua estrangeira. Para o referido autor, essa situação pode conscientizar o aprendiz sobre o “tesouro fraseológico” que existe em seu próprio idioma. Além disso, o falante pode desenvolver o que o referido pesquisador, em conformidade com Conca (2005), denomina de “competência fraseológica”. Segundo Nogueira (2008), a competência fraseológica é a “capacidade de gerir as UFs dentro do discurso” (NOGUEIRA, 2008, p. 104). Podemos dizer que a competência fraseológica está diretamente ligada à competência lexical que, por sua vez, compreende cinco componentes, segundo Tréville e Duquette (1996) citado por Bezerra (1998):

1. Componente linguístico (relativo à palavra e à frase) – constituído pelo conhecimento das formas oral e escrita dos itens lexicais, de sua estrutura, de seus diversos sentidos, de suas relações morfossintáticas e de seus contextos privilegiados;
2. Componente discursivo – constituído pelo conhecimento da combinação das palavras com as séries lexicais que apresentam relações lógico-semânticas entre si (regras de coesão, coerência, co-ocorrência);
3. Componente referencial – conhecimento relativo às experiências pessoais, aos objetos do mundo e suas relações e que permite prever, no discurso, as seqüências lexicais correspondentes a estereótipos de comportamentos sociais;
4. Componente sociocultural – constituído pelo conhecimento do valor das palavras de acordo com os registros linguísticos, de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação;
5. Componente estratégico – capacidade de manusear as palavras em suas redes associativas

com o objetivo de esclarecer, resolver um problema de comunicação e capacidade de superar o desconhecimento de palavras por procedimentos de inferência a partir de pistas contextuais (compreensão) ou de formulações aproximadas, paráfrases e definições (produção). (TRÉVILLE e DUQUETTE, 1996, apud BEZERRA, 1998, p.98):

Como este trabalho tem por objetivo a utilização das EIs no ensino de língua portuguesa em favor do desenvolvimento da competência lexical, faremos uma relação direta entre a competência fraseológica e a competência lexical que chamaremos de competência léxico-fraseológica. Dessa forma, os cinco componentes que devem ser trabalhados para o desenvolvimento efetivo da competência lexical de um aluno serão apropriados de forma a considerar as EIs.

3.3.1 A competência léxico-fraseológica

Associando as EIs ao componente linguístico, o aluno deve estar consciente das diversas formas que as EIs podem assumir levando em consideração sua utilização em modalidades e registros diferentes. Nesse caso, o aluno saberá que existem formas que são mais privilegiadas em uma situação do que em outras. Outro ponto relacionado ao componente linguístico é o conhecimento da estrutura de uma unidade fraseológica. No caso das expressões idiomáticas, embora a fixidez seja uma característica forte dessas estruturas, é possível que haja modificações em sua estrutura para que melhor se adapte ao contexto, principalmente quando levamos em consideração as EIs nos discurso publicitário. As relações morfossintáticas também podem ser trabalhadas nesse componente, e assim é possível mostrar que as EIs, além de funcionarem como unidades simples, podem assumir relações morfossintáticas diferentes. Além de todas essas características que se relacionam com o componente linguístico, é essencial que o contexto em que as EIs devem ser utilizadas seja especificado.

Em relação ao componente discursivo, devemos lembrar que as UFs são elementos que atuam no discurso dando coesão sintática, semântica e pragmática. Sendo assim, é essencial que o aluno conheça o sentido da expressão para que este possa perceber as relações lógico-semânticas presentes no texto.

O componente referencial está ligado ao conhecimento prévio que o aluno tem sobre o gênero e tipo textual aos quais está sendo exposto, pois, nesse caso, ele terá condições de prever e entender o tipo de vocabulário a ser utilizado. Por exemplo, se o aluno sabe previamente as características inerentes à publicidade, ele poderá prever que, em se tratando de um discurso

marcado pela expressividade, possivelmente ele encontrará uma linguagem mais figurada. Essa linguagem figurada está representada no uso das EIs.

No que tange ao componente sociocultural, é preciso que o aluno consolide seu conhecimento em relação ao valor das EIs, isto é, ele deve saber que essas estruturas que pertencem à linguagem coloquial devem ser empregadas em situações de comunicação específicas.

Por último, temos o componente estratégico que consiste na capacidade do aluno entender o texto utilizando estratégias como, a inferência. Nesse caso, o aluno, ao utilizar essa estratégia, é capaz de entender palavras que não pertencem ao seu repertório lexical. Em uma relação com a competência léxico-fraseológica, esse componente pode auxiliar o aluno a identificar pistas textuais que o levem a depreender o sentido de uma expressão idiomática neológica, se esta ainda não for de conhecimento do aluno. Como as expressões neológicas não estão dicionarizadas, o aluno terá que utilizar o próprio texto para superar esse desconhecimento.

É importante ressaltar que a competência léxico-fraseológica está intrinsecamente ligada à competência comunicativa. Sendo assim, o desenvolvimento da primeira provoca o desenvolvimento da segunda.

Considerando as reflexões sobre os componentes da competência léxico-fraseológica, proporemos, a seguir, uma amostra de atividades que podem ser aplicadas em sala de aula com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento da competência léxico-fraseológica.

3.3.2 *Propostas de atividades*

Propostas de atividades 1

Objetivo geral: trabalhar o componente linguístico.

Objetivos específicos: Refletir sobre os itens lexicais que indicam níveis de formalidade diferentes; reconhecer as expressões que sofreram variações para a adequação ao contexto; trabalhar as relações morfossintáticas que as expressões desempenham na oração.

1. Considere o texto publicitário a seguir, veiculado na revista *Veja* de 04/05/2008:

“A maneira mais fácil da sua mãe fazer pão: sem **pôr a mão na massa**”.

a) Na expressão em negrito, “pôr a mão na massa”, o verbo “pôr” poderia ser substituído por qual dos verbos a seguir:

1. encaixar
2. colocar

3. estabelecer
4. acomodar

b) O sentido da expressão altera com a substituição do verbo?

Não, o sentido da expressão não altera com a substituição.

c) Em sua opinião, qual a diferença entre os dois verbos nessa expressão?

O verbo “pôr” é menos formal do que o verbo “colocar”.

d) Você conhece outras formas de variação para esta expressão?

Botar a mão na massa

2. Considere o texto publicitário a seguir, veiculado na revista IstoÉ em 18/06/2003, p.83:

“Uma porta pode se abrir para você”

a) Qual expressão idiomática está presente no texto?

Abrir portas.

b) Em sua opinião, por que a estrutura da expressão em questão foi modificada?

Para se adequar ao contexto.

3. Considere os seguintes textos publicitários veiculados na revista IstoÉ em 08/04/2005:

“Conheça Minas. A paisagem **tira o fôlego** e a hospitalidade devolve.”

“A revista Motor Show atropela a concorrência e mostra novidades de **tirar o fôlego**.”.

a) A expressão em negrito “tirar o fôlego” desempenha a mesma função nos dois textos?

Não

b) Qual é a função que a expressão desempenha em cada texto?

No primeiro texto a expressão funciona como um verbo, já no segundo como um adjetivo.

Proposta de atividade 2

Objetivo geral: trabalhar o componente discursivo

Objetivos específicos: Identificar as relações lógico-semânticas entre as expressões e outros itens lexicais.

1. Leia o texto publicitário a seguir veiculado na revista IstoÉ em 19/05/2004:

“Então, **arregaçaram as mangas** e não só trabalharam como também estudaram novas formas de plantio, tecnologias, sementes e administração.”

a) Identifique no texto qual palavra está relacionada ao sentido da expressão em negrito.

O verbo “trabalhar”

b) Se você não conhecesse a expressão “arregaçar as mangas”, você acredita que a relação entre a expressão com o verbo “trabalhar” o ajudaria a entender o texto? Por quê?

Sim, pois o verbo “trabalhar” tem relação com o próprio sentido da expressão.

Proposta de atividade 3

Objetivo geral: trabalhar o componente referencial

Objetivos específicos: Trabalhar o conhecimento de mundo do aluno em relação às escolhas lexicais do gênero textual em questão.

1. Leia os textos publicitários a seguir, veiculados na revista IstoÉ em 19/12/ 2001 e 29/05/2002, respectivamente:

“No investa você vê direitinho qual o investimento que está batendo um bolão.”

“O pior de ficar boiando é que quanto mais você afunda menos as pessoas te dão a mão.”

a) Identifique as expressões idiomáticas presentes no texto.

- Bater um bolão;
- Ficar boiando;
- Dar a mão.

b) Qual o sentido dessas expressões?

1. Dar certo;
2. Estar desinformado sobre um determinado assunto;
3. Ajudar.

c) Em sua opinião, por que os textos publicitários preferem utilizar as expressões idiomáticas?

Justifique sua resposta.

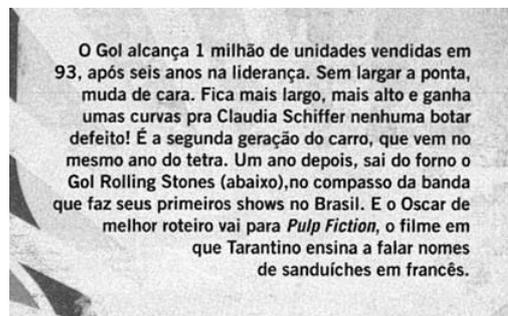
As expressões idiomáticas facilitam a interação entre o texto e o leitor, na medida em que estabelecem certa familiaridade com o leitor. Além disso, elas despertam a atenção do interlocutor quando são modificadas e relacionadas ao produto a ser divulgado.

Proposta de atividade 4

Objetivo geral: trabalhar o componente sociocultural.

Objetivos específicos: consolidar o conhecimento sobre o valor semântico das expressões idiomáticas no que tange às situações privilegiadas.

1) Leia o texto publicitário a seguir, retirado da revista *Veja* em 28/09/2005, p. 57:



a) Identifique as expressões idiomáticas presentes no texto.

Largar a ponta;
Mudar de cara;
Sair do forno.

c) Se você estivesse escrevendo uma carta para o prefeito de sua cidade, comunicando um problema de sua região, você usaria expressões idiomáticas em seu texto? Justifique sua resposta.

Não, pois as expressões idiomáticas não são adequadas para essa situação, já que pertencem à variedade coloquial da língua. Enquanto que em uma carta para o prefeito, devemos utilizar uma linguagem mais formal.

Proposta de atividade 5

Objetivo geral: trabalhar o componente estratégico.

Objetivos específicos: fazer inferências para compreender o sentido das expressões neológicas.

1) Leia a propaganda a seguir, retirada da revista *Veja* em 22/03/2005, e responda:



a) Você conhece a expressão “cobrar um tiro de meta”?

Não.

b) O que esta expressão quer dizer na propaganda acima?

Quer dizer para você mandar sua televisão para bem longe, ou seja, desfazer de sua televisão antiga para assim poder adquirir uma nova.

c) Quais elementos no texto o ajudaram a chegar ao sentido da expressão?

As imagens apresentadas pela propaganda remetem ao universo do futebol em que, cobrar um tiro de meta significa chutar a bola a uma longa distância.

3.3.3 Reflexão em torno das atividades propostas

As atividades apresentadas na seção 3.3.2 vão ao encontro das reflexões de Figueiredo (2010), sobre o ensino do léxico. A referida pesquisadora condena a crença de que a aprendizagem do léxico surge de forma intuitiva e automatizada, bastando a imersão na língua, e por este motivo a aplicação de atividades sistemáticas é necessário. Para Figueiredo (2010), atividades que favorecem a memorização como processo cognitivo através de listas de palavras devem ser recusadas e atividades que favorecem uma reflexão do ponto de vista do funcionamento da língua devem ser privilegiadas. É importante ressaltar que as atividades apresentadas nesta seção são apenas propostas elaboradas de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas para o desenvolvimento da competência léxico-fraseológica do falante. No entanto, as possibilidades de propostas não se

esgotam, uma vez que podemos trabalhar com as EIs para desenvolver outras competências. É preciso, porém, conhecer aspectos cognitivos que envolvem as EIs, pois esses aspectos podem influenciar diretamente o ensino de línguas, inclusive, na elaboração de atividades.

3.4 Aspectos cognitivos relacionados às expressões idiomáticas

Nesta seção discutiremos aspectos cognitivos de modo a entender mais a fundo como acontece o processo de interpretação e o armazenamento das expressões idiomáticas em nosso léxico mental. Além disso, ressaltaremos a importância desses aspectos para o processo de ensino e aprendizagem dos fraseologismos.

No que concerne ao processo de interpretação, Gibbs (1986) realizou alguns experimentos com o objetivo de verificar uma hipótese sobre o processo de compreensão de uma expressão idiomática. Essa hipótese parte da ideia de que para entender o sentido não-literal (convencional) de uma expressão, o indivíduo a analisa de forma literal. Em outras palavras, essa hipótese sugere que para entender uma expressão idiomática, o sentido literal é processado antes da extração do sentido convencional.

Entretanto, Gibbs (1980) mostra que, ao realizar os experimentos, essa hipótese não se confirmou. O pesquisador examinou o tempo que cada indivíduo utilizou para entender o uso literal e idiomático da expressão “Let the cat out of the bag”, cujo sentido literal e idiomático é respectivamente, “permitir que o gato saia do saco” e “revelar um segredo”. Os experimentos mostraram que os indivíduos levaram menos tempo para ler e fazer um julgamento da expressão com sentido idiomático do que o sentido literal. Para o estudioso, esse resultado mostra que para compreender o sentido idiomático de uma expressão não é necessário computar o seu sentido literal. Nas palavras de Gibbs (1986):

The results showed that people took much less time to read and make paraphrase judgments for conventional, nonliteral uses than for literal uses. This suggests that people can comprehend the meaning of idioms more or less directly without first computing their literal interpretations. (GIBBS, 1986, p. 18)

Gibbs (1986) defende que o fato de uma expressão idiomática ser familiar e seu sentido

convencionalizado poder ter uma relação com o resultado obtido no experimento. Além disso, o estudioso ressalta a importância do contexto para que a interpretação seja feita diretamente.

Nessa mesma perspectiva cognitivista, Jackendoff (1997) discute como acontece o armazenamento das EIs no léxico mental do falante. Para o estudioso, alguns pesquisadores (Chomsky, 1957, Weinreich, 1969, Fraser, 1970) buscaram mais do que uma simples descrição das unidades complexas, como as EIs, mas sim uma explicação cognitiva para esses fenômenos. Nesse sentido, houve uma tentativa de explicar como acontece o armazenamento e o processamento das referidas construções no léxico mental (Cf. JACKENDOFF, 1997, p160). As hipóteses levantadas por Chomsky (1957), citado por Jackendoff (1997), sobre a inserção lexical foram relevantes para o tema, cuja complexidade é ressaltada por muitos autores. No entanto, Jackendoff (1997), ao propor a teoria de licenciamento lexical para explicar os aspectos cognitivos das expressões fixas, refuta alguma dessas hipóteses.

A hipótese padrão de que o léxico, responsável pelo armazenamento do vocabulário mental seja composto, em sua maioria, apenas por palavras, foi questionada por Jackendoff (1997, p. 153). O pesquisador refuta essa hipótese com o argumento de que a quantidade de “fixed expressions” (expressões fixas) é da mesma proporção das “single words”. Dessa forma, não existem motivos para as EIs, sendo elas compostas por uma sequência de palavras, se tornarem uma parte relativamente marginal do léxico. Nas palavras de Jackendoff (1997)

There are a vast number of such memorized fixed expressions; these extremely crude estimates suggest that their number is of about the same order of magnitude as the single words of the vocabulary. Thus they are hardly a marginal part of our use of language. (JACKENDOFF, 1997, p. 156)

De fato, percebe-se que as expressões fixas são bastante representativas no léxico. É importante ressaltar que expressões fixas abrangem várias estruturas, por exemplo as EIs, as fórmulas rotineiras, o provérbio e, em conformidade com Jackendoff (1997, p. 156), os títulos de filmes e músicas, as citações, clichês, entre outros. Nesse sentido, podemos visualizar a grande representatividade das expressões fixas no léxico em comparação com as “single word”, ou seja, unidades simples. Sobre essa temática, Jackendoff (1997, p. 157) sinaliza que qualquer estrutura que faça parte da língua e que foi construída a partir dos níveis de representação linguísticos (fonético, semântico e fonológico), estão necessariamente localizadas no léxico. Portanto, o referido autor nos ensina que não existe outra faculdade mental em que as expressões fixas devem estar localizadas a não ser o léxico mental.

Outra suposição questionada por Jackendoff (1997, p.158) nos mostra que a inserção das estruturas fixas no léxico se dá por meio da sintaxe que as insere em uma categoria chamada pelo autor de D-structure (estrutura profunda). Assim, temos que os itens lexicais são introduzidos como uma lista:

(1) N (nome) → cachorro, gato, banana

(2) VP (sintagma verbal) → bater as botas, ficar no banco de reservas.

No entanto, o pesquisador mencionado aponta um grande problema para essa hipótese no tratamento da EIs, uma vez que, ao admitir que a inserção lexical de uma EI acontece desta forma, estamos admitindo também que não existe uma estrutura interna para elas e que, portanto, não é possível aplicar os processos de flexão dos verbos (bater, ficar, para “bater as botas” e “ficar no banco de reservas”, respectivamente), tampouco processos que modificam os itens (as botas, no banco de reservas) uma vez que estes não são marcados como sintagmas nominais. Jackendoff (1997, p. 158) acredita que a partir do momento em que reconhecemos a estrutura interna das EIs do tipo (2) VP, devemos então buscar um possível tratamento para essas construções. Desse modo, não devemos tratar as EIs meramente como estruturas fixas, já que existe a possibilidade de variações das estruturas internas dessas combinações, como podemos observar no exemplo abaixo.

(3) Segurar a barra / Sua mãe já «segurou muitas barras». Mas nenhuma igual a esta. Veja, 29/03/2006, p. 30.

No exemplo (3) podemos observar que o verbo sofreu uma mudança de tempo e que o pronome indefinido “muitas” foi inserido para modificar quantitativamente o substantivo. Nesse caso, o questionamento de Jackendoff (1997) é muito pertinente, pois se aceitarmos que as EIs são inseridas na forma de listas, estamos admitindo que são estruturas fixas e, assim, o fato dessas estruturas sofrerem modificações não poderia ser explicado.

Para Jackendoff (1997, p. 162), o armazenamento das EIs prevê uma articulação da sintaxe, da fonologia e da semântica em um mesmo nível, e não um modelo que considera apenas a sintaxe, pois não existem argumentos linguísticos disponíveis que considere a superioridade da sintaxe frente à semântica e à fonologia. Portanto, o autor considera que as EIs consistem em estruturas

“tripartidas” (PS, SS, CS)⁷, que são ligadas entre si por regras de correspondência.

Outro ponto discutido pelo autor corrobora a idéia de correlação entre os níveis sintático, semântico e fonológico. Para Jackendoff (1997, p. 159), a relação entre os traços de um componente são invisíveis uns aos outros, ou seja, não podemos dizer que a estrutura sintática de uma expressão idiomática como “Bater as botas” pode explicar ou nos remeter ao sentido idiomático da expressão, uma vez que o traço sintático é invisível ao semântico. O pesquisador nos ensina que se considerarmos que a interpretação semântica ocorresse depois da inserção lexical (nível sintático), então as EIs deveriam necessariamente vir marcadas de alguma forma, pois, do contrário, somente o sentido literal da correspondente livre seria acionado, ou seja, seria difícil estabelecer uma diferença entre as EIs e as combinações livres.

Jackendoff (1997), ao refutar algumas hipóteses da teoria de Chomsky (1957) para as estruturas sintáticas, tem por objetivo apresentar a sua teoria de licenciamento lexical para as expressões fixas. Com essa teoria, o pesquisador se opõe à idéia de inserção lexical e nos mostra que as expressões fixas são licenciadas e não inseridas no léxico mental. Além disso, esse licenciamento se dá através da correlação entre os traços sintático, semântico e fonológico. A teoria de licenciamento lexical das expressões complexas, desse modo, pode esclarecer que, embora a fixidez seja uma característica definidora das EIs, existem possibilidades de variação que não acarretam prejuízos ao sentido dessas construções.

Em seu modelo da teoria do licenciamento lexical, Jackendoff (1997, p. 168) postula que o lugar do licenciamento das EIs varia de acordo com a composicionalidade de cada expressão. Assim, temos que as expressões podem estar licenciadas no léxico como uma superfície completa, ou seja, expressões que dificilmente sofrerão alterações de ordem sintática ou semântica. Por outro lado, podemos encontrar expressões de superfície em aberto, cuja flexibilidade sintática é ressaltada. Para o pesquisador citado, uma expressão idiomática como “bater as botas”, que significa “morrer”, é exemplo de uma expressão de superfície completa e, desta maneira, não aceita facilmente alterações, pois o papel temático do argumento “botas” não tem relação com o verbo “bater”, que, por sua vez, só se liga a esse argumento por relação sintática. Já a expressão “abrir as portas”, que denota “oferecer oportunidades”, seria uma estrutura de superfície em aberto, uma vez que o papel temático do argumento interno “portas” está relacionado ao verbo “abrir”. A estrutura de superfície da expressão fica em aberto, pois só é determinada pela relação sintática e semântica. Dessa forma, é possível observar uma série de alterações de ordem sintática possíveis para essa

⁷ PS: Estrutura fonológica; SS: Estrutura sintática; CS: Estrutura conceitual (semântica)

expressão:

(4) Abrir as portas/ As concessionárias Renault estão de portas abertas. Participe. Pegue sua chave e concorra. Veja, 12/10/2005, p.6.

O último ponto questionado por Jackendoff (1997, p. 166) relaciona-se à hipótese de que o léxico inclui apenas as informações que não podem ser previsíveis. Todas as informações redundantes, ou seja, previsíveis por regras sintáticas são extraídas do léxico e passam a ser de responsabilidade do componente sintático. Jackendoff (1997) se opõe a essa idéia com a seguinte indagação: como então uma expressão idiomática pode estar inserida no léxico se esta é composta por unidades lexicais que já fazem parte do léxico e que, portanto, pela lógica da redundância não poderiam ser repetidas? Com este questionamento, Jackendoff (1997) parece reforçar o argumento de que as EIs estão licenciadas no léxico e não inseridas, bem como a hipótese de que esse licenciamento acontece de forma a correlacionar os níveis fonológico, sintático e semântico.

Sobre esse assunto, Marques (2007) afirma que os aspectos cognitivos relativos ao processo de construção e fixação das EIs são informações úteis a serem relacionadas ao ensino/aprendizagem das referidas unidades. Embora a autora esteja centrada no ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, aproveitaremos algumas reflexões para este trabalho. A referida autora analisa as EIs à luz da teoria cognitivista da metáfora e metonímia para explicar a relação entre o sentido literal e o significado fraseológico das expressões. Desse modo, ao observar tal relação, Marques (2007) afirma existir um princípio metafórico similar que pode ser atribuído a diferentes línguas. Este princípio pode explicar a existência de expressões idiomáticas semelhantes em sistemas linguísticos distintos. Esta constatação, segundo Marques (2007), pode ser utilizada como conceitos universais que formariam uma base para a inferência fraseológica. Inferir o sentido de uma expressão idiomática através de sua motivação metafórica pode auxiliar tanto no ensino de uma língua estrangeira, quanto no ensino de uma língua materna.

Não podemos nos esquecer que o contexto é o elemento fundamental para a interpretação e produção das EIs, segundo Marques (2007). Dessa maneira, considerando a importância que o contexto representa, podemos concluir que o ensino dessas unidades nunca deve ser feito de forma descontextualizada, em listas de vocabulários, mas através de atividades que provoquem a reflexão sobre o uso dessas unidades, como as apresentadas na seção 3.3.2, deste capítulo.

As informações que se desenvolveram até aqui são de suma importância, principalmente para os professores da Educação Básica. É necessário que os professores tenham informações sobre as estruturas em questão para que estes possam desenvolver o trabalho de forma satisfatória.

3.5 O papel do professor no ensino-aprendizagem do léxico

O professor é sem dúvida uma peça chave no processo de ensino-aprendizagem, pois é ele o responsável por mediar e criar situações e práticas favoráveis para o desenvolvimento do aluno. Sobre essa questão, os PCN (1998) acrescentam:

A mediação do professor, nesse sentido, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo - intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições - articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e lingüísticos. (PCN, 1998, p. 48)

No que diz respeito ao papel do professor no trabalho com as expressões idiomáticas dentro de sala de aula, Xatara (2001) explica que ao professor cabe explicitar para os alunos as principais características das expressões idiomáticas. Assim, os alunos serão capazes de reconhecer tais estruturas nos textos, compreender seus significados, relacionar o sentido das estruturas com o contexto e fazer associações. Para que o professor trabalhe com as expressões idiomáticas dentro de sala de aula de forma a ajudar o aluno no desenvolvimento da competência lexical, ele precisa conhecer intimamente as estruturas em questão.

Ainda sobre a mesma temática, podemos citar Bagno (2004), que nos mostra a importância de um professor conhecer profundamente a língua. O autor citado compara o ensino ao uso do computador. Assim, ele explica que, para fazer o uso de um computador, o usuário não precisa conhecer o hardware (parte mecânica), pois isso compete aos especialistas e técnicos. No ensino não é diferente, pois para utilizar a língua nas diversas práticas sociais, o aluno não precisa conhecer profundamente a gramática da língua, isto é, os nomes e designações dadas a algumas classificações. No entanto, o professor deve ser conhecedor da “mecânica do idioma”, ou seja, da gramática da língua. Bagno (2004), explica que:

Nós, sim, professores, temos que conhecer profundamente o hardware da língua, a mecânica do idioma, porque nós somos instrutores, os especialistas, os técnicos. Mas não nossos alunos. Precisamos, portanto, redirecionar todos os nossos esforços, voltá-los para a descoberta de novas maneiras que nos permitam fazer de nossos alunos bons motoristas da língua, bons usuários de seus programas. (BAGNO, 2004, p. 120)

Levando a reflexão de Bagno (2004) em consideração e apropriando-a ao contexto do trabalho com as EIs no ensino de língua materna, o professor deve estar ciente de todas as características relativas às estruturas em questão, como as características relacionadas no capítulo 2 deste trabalho. Desse modo, esse professor poderá mediar o ensino do léxico, utilizando as EIs como objeto de estudo que contribui para a ampliação lexical e o desenvolvimento da competência lexical do aluno.

Importa considerar que, mesmo o professor consciente de todas as informações acerca das EIs, seria fundamental que ele adotasse um dicionário escolar como material didático de apoio para o ensino do léxico. No entanto, o professor enfrenta problemas no que tange ao uso dos dicionários para o ensino das EIs, pois estes não possuem critérios para a inclusão dessas expressões complexas em sua nomenclatura. A solução para esta questão se resolveria se os estudos lexicográficos, principalmente voltados para o ensino de língua materna, direcionassem mais atenção para obras que tenham por objetivo representar o léxico especial da língua, como, no caso, as EIs.

Na seção que se segue, veremos qual o impacto dos estudos lexicográficos voltados para a prática pedagógica na produção de dicionários especiais, isto é, dicionários específicos de EIs.

3.6 Expressão idiomática no dicionário especial pedagógico

A lexicografia pedagógica (doravante LP) é um ramo ou uma subárea da lexicografia, cujo objetivo central, enquanto prática, é desenvolver obras lexicográficas destinadas aos aprendizes de língua materna e/ou estrangeiras. Já enquanto saber teórico, esta área tem por finalidade desenvolver estudos para potencializar o uso das obras lexicográficas como material pedagógico/didático a ser utilizado em sala de aula. No entanto, a lexicografia pedagógica ainda destina muito pouco de sua atenção ao léxico especial da língua, isto é, às expressões idiomáticas.

O tratamento das expressões idiomáticas nos dicionários, em geral, revela muitos problemas práticos e teóricos. Muitas vezes os dicionários não possuem critérios seguros para a inclusão das expressões, o que acarreta dificuldades para encontrá-las. Desse modo, o trabalho com o léxico especial, sobretudo as expressões idiomáticas, fica bastante comprometido, já que os dicionários representam uma grande contribuição para o ensino do léxico. Sobre essa temática, Rodrigues (2011) corrobora o que já foi dito:

A aprendizagem do léxico está intimamente relacionada com a obra lexicográfica, pois o dicionário é um recurso utilizado e indicado para a consulta de novos vocabulários, seja na língua estrangeira ou materna, contribuindo, conseqüentemente, para o enriquecimento lexical do usuário. (RODRIGUES, 2011, s/n)

Rodrigues (2011) comenta sobre a importância de se trabalhar com as expressões idiomáticas dentro de sala de aula e afirma existir dois pontos a se considerar ao questionar a validade da necessidade de inclusão das expressões idiomáticas no ensino do léxico. Primeiro, é necessário lembrar que essas unidades são estruturas que fazem parte da comunidade linguística, e o segundo ponto está relacionado ao uso dessas estruturas (coloquial / oral) que migra, cada vez mais, para textos escolares escritos. Para a referida autora, devido ao fato de não ficar claro para alguns estudantes a relação dos significados isolados de cada componente lexical da expressão com seu sentido geral, é comum o professor se deparar com perguntas dos alunos relacionadas ao sentido dessas expressões. Como o significado de uma expressão é compartilhado socialmente, pode ocorrer de um grupo conhecer tal significado e outro não, ou ainda outra situação em que o professor pode desconhecer o significado da expressão. Além disso, o desconhecimento dessas unidades pode perturbar a compreensão de um texto. Ao lermos um texto, ativamos uma série de estratégias que ajudam no entendimento deste como, por exemplo, a inferência. A inferência é uma estratégia empregada para depreender o sentido de uma palavra ou expressão. Entretanto, quando a dificuldade nos impede de realizar a inferência, devemos recorrer ao dicionário. Melhor ainda se pudéssemos recorrer aos dicionários especializados, como os de expressões idiomáticas. Contudo, infelizmente, não dispomos ainda no Brasil de um dicionário específico de expressões idiomáticas, monolíngue, voltado para o português brasileiro. O que nos anima, quanto a isso, porém, é a existência de projetos em andamento - como o do prof. Aderlande Ferraz na FALE/UFMG - que culminarão, em um futuro próximo, na elaboração de tais dicionários especializados.

Existem no Brasil muitos dicionários intitulados especiais de expressões idiomáticas, porém, ao analisarmos essas obras, encontramos misturados, provérbios, ditados populares, entre outros. Xatara (2001) também denuncia esse tipo de problema:

Nos dicionários especiais, contudo, as unidades lexicais selecionadas geralmente são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a expressões idiomáticas, nosso tema central, unidades muito heterogêneas e heteróclitas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais. (XATARA, 2001 s/p)

No se refere à organização interna de um dicionário, esta representa um papel crucial no ensino do léxico, pois é a partir das informações contidas aí que o professor poderá escolher um bom dicionário que atenda às necessidades de seus alunos. Esta organização é dividida em duas partes, a macroestrutura e a microestrutura .

A macroestrutura do dicionário, que diz respeito à organização geral do dicionário, deve indicar o público alvo e o objetivo específico da obra lexicográfica. Desse modo, informações sobre o critério de seleção das unidades lexicais a serem trabalhadas e o perfil do dicionário, se é bilíngue ou monolíngue, são informações que devemos encontrar nessa seção.

No que concerne à microestrutura, que diz respeito ao paradigma definicional, também esta deve ser bastante criteriosa, uma vez que se está tratando de uma parte do dicionário que desperta um grande interesse por parte de seus consulentes.

A nosso ver, e em conformidade com Xatara (2011), a microestrutura do dicionário especial de expressão idiomática deve, ainda, apresentar informações de ordem sintática e semântica:

Informações morfossintáticas:

- a) Indicar se a expressão pode sofrer algum tipo de variação (flexão do verbo, variação ou inclusão do artigo).
- b) Indicar se a expressão possui alguma restrição sintática (nominalização, passiva)
- c) Indicar as possibilidades de inclusão ou substituição de elementos internos da expressão.

Informações semânticas:

- a) Apresentar expressões sinônimas ou antônimas daquela que está sendo definida.
- b) Apresentar variações de uma mesma expressão que não acarrete diferença no significado.
- c) Indicar o valor conotativo da expressão (fortemente ou fracamente conotativa)
- d) Indicar as informações de cunho pragmático da expressão, assim o consulente poderá empregá-la corretamente no discurso atingindo assim o efeito desejado.
- e) Apresentar exemplos (o consulente terá a oportunidade de observar em quais contextos a expressão é utilizada).

Todas as informações apresentadas relativas tanto à macroestrutura quanto à microestrutura dos dicionários são de extrema relevância em um dicionário especial de expressões idiomáticas.

Com essas informações, o consulente poderá ampliar seu repertório lexical e o dicionário desempenhará, de fato, sua função de instrumento auxiliador da competência lexical.

3.7 Considerações em torno do processo de ensino /aprendizagem do léxico

Diante das reflexões discutidas ao longo deste capítulo, podemos concluir que o êxito no ensino-aprendizagem das expressões idiomáticas não depende unicamente de um livro didático que inclua em seu repertório atividades que privilegiem as EIs, tampouco um dicionário pedagógico de expressões idiomáticas contendo todas as informações necessárias e que contribua de forma positiva para o desenvolvimento de competências necessárias para as práticas sociais. Precisamos, na verdade, é de um ensino adaptado às necessidades atuais e que favoreça, acima de tudo, práticas para que o aluno reconheça a língua que ele utiliza no seu dia a dia.

Ao professor compete a responsabilidade e a importante tarefa de mostrar a riqueza lexical da língua, de modo a incluir a variação linguística e, mais do que isso, preparar seu aluno para usar seu repertório lexical de forma adequada, inclusive em situações que transcendem as práticas escolares. Sobre esse assunto, Cafiero (2010, p, 105) acrescenta que:

Ao tratar a variação linguística na sala de aula o professor estará levando os alunos a perceberem que a língua não é uma só, não é usada sempre da mesma maneira em qualquer situação de comunicação. As regras linguísticas variam dependendo das situações de uso. A partir da comparação dos textos que circulam socialmente, o aluno será levado a identificar como os usos da língua são múltiplos, dependendo do contexto.

Além disso, o trabalho com o léxico, a partir de unidades fraseológicas como as EIs, implica *“proporcionar ao aluno recursos para compreender e expressar intenções e conotações implícitas no discurso.”* (FIGUEIREDO & FIGUEIREDO, 2010, p. 158). O trabalho com as EIs implica também o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o falante/aluno seja lexicalmente competente em sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, buscamos um diálogo entre a Fraseologia e o ensino de português como língua materna; e desta forma esperamos contribuir de forma significativa, tanto na esfera teórica quanto na prática, para a valorização do trabalho com as expressões idiomáticas.

As EIs são, dentre todas as unidades fraseológicas, aquelas que mais refletem a expressividade da língua, pois congregam metáforas capazes de expressar perfeitamente as sutilezas de nosso pensamento. Podemos afirmar que a expressividade observada nas EIs é o que motiva o discurso publicitário a utilizar amplamente essas construções fraseológicas. A análise aqui empreendida nos mostrou que as EIs, quando empregadas no discurso publicitário podem sofrer variações tanto em sua forma sintática - na inserção de um item lexical - quanto em sua função morfossintática. A análise nos revelou ainda que os textos publicitários, muitas vezes, jogam com o sentido literal e o sentido conotativo das EIs. Esta estratégia é utilizada como uma maneira de chamar e prender a atenção do leitor/consumidor. As informações reunidas na análise das EIs consistem em um material, de apoio, muito rico para que o trabalho com as expressões seja feito de forma contextualizada.

Sabemos que o livro didático é o material mais utilizado em sala de aula, embora seja desejável que o professor busque materiais em fontes diferentes. No entanto, salientamos que o livro didático apresenta uma abordagem pouco exploratória no que tange às EIs, o que não favorece o trabalho em sala com as estruturas em questão. Desta forma, esta pesquisa pode dialogar também com pesquisadores engajados na produção de livros didáticos, entendendo que estes devem abordar as EIs de forma contextualizada, como vemos nos textos publicitários. Assim, o trabalho com as mensagens publicitárias apresentado aqui, voltado para o ensino das expressões idiomáticas, constitui uma pequena amostra do que é possível fazer em sala de aula de língua portuguesa, considerando especialmente o desenvolvimento da competência lexical.

Em se tratando do ensino do léxico, trabalhar com as EIs proporciona uma reflexão sobre a heterogeneidade lexical, isto é, a variedade linguística. Porém, é preciso realizar um trabalho em que o objetivo seja o desenvolvimento da competência lexical do aluno. Nessa perspectiva, ao propor atividades com as EIs, buscamos exemplificar propostas de atividades para desenvolver os cinco componentes da competência lexical, o linguístico, discursivo, sociocultural, referencial e o estratégico.

Por fim, ao propor um trabalho com as EIs, construções lexicais que ainda são marginalizadas no ensino de português devido ao preconceito linguístico para com as formas da oralidade, esperamos contribuir para uma visão mais ampla sobre a língua e conseqüentemente para a diminuição desse preconceito.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AURÉLIO, B. H. F. *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (versão eletrônica)

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Lucerna, 2009. 671 p.

BEZERRA, Maria Auxiliadora: Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário. In: *Intercâmbio*. PUCSP; 1999; VIII; 169; 178; Português; 1413-4055. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4034>. Acesso em: 25 set. 2011.

BIDERMAN, M. T. C. Lexemas e lexias. Lexias simples e complexas. In: *Teoria linguística: Teoria Lexical e Linguística Computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 169-178.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106 p. (PCNs 5ª a 8ª Séries)

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coords). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p. (Coleção Explorando o Ensino, v. 19)

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo. Editora Ática. 3ª Edição, 2000.

CORPAS Pastor, G., *Manual de Fraseología Española*. Madrid, Editorial Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR. Gloria. En torno al concepto de colocación. In: *Euskera*. 46, Bilbao, real Academia de la lengua Vasca.,2001. Disponível em <http://www.euskaltzaindia.net/dok/euskera/11643.pdf>. Acesso em: 19 set. 2011.

DIAS, Maria C. P. e GARRÃO. Milena U. *Um Estudo de Expressões Cristalizadas do Tipo V+SN e*

sua Inclusão em um Tradutor Automático Bilíngue (português/inglês). 2001. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br>. Acesso em 04 ago. 2011.

FERRAZ, A. P e SOUZA, K. C. O uso de expressões idiomáticas em textos publicitários. In: *Maestria*. Revista da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas. – V.1, n. 2 p.143-153 (jan/jun. 2004).

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. T. C. O. (Org). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras. 2006. p. 219-234.

FIGUEIREDO, Eunice Barbieri. FIGUEIREDO, Olívia Maria. Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural. In: *Limite*. nº 4, 2010, p. 155-166

GAMA, Bárbara Sofia Nadais. *O léxico em aulas de ple um contributo para o ensino de colocações*. Dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira. PORTO, 2009

GIBBS, R.W. Spilling the beans on understanding and memory for idioms. In: *Memory & cognition*, 8. 1980, p. 449-456.

GIBBS, R.W. Skating on thin ice: Literal meaning and understanding idioms in conversation. In: *Discourse Processes*. n. 9, 1986, p. 17-30.

GIBBS, R. W. Why Idioms are not dead metaphors. In: CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (Eds), *Idioms: Processing, structure and interpretation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. p 57-78.

HOUAISS, António. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (versão eletrônica)

JACKENDOFF, Ray. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge: The MIT Press, 1997.

KÖVECSES, Zoltán. *Methaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press. 2002.

KRIEGER, M. da Graça; FINATTO, M. José B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LACERDA, Roberto Cortes. Dicionário de provérbios: francês, português, inglês / Roberto

Cortes de Lacerda, Helena da Rosa Cortes de Lacerda, Estela dos Santos Abreu. Editora Unesp, São Paulo, 2004.

MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. Locuções com valor intensivo em português: transferências semânticas, graus de lexicalização. In: ISQUEIRO, Aparecida Negri. ALVES, Ieda Maria (ORGs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 483 p. 41-52

MARQUES, E. A. Las unidades fraseológicas desde la perspectiva cognitiva. Estado de la cuestión. In: Isabel González Rey. (Org.). *Les expressions figées en didactique des langues étrangères*. Fernelmont: Éditions Modulaires Européennes, 2007, v. 1, p. 11-31.

MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda. 1998. (versão eletrônica)

NOGUEIRA, L. C. R. *A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros*. 2008. 249f. Dissertação (Mestrado em linguística aplicada) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ORTIZ ÁLVAREZ. M. L. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. In: *Revista brasileira de linguística*. Vol. 9, nº 1, 1997. Ano 9. Editora Plêiade.

RODRIGUES, Gislene. SILVA, Maria C. P. Lexicografia e o Ensino de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa. In: ISQUERDO, Aparecida N. BARROS, Lídia A. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Volume V. Editora UFMS. Campo Grande – MS, 2011.

SACKL, Ana María Barrera Conrad. *Unidades fraseológicas em dois poemas do martin fierro de josé hernandez e suas traduções*. Travessias número 01. Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte. Disponível em http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/traducoes/UNIDADES%20FRASEOL%20GICAS%20EM%20DOIS%20POEMAS.pdf. Acesso em 18 set. 2011.

SANDMANN, Antonio José. *A linguagem da propaganda*. São Paulo. Contexto, 1993.

SILVA, Moisés Batista. Uma palavra só não basta: Um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: *Revista de letras*. N. 28 vol. 1/2 –janeiro/dezembro de 2006. pag.11/20.

ŠKOLNÍKOVÁ, Pavlína. *Las colocaciones léxicas en el español actual*. 2010. Disponível em http://is.muni.cz/th/145385/ff_m/Las_colocaciones_lexicas_en_el_espanol_actual.pdf. Acesso em:

19 set. 2011.

TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e Convencionais*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

TAGNIN, Stella. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal. 2005.

VILELA, Mario. As expressões idiomáticas na língua e no discurso.. In: *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do centro de linguística da Universidade de Porto*. Vol. 2, 2002, 159-189.

XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das Expressões Idiomáticas. In: *Alfa*. São Paulo: v. 42: p. 195-210, 1995.

XATARA, Cláudia Maria. O Resgate das Expressões Idiomáticas. In: *Alfa*. São Paulo: v. 39: p. 169-176, 1998.

XATARA, Cláudia Maria. SUCCI, Thais Marini. *Revisitando o conceito de provérbio.veredas on line – a temática – 1/2008*, p. 33-48 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN 1982-2243. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>. Acesso em 18 ago. 2001.

_____. *Dicionário de expressões idiomáticas francês-português/português-francês*. Idioma, 21. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro. UERJ, 2001, p. 19-22. Disponível em: http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a03.pdf. Acesso: 18 ago. 2011.

ZULUAGA, Francisco. Locuciones, dichos y refranes sobre el lenguaje: unidades fraseológicas fijas e interacción verbal. In: *Forma y función* 18, páginas 250-282. © Departamento de Linguística, Facultad de Ciências Humanas, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, D.C. 2004. Disponível em: <http://132.248.9.1:8991/hevila/Formayfuncion/2005/no18/11.pdf>. Acesso em: 25 set. 2011.

Obra consultada

TUFANO, Douglas. *Gramática fundamental*. 1. ed. 6º ano. São Paulo: Moderna, 2007.

APÊNDICE

Contexto das expressões idiomáticas

BARTER À PORTA - Quando o amor bater à sua porta, bata na porta da CAIXA. IstoÉ, 23/02/2005 p. 2-3

BATER O MARTELO – Grande leilão de imóveis locados para agências. Este é pra bater o martelo. IstoÉ, 20/11/2002, p. 13.

COLOCAR ALGUÉM CONTRA O PAREDÃO – O 31 deu um jeito de facilitar o caminho da fama pra você. Você liga para o Portal de Voz 31, se diverte e ainda concorre a duas vagas no Big Brother. Quanto mais você ligar, mais chances você vai ter. Já pensou? Entrar no Big Brother, sair de lá famoso e com 1 milhão de reais no bolso? A gente não quer colocar você contra o paredão, mas é melhor ligar agora. Veja, 24/11/2004, p. 71.

CRUZAR OS DEDOS – Promoção Petrobrás 50 Anos. Durante 50 dias, concorra a 50 gols, com 50 litros de combustível no tanque. Você nunca viu tanto 50 ao mesmo tempo. Passe num Posto Petrobrás certificado pelo Programa de olho no combustível, abasteça ou utilize algum outro serviço. Pegue o cupom e responda a pergunta “Qual a empresa que está fazendo 50 anos?”. Envie pelo correio para a Caixa Postal nº 50 Cep.: 20.010-974-Rio de Janeiro-RJ e cruze os dedos. (...). Veja, 28/01/2004, p. 115.

DAR UM BANHO – Nesse quesito, o PEUGEOT 307 dá um banho na concorrência. Veja, 23/02/2005, p. 51

DAR UMA GOLEADA – Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo. É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo. 11 de junho. Dia de dar mais uma goleada na paralisia infantil. Época, 06/06/2005, p. 52.

PAGAR CARO – Você vai pagar caro se ignorar este anúncio. Veja, 07/12/2005, p. 110.

PERDER O CHÃO – Tem que ser ousado, mas sem perder o chão. Ser moderno, mas fácil. Tem que entender de tudo muito. O Bradesco é muitas coisas para ser uma só: o seu banco. Veja, 20/04/2005 p. 02

PISAR NO FREIO – Na hora de pagar, a sua seguradora pisa no freio ou acelera? Veja, 29/06/2005 p. 02

SAIR DO PAPEL – Com o incentivo do Governo Estadual, o projeto de criar um pólo gás-químico saiu do papel, depois de 15 anos. Atualmente, ele gera mais de 20 mil empregos diretos e indiretos. Veja, 27/04/2005, p. 01 encarte 02.

TER UM DEDINHO – Aqui tem um dedinho do Santander trazendo mais confiança para você. IstoÉ, 05/09/2001 p. 18.

ESTAR SEMPRE UM PASSO À FRENTE – Player de MP3: R\$450,00. Câmera para internet: R\$ 200,00. Celular com microcomputador: R\$ 900,00. Estar sempre um passo à frente: não tem preço. Istoé, 20/06/2001 p.116.

PRA LÁ DE MARRAQUESH - Correios. Com Sedex Mundi, sua encomenda vai rapidinho pra lá de Marraquesh. Veja, 10/11/2004, p. 38/39